

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO - FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE –
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: História e Historiografia da Educação

KARINA SANTOS VIEIRA SCHLICKMANN

MUSEU IRMÃO LUIZ GARTNER:
Um percurso de investigação no acervo taxidermizado de aves e de
mamíferos (Corupá/SC - 1932-1953)

FLORIANÓPOLIS

2011

KARINA SANTOS VIEIRA SCHLICKMANN

MUSEU IRMÃO LUIZ GARTNER:

Um percurso de investigação no acervo taxidermizado de aves e de mamíferos (Corupá/SC - 1932-1953)

Dissertação apresentada no Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.
Linha de Pesquisa: História e Historiografia da Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Vera Lucia Gaspar da Silva

FLORIANÓPOLIS

2011

S344 Schlickmann, Karina Santos Vieira

Museu Irmão Luiz Gartner: um percurso de investigação no acervo taxidermizado de aves e de mamíferos (Corupá /SC - 1932-1953). Karina Santos Vieira Schlickmann. Florianópolis: UDESC/FAED, 2011.

141f.; il.

Orientadora: Vera Lúcia Gaspar da Silva.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2011.

1. História da educação. 2. Objetivos escolares. 3. Museu escolar. 4. Ciências naturais. 5. Taxidermia. I. Silva, Vera Lúcia Gaspar da. II. Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDD 370.9

KARINA SANTOS VIEIRA SCHLICKMANN

**MUSEU IRMÃO LUIZ GARTNER:
Um percurso de investigação no acervo taxidermizado de aves e de
mamíferos (Corupá/SC - 1932-1953)**

Dissertação apresentada no Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa: História e Historiografia da Educação

Banca examinadora:

Orientadora: _____
Prof. Dra. Vera Lucia Gaspar da Silva
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro: _____
Prof. Dr. Mário Steindel
Universidade Federal de Santa Catarina

Membro: _____
Prof. Dra. Gisela Eggert Steindel
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro: _____
Prof. Dra. Maria Teresa Santos Cunha
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro suplente: _____
Prof. Dra. Gizele de Souza
Universidade Federal do Paraná

Florianópolis, 14 de abril de 2011

DEDICATÓRIA

*À minha família e
ao meu grande amor,
meu esposo Maicom Miguel,
pela paciência e apoio
na minha trajetória acadêmica.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me ter dado saúde para continuar a caminhada acadêmica e profissional.

À minha família, a meu esposo, a meus sogros, aos amigos e familiares pela paciência, pelas horas de angústias, nervosismos e de pensamentos positivos compartilhados. Agradeço, de modo muito especial, à professora dra. Vera Lucia Gaspar da Silva, por ter acreditado no meu projeto de pesquisa e pelos momentos de sabedoria que compartilhou comigo.

Aos professores da banca, dra. Maria Teresa Santos Cunha, dra. Gizele de Souza, dra. Gisela Eggert Steindel, que, desde o exame de qualificação, deram suas sugestões, fizeram recomendações e deram valiosas contribuições para o bom andamento da pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo auxílio financeiro destinado a esta pesquisa.

A todos os padres do Convento Sagrado Coração de Jesus de Brusque, pelo apoio e disponibilidade de informações do objeto de pesquisa. De modo muito especial, ao pe. dr. Eloy Dorvalino Koch, SCJ (in memoriam), pelas sugestões, dicas e correções de diversos textos, e pelo pensamento positivo de que tudo daria certo.

Aos padres que residem no Seminário de Corupá. Ao diretor e formador pe. Cícero Murara, SCJ, pela disponibilidade de tempo e pelas informações acerca da história da Escola Apostólica Sagrado Coração de Jesus e do Museu Irmão Luiz Gartner, meu muito obrigada.

A todos os professores do PPGE, da linha de pesquisa “História e Historiografia da Educação”, por seus instigantes ensinamentos, sugestões e discussões.

Aos funcionários da secretaria do PPGE, por sua constante disposição em nos ajudar e orientar.

Ao grupo de estudos do Seminário Especial de Aprofundamento Teórico “Cultura Material da Escola”, coordenado pela professora dra. Vera Lucia Gaspar da Silva, meu muito obrigada pelos ótimos momentos de aprofundamento teórico.

Aos colegas da turma do mestrado de 2009, de modo especial à minha querida amiga Marlene Neves Fernandes, pelos momentos de carinho, pelas trocas de inquietações, curiosidades, ansiedades e pelo aprendizado compartilhado durante as viagens de estudos

que fizemos desde quando éramos alunas especiais em 2008, tornando-se indispensável a sua amizade.

A Juarez Segalin, pela eficiência em corrigir meus textos. Ao prof. dr. Mário Steindel, pelas orientações a respeito dos dados zoológicos das aves e dos mamíferos do MILG. A Doris Obrer, pela correção na tradução do espanhol. À bibliotecária Rosália Maria Senger, pela elaboração da ficha catalográfica desta dissertação, meu muito obrigada!

Enfim, a todas as pessoas que contribuíram direta e indiretamente para a execução desta pesquisa. A todos, meus sinceros agradecimentos!

RESUMO

O presente trabalho objetivou construir um mapa dos objetos que compõem a base da cultura material da escola primária da Escola Apostólica Sagrado Coração de Jesus - EASCJ, com ênfase no acervo do Museu Irmão Luiz Gartner - MILG -, localizado no Seminário Sagrado Coração de Jesus em Corupá/SC. O período analisado vai de 1932 a 1953, abrangendo desde a fundação da escola que abriga o museu até a sua transferência, quando o MILG passa a funcionar em seu novo e ampliado espaço museológico, onde permanece até os dias de hoje. O trabalho estuda e dá destaque a duas coleções zoológicas que fazem parte do acervo: a de aves e a de mamíferos taxidermizados. Os dados foram coletados em documentos da Congregação Sagrado Coração de Jesus e da instituição que abriga o museu. Utilizaram-se, entre outros documentos, fichas de identificação dos animais taxidermizados, banco de imagens do Arquivo Provincial Padre Lux - Appal - e do Seminário, entrevistas com padres e ex-alunos da EASCJ. Os museus de ciências naturais foram inaugurados no Brasil a partir do século XIX e desempenharam um importante papel na propagação das ciências. Registram-se instituições desta natureza, tanto como unidades isoladas, quanto como instituições pedagógicas (museus escolares). Considerando, especificamente, o museu Irmão Luiz Gartner, os dados revelaram um número significativo de aves e mamíferos no acervo. Alguns deles são hoje ameaçados de extinção. Atualmente, o acervo de aves contém, no total, 539 exemplares. Com relação ao acervo de mamíferos, conta com 198 exemplares. O trabalho também apresenta um conjunto de informações sobre demais objetos da cultura material escolar, tais como móveis, utensílios didáticos, bases arquitetônicas da edificação, que poderão ser utilizadas como fontes por pesquisadores que desejem se debruçar sobre o mesmo tema.

PALAVRAS-CHAVE: Museu escolar. Objetos escolares. História da educação. Ciências naturais. Taxidermia.

ABSTRACT

The main purpose of this paper was to draw a map of the objects which make up the Escola Apostólica Sagrado Coração de Jesus - EASCI, elementary school's cultural groundwork, stressing the collection of Museu Irmão Luiz Gartner – MILG – located Seminário Sagrado Coração de Jesus em Corupá/SC – Brazil. The 1932 to 1953 period has been analyzed, since the school's foundation, which holds the museum, to its transferring. This paper highlights two zoological collections, which make up part of it. The taxidermy of birds and mammals. The data have been collected from the congregation's documentation, identification tags from the animals, from the images Arquivo Provincial Padre Lux - Appal and the seminary, interviews with priests and former pupils of EASCI. The natural science museums were inaugurated in Brazil from XIX century and have performed an important role in the propagation of science. We specifically consider Museu Irmão Luiz Gartner, the information shows a significant number of birds and mammals, some of them are endangered. Nowadays the collection is made up of 539 samples. Regarding the mammals collection which is made up of 198 samples. This paper also shows a whole of information of different scholar material, such as furniture, school's utensils, building Groundwork, which might be used for further researches who wished to investigate the same theme.

Key words: Scholar Museum, Scholar utensil, History of education. Natural Science. Taxidermy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Collegio SCJ (Brusque).....	23
Figura 2 - Extrato da revista da Congregação.....	24
Figura 3- Foto pe. Gabriel Lux SCJ – Pioneiro dehoniano no Sul do Brasil	26
Figura 4 - Cartão Postal para divulgação da planta da EASCJ.....	27
Figura 5 - Seminaristas e professores em Corupá (1932).....	27
Figura 6 - Mapa atual de Corupá	31
Figura 7 - Vista aérea de todo o complexo da Escola Apostólica SCJ, 1970.....	32
Figura 8- Dormitório dos alunos seminaristas da EASCJ, em 1932	33
Figura 9- Dormitório dos alunos seminaristas da EASCJ	33
Figura 10 - Fachada principal: alunos e padres que se mudaram de Brusque para Corupá em 1932 (foto de dois terços do plano geral da obra concluídos)	35
Figura 11 - Fachada da Escola Apostólica de Handrup (Alemanha)	36
Figura 12 - Cozinha do seminário (provavelmente 1933). Funcionárias do seminário com as Irmãs Franciscanas de São José.....	37
Figura 13 - Planta I do jardim externo.....	38
Figura 14 - Planta II do jardim externo	38
Figura 15 - Jardim externo defronte à EASCJ	39
Figura 16 - Jardim interno da EASCJ.....	39
Figura 17 - Alguns animais e insetos taxidermizados e algumas plantas ornamentais expostos na sala de visitas do SSCJ, 1933.....	43
Figura 18 - Alguns animais taxidermizados expostos na sala de visitas do SSCJ, 1933. ..	43
Figura 19 – Cactos cultivados pelo ir. Luiz Gartner	44
Figura 20 - Entrada do MILG, 2010	46
Figura 21 - Irmão Luiz Gartner, SCJ, ao lado dos quadros de insetos taxidermizados por ele próprio no Seminário de Corupá.....	52
Figura 22 – Mutum Cavallo (<i>Mitumi Tuberosa</i>)	71
Figura 23 – Canindé (<i>Ara ararauna</i>)	72

Figura 24 – Jaburu (<i>Jabiru micteria</i>) entre dois alunos da EASCJ	73
Figura 25 – Irerê (<i>Dendrocygna viduata</i>).....	75
Figura 26 - Bezerra Siamês – Coleção de Mamíferos expostos no Museu Ir. Luiz	88
Figura 27 - Tatu-galinha (<i>Dasypus novemcinctus</i>).....	88
Figura 28 - Seminaristas na sala de aula em Corupá, 1932.....	93
Figura 29 - Seminaristas na sala de estudos em Corupá (1932).....	94
Figura 30 - Seminaristas na sala de estudos em Corupá (talvez por volta de 1946)	94
Figura 31 - Seminaristas na sala de aula, turma do 2º ano ginásial (<i>Prima</i>).....	95
Figura 32 - No fundo quadro negro de giz. Na frente a mesa e cadeira do professor. Foto das dependências na ala atual do Seminário SCJ, mobiliado com os móveis antigos.	96
Figura 33 - A mesa do professor. Foto tirada nas dependências na ala atual do Seminário SCJ, mas os móveis são antigos.....	96
Figura 34 - Globo terrestre da EASCJ. “ <i>Novo Globo Terrestre Commercial do Prof. Dr. A. Krause</i> ”.....	97
Figura 35 - Alguns materiais de ciências.....	97
Figura 36 - Capela dos alunos, em 1932	98
Figura 37 - Detalhe das colunas do refeitório. A cruz de malta em cores originais.....	99
Figura 38 - Detalhe das colunas da atual sala de televisão dos seminaristas, pintado por eles.	99
Figura 39 - Máquina fotográfica antiga do Ir. Luiz. Anos 1930	100
Figura 40 - <i>Toca-Cilindro</i> que não trazia as gravações num disco, mas num cilindro.....	100
Figura 41 - <i>Vitrola (toca-discos)</i> . Adquirida por empenho do Ir. Luiz Gartner, SCJ, nos anos 1930	100
Figura 42 - Banda de Música da EASCJ em Corupá, 1932, com o seu maestro, pe. Paulo Kremer. Esta banda teve início no seminário de Brusque (talvez em 1928)	101
Figura 43 - Banda de Música em Corupá, 1945	101
Figura 44 - Orquestra do Seminário em Corupá, 1953	102
Figura 45 - Piano do Seminário de Corupá, marca MSchwartzmann	102
Figura 46 - Banner Museu Ir. Luiz Gartner.....	107

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Lista de documentos e de enxoval do aluno em português verso em alemão.....	29
Quadro 2: Acervo de aves da Ordem Tinamiformes.....	58
Quadro 3: Acervo de aves da Ordem Struthioniformes.....	58
Quadro 4: Acervo de aves da Ordem Podicipediformes.....	58
Quadro 5: Acervo de aves da Ordem Sphenisciformes.....	59
Quadro 6: Acervo de aves da Ordem Anseriformes.....	59
Quadro 7: Acervo de aves da Ordem Phoenicopteriformes.....	59
Quadro 8: Acervo de aves da Ordem Columbiformes.....	59
Quadro 9: Acervo de aves da Ordem Psittaciformes.....	60
Quadro 10: Acervo de aves da Ordem Caprimulgiformes.....	60
Quadro 11: Acervo de aves da Ordem Trogoniformes.....	60
Quadro 12: Acervo de aves da Ordem Cuculiformes.....	61
Quadro 13: Acervo de aves da Ordem Coraciiformes.....	61
Quadro 14: Acervo de aves da Ordem Apodiformes.....	61
Quadro 15: Acervo de aves da Ordem Strigiformes.....	61
Quadro 16: Acervo de aves da Ordem Pelecaniformes.....	62
Quadro 17: Acervo de aves da Ordem Ciconiiformes.....	62
Quadro 18: Acervo de aves da Ordem Falconiformes.....	63
Quadro 19: Acervo de aves da Ordem Piciformes.....	63
Quadro 20: Acervo de aves da Ordem Galliformes.....	64
Quadro 21: Acervo de aves da Ordem Gruiformes.....	64
Quadro 22: Acervo de aves da Ordem Charadriiformes.....	65
Quadro 23: Acervo de aves da Ordem Passeriformes.....	66
Quadro 24: Acervo de mamíferos da Ordem Didelphimorphia.....	83
Quadro 25: Acervo de mamíferos da Ordem Perissodactyla.....	83
Quadro 26: Acervo de mamíferos da Ordem Lagomorpha.....	83
Quadro 27: Acervo de mamíferos da Ordem Primates.....	83
Quadro 28: Acervo de mamíferos da Ordem Artiodactyla.....	84
Quadro 29: Acervo de mamíferos da Ordem Xenarthra.....	84
Quadro 30: Acervo de mamíferos da Ordem Chiroptera.....	84

Quadro 31: Acervo de mamíferos da Ordem Carnívora.....	85
Quadro 32: Acervo de mamíferos da Ordem Rodentia.....	85

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Detalhamento do acervo de aves do MILG.....	56
Tabela 2: Detalhamento do acervo de aves do MILG em relação ao Brasil.....	57
Tabela 3: Detalhamento do acervo de aves do MILG em relação a SC.....	57
Tabela 4: Detalhamento do Acervo de Mamíferos do MILG.....	81
Tabela 5: Detalhamento do acervo de Mamíferos do MILG em relação ao Brasil.....	81
Tabela 6: Detalhamento do acervo de mamíferos separados por ordens, famílias e espécies do MILG em relação ao Brasil.....	82

LISTA DE ABREVIATURAS

APPAL – Arquivo Provincial Padre Lux
 CPSCJ – Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus
 EASCI – Escola Apostólica Sagrado Coração de Jesus
 FURB – Fundação Regional de Blumenau
 MILG – Museu Irmão Luiz Gartner
 MSCJ – Museu Sagrado Coração de Jesus
 SCJ - Sagrado Coração de Jesus
 SSCJ – Seminário Sagrado Coração de Jesus

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
I - CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO	21
1.1 ESCOLA APOSTÓLICA SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS: CONTEXTO E FUNDAÇÃO.....	22
1.1.2 Hansa Humboldt: breve histórico.....	30
1.2 ESCOLA APOSTÓLICA SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS: ENTRE OS “MUROS DA ESCOLA” – ESTRUTURA FÍSICA E DIVISÃO ESPACIAL.....	32
II - MUSEU IRMÃO LUIZ GARTNER: CONTEXTO E ACERVO	40
2.1 BREVE HISTÓRICO SOBRE O FUNDADOR DO MILG.....	42
2.2 MUSEU IRMÃO LUIZ: TORNANDO O CONHECIMENTO INVISÍVEL EM VISÍVEL ATRAVÉS DAS CIÊNCIAS NATURAIS	42
2.3 O MUSEU E AS CIÊNCIAS NATURAIS	53
2.4 ACERVO ZOOLOGICO DE AVES DO MUSEU IRMÃO LUIZ GARTNER.....	55
2.5 ACERVO ZOOLOGICO DE MAMÍFEROS DO MUSEU IRMÃO LUIZ GARTNER	80
III - POSSIBILIDADES DE PESQUISA	91
3.1 CULTURA MATERIAL ESCOLAR DA EASCI	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS: MUSEU IRMÃO LUIZ GARTNER: DADOS A MAIS SOBRE ESSE MUSEU	104
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	109
APÊNDICES	115
ANEXOS.	136

INTRODUÇÃO

GUARDAR

*Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.
Em cofre não se guarda coisa alguma.
Em cofre perde-se a coisa à vista.
Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por
admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.
Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por
ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, isto é, estar
por ela ou ser por ela.
Por isso melhor se guarda o vôo de um pássaro
Do que um pássaro sem vôos.
Por isso se escreve, por isso se diz,
por isso se publica.
Por isso se declara e declama um poema:
Para guardá-lo:
Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:
Guarde o que quer que guarda um poema:
Por isso o lance do poema:
Por guardar-se o que se quer guardar.*

(CICERO, 2008, p. 11)

Início esta introdução chamando a atenção para a necessidade de *Guardar* coisas que hoje passam despercebidas, mas que no futuro irão nos remeter a um passado desconhecido por alguns e esquecido por outros. Não *guardar* num cofre fechado para ninguém ver e ter acesso, mas vigiar, *zelar, iluminar* o que está sendo guardado. É a história em seus diversos “documentos-monumentos”: de documentos escritos, objetos e prédios escolares, a fotografias, entre outros, possibilitando a difusão de uma história.

O poema de Antonio Cícero nos remete à ação de “Guardar”. Foi justamente com a atitude de determinadas pessoas que começaram a salvaguardar a história da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus que hoje foi possível desenvolver a pesquisa desta dissertação.

Encontramos os dados empíricos para verificar se a pesquisa era viável pelos guardados no arquivo da Escola Apostólica Sagrado Coração de Jesus, popularmente denominado de “Seminário de Corupá”. Trata-se de um arquivo organizado, com pastas individuais de todos os alunos que lá estudaram. As plantas do prédio encontram-se também salvaguardadas, bem como objetos escolares: carteiras e cadeiras, mesa do professor, mapas

(geográfico, humano, políticos, do globo terrestre), esqueleto humano em tamanho real, boneco que mostra os músculos do corpo humano, entre outros. A Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus - CPSCJ também conservou de portas abertas o Museu Imão Luiz Gartner, mesmo que incompleto seu acervo (por falta de espaço físico) e sem a devida manutenção dos exemplares. Apesar das limitações, oferece ao visitante uma noção parcial das coleções de objetos taxidermizados: mamíferos, aves, répteis e peixes. Seu estado de conservação está em suficientes condições para a realização da pesquisa com múltiplos olhares históricos.

O foco do olhar desta pesquisa, no entanto, foi a construção de um mapa dos objetos que compõem a base da cultura material da escola primária da EASCJ, em Corupá/SC, com ênfase no acervo de animais (aves e mamíferos) taxidermizados.

Desta forma, a pesquisa poderá contribuir para subsidiar futuros trabalhos dos projetos de pesquisa aos quais está vinculada - *Objetos da Escola: Cultura material da escola graduada (1870-1950)* -, coordenado pela professora dra. Vera Lucia Gaspar da Silva, o qual se articula ao Projeto Nacional de Pesquisa: *Por uma teoria e uma história da escola primária no Brasil: investigações comparadas sobre a escola graduada (1870-1950)*, sob coordenação da professora dra. Rosa Fátima de Souza.

Estas pesquisas têm por objetivo principal “desenvolver estudos histórico-comparados sobre a escola graduada no período entre 1870 e 1950, envolvendo diferentes estados brasileiros, com vistas a construir uma teoria e uma história da escola primária no Brasil” (SOUZA, 2007, p. 16). Além deste campo e foco, há outras áreas de interesse, como a história da educação ou de biologia, educação ambiental, patrimônio histórico, etc. Nesta perspectiva, para a merecida socialização, insere-se o valiosíssimo, e pouco conhecido de pesquisadores de diversas áreas das ciências, acervo zoológico de aves e mamíferos taxidermizados do Museu Imão Luiz Gartner de Corupá/SC.

O período analisado compreende desde a transferência da Escola Apostólica Sagrado Coração de Jesus - EASCJ - de Brusque para Corupá, em 1932, como marco histórico-educacional da fundação da EASCJ em Corupá, data em que também são taxidermizados e expostos os primeiros animais do Museu Imão Luiz Gartner - MILG, concluído em 1953, quando passa a funcionar em seu novo e ampliado espaço museológico, onde permanece até os dias de hoje.

O apreço por objetos antigos e pela história regional foi despertado durante a realização da minha graduação em História no Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE, de 2000 a 2003. Durante o percurso da graduação, em 2002, aceitei o desafio de trabalhar na reorganização das novas instalações do Arquivo Provincial Padre Lux – Appal -, reinaugurado

em 2003. Permaneci como auxiliar até março/2009, período em que tive contato direto com os objetos “menos visualizados” (CUNHA, 2007), como: diários, manuscritos, cartas, cartões postais, medalhas, e outros. Este arquivo está localizado em Brusque/SC, nas dependências do Convento Sagrado Coração de Jesus, inaugurado em 1984 pelo falecido ex-diretor, pe. Eloy Dorvalino Koch, SCJ, para salvaguardar a memória da Congregação SCJ do Brasil Meridional e Central.

Para aperfeiçoamento teórico, frequentei, na UDESC, como aluna especial, em 2008, a disciplina Escolarização, História e Poder, ministrada pelo prof. dr. Norberto Dallabrida. No segundo semestre do mesmo ano, cursei a disciplina ministrada pelo prof. dr. Celso João Carminati, Pensamentos Pedagógicos Brasileiro. As disciplinas deram-me algum suporte teórico sobre cultura escolar no Brasil e na França e conhecimentos sobre os pensadores e defensores da educação brasileira.

Após este contato com a universidade e com alguns docentes e discentes, senti-me impulsionada a me candidatar à seleção de mestrado em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC -, na linha de História e Historiografia da Educação - Turma 2009. Para tanto, inscrevi-me, passei por todos os processos seletivos e fui aprovada.

Primeiramente, meu projeto de pesquisa sobre a trajetória escolar dos alunos do Colégio São Luiz, intitulado *Ginásio São Luiz: cultura escolar católica em Brusque/SC (1953- 1971)*, foi aprovado. O objeto a ser pesquisado foi modificado, convencida pela profa. dra. Vera Lucia Gaspar da Silva, minha orientadora, a partir de várias conversas, numa das quais lhe apresentei todo o complexo do Seminário Sagrado Coração de Jesus de Corupá. Foi “amor à primeira vista”. Em seguida, começamos a elaborar um novo projeto de pesquisa. Pesquisariamos a base da cultura material escolar desta escola, fundada em 1932 especialmente para formar jovens que queriam se tornar futuros sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus. O ensino oferecido compreendia desde o último ano primário, o 4º ano, até o ensino ginásial, em regime de internato.

Estas alterações levaram a modificar também algumas bases teóricas da pesquisa. Orientada, frequentei durante o período de março a agosto/2010 o Seminário Especial de Aprofundamento Teórico “Cultura Material da Escola”, programa promovido pelo projeto *Objetos da Escola: Cultura material da escola graduada (1870-1950)*, que me permitiu acesso a valiosos textos, nacionais e internacionais, sobre diversas categorias da cultura material escolar.

Mas a definição do problema de pesquisa se deu a partir de algumas outras leituras e reuniões com a orientadora, em especial após o exame de qualificação, ocorrido no dia 24/7/2010, nas dependências da UDESC. Compunham a banca: a profa. dra. Vera Lucia

Gaspar da Silva, como presidente da seção e orientadora; a profa. dra. Gizele de Souza da UFPR; a profa. dra. Gisela Eggert Steindel e a profa. dra. Maria Teresa Santos Cunha, ambas da UDESC. Na oportunidade, foi sugerido alterar alguns itens no trabalho apresentado para a qualificação.

Após a análise da orientadora e da orientanda, foram acatadas algumas sugestões e decidiu-se dar mais visibilidade a partes do acervo do museu denominado Museu Irmão Luiz Gartner, pelo fato de ser mais instigante e curioso. O acervo possui um valor histórico indiscutível, sendo importante pesquisar e socializá-lo perante a acessibilidade que era-nos ofertada pelos padres SCJ.

Pesquisar a cultura material escolar da EASCIJ é pensar em contribuir com os futuros estudos comparados dos projetos, aos quais a presente pesquisa se vincula, e tantos outros estudos na área pesquisada. Para tanto, apresentar a base da cultura material escolar, mais especificamente parte do acervo existente no Museu da EASCIJ pressupõe oportunizar possíveis desdobramentos de estudos.

Mesmo em diferentes lugares e em diferentes anos, os objetos escolares podem ter mudado de tamanho ou de cor. Seu significado, porém, e seu valor relacional dentro do processo de aprendizagem seguem os mesmos, como afirma o autor espanhol Ramón López Martín: “Algunos objetos han podido cambiar la forma, el color, su textura, el tamaño...pero su significado y valor relacional dentro del proceso de aprendizaje sigue siendo el mismo [...]” (2006, p. 428)¹. Mais que isso: a materialidade escolar permite “redefinir a compreensão dos objetos escolares como manifestação de um modo particular de entender e praticar o ensino, como instituidores de discursos, hábitos e de poder, informando valores e concepções referentes à educação” (SOUZA, 1998, p. 221).

Para a construção desta pesquisa, foi utilizado o conceito de *cultura escolar* proposto por Ramón Martín:

[...] el entramado de normas, teorías o prácticas que, sedimentadas a lo largo del tiempo e interactuando de forma sinérgica, pueden explicar numerosos aspectos del funcionamiento real de las escuelas; se trata, por tanto, de aproximarse a la síntesis conformada por un triple conjunto de elementos (personales, materiales y funcionales) y tres dimensiones de análisis de la trama relacional establecida entre ellos: el discurso teórico o ideal, la norma política o legalidad, y – como registro independiente – la realidad que concreta en la práctica cotidiana de la escuela esse entramado cultural. (2006, p. 425)².

¹ Alguns objetos podem ter mudado de forma, de cor, de textura, ou de tamanho, mas seu significado e valor relacional dentro do processo de aprendizagem continuam sendo os mesmos [...]. (Tradução nossa).

² [...] o entreamado de normas, teorías ou práticas, sedimentadas ao longo do tempo e interagindo de forma sinérgica, que podem explicar os diversos aspectos do real funcionamento das escolas; trata-se, portanto, de se aproximar da síntese formada por um triplo conjunto de elementos (pessoais, materiais e funcionais) e das três dimensões de análise da trama relacional estabelecida entre eles: o discurso teórico ou ideal, a norma política ou legal, e – como registro independente – da realidade que se concretiza na prática cotidiana da escola nessa rede cultural. (Tradução nossa).

Neste sentido, a pesquisa procurou apresentar uma das três dimensões mencionadas por Martín: *os materiais*, que nortearam, de modo exemplar, a base cultural da Escola Apostólica SCJ, o acervo zoológico de aves e mamíferos taxidermizados que compõem parte do Museu da EASCI, podendo, assim, chegar a *explicar alguns aspectos de funcionamento real dessa escola*, bem como a perspectiva que a caracteriza como organização, incluindo sua configuração espacial, desenho do mobiliário, etc.

Durante a pesquisa, em busca de fontes empíricas no Arquivo da EASCI, em Corupá, e no Arquivo Provincial Padre Lux – APPAL -, de Brusque, foi encontrado um número significativo de documentos iconográficos, além de objetos que indicam a existência de diversos materiais de apoio pedagógico na EASCI, inclusive o acervo zoológico, com mais de 1.500 peças taxidermizadas.

Por se tratar de uma pesquisa histórica - a análise documental para obter dados -, foram utilizadas outras fontes de pesquisa: o Estatuto da Congregação, o Regimento da Escola Apostólica SCJ, plantas baixas referentes à arquitetura do prédio, Circular SCJ referente ao Brasil Meridional, Revista SCJ - Écos do Seminário - e a Crônica da EASCI de Corupá. Acrescentam-se, como material de coleta, o próprio acervo de animais taxidermizados, parte dele exposta no museu, o banco de imagens³, por seu acervo muito vasto e rico que nos fornece vestígios da existência desses materiais.

Além das fotos e dos objetos, foi localizado nos arquivos um farto material documental, pois não só de artefatos ou de contextos materiais precisa a história (MENESES, 1998). Podemos entender a cultura produzida através do objeto escolar, fonte essencial para a compreensão do passado escolar, mas também na dimensão da prática ou do discurso.

Com este farto material empírico, confirmou-se a possibilidade de investigar a cultura material escolar da Escola Apostólica SCJ, desde sua arquitetura até os objetos que nortearam a base da cultura material escolar, para se compreender a educação e a escola no tempo e espaço anteriormente estabelecidos. Afinal, além de se ter professores qualificados e alunos, é preciso ter uma sala ampla, apropriada (arquitetura escolar), com carteiras e cadeiras para alunos e professor, quadro de giz (mobiliário escolar), materiais didático-pedagógicos que contribuam para o ensino (materiais visuais, sonoros e táteis).

Para o registro do mapeamento do acervo, utilizou-se uma das categorias de pesquisa do grupo ao qual este trabalho está vinculado, que é o de *objetos escolares*, juntamente com o

³ Este acervo fotográfico está arquivado no APPAL. São fotos impressas e fixadas numa ficha de papel. São classificadas como: fotos individuais (fotos de pessoas sozinhas e arquivadas pelo sobrenome); fotos prediais (fotos dos diversos prédios da congregação – igreja, escola, seminário, fazenda, etc. -, arquivadas pelo nome da cidade em que se encontra o prédio); fotos grupais (fotos de grupos de pessoas arquivadas pelo nome da cidade em que se encontra o grupo).

preenchimento dos quadros, idealizados também por integrantes do grupo, que contém os seguintes itens a preencher: *ano, material, marca, quantidade, tipo de fonte, tipo de escola, descrição do documento, referência da fonte, observações* de cada objeto escolar encontrado na EASCIJ.

Primeiramente, buscamos desenvolver alguns pontos sobre a Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, sua fundação e missão no Brasil.

A pedido do fundador da CPSCJ, padre Dehon, vieram para o sul do Brasil, em 1903, desembarcando primeiramente em Desterro (Florianópolis/SC) dois padres alemães para difundirem aqui os ideais dehonianos. Com isso, a Congregação foi crescendo e ampliando suas casas de formação sacerdotal e escolas particulares.

Em Brusque, em 1924, padre Germano Brand, SCJ, funda o Collegio Sagrado Coração de Jesus. Com o passar dos anos, o número de alunos foi aumentando e, conseqüentemente, diminuindo o espaço físico, sendo necessário ampliá-lo ou substituí-lo por um novo. A decisão foi a substituição por um novo seminário. A construção, iniciada em 1928, na cidade de Hansa Humbolt (atual Corupá), foi inaugurada em 1932. Em conjunto com a fundação da Escola Apostólica Sagrado Coração de Jesus - EASCIJ - também se inicia a formação do acervo do museu, hoje composto por mais de 1.500 peças de animais taxidermizados.

É importante entender algumas premissas: como surgiu a ideia de criação de uma Escola Apostólica e por que a escolha pela cidade de Corupá; como estavam politicamente e financeiramente a cidade de Corupá e o estado de Santa Catarina; uma visão parcial do mundo na época da fundação da Escola Apostólica Sagrado Coração de Jesus.

O primeiro capítulo trata da fundação da EASCIJ e da institucionalização do museu.

No segundo capítulo, apresentaremos as duas coleções do MILG: a do acervo zoológico taxidermizado de aves e a de mamíferos, que se encontram desde 1933 na Escola Apostólica Sagrado Coração de Jesus de Corupá. Faremos também um breve histórico sobre o fundador deste museu.

O terceiro capítulo em razão da quantidade excessiva de materiais empíricos e na impossibilidade de desenvolver estudo de todos os dados optamos dedicar esse terceiro capítulo exclusivamente à apresentação dos objetos escolares levantados por esta pesquisa como possibilidades de estudos à pesquisadores de diversas áreas.

No desenvolvimento do trabalho, apresentaremos algumas imagens e algumas análises. Anexamos quadros contendo parte da base da cultura material escolar da Escola Apostólica Sagrado Coração Jesus e do Seminário Sagrado Coração de Jesus.

De acordo com o teor da epígrafe de Antonio Cícero, transcrita no início deste trabalho, também acreditamos ser necessário socializar, compartilhar os resultados de pesquisas para possibilitar desenvolvimento de mais pesquisas histórico-educacionais e, assim, de estudos comparativos de modo a prolongar a longevidade, a durabilidade e permanência dos bens culturais e ambientais. A cada época se exigem mais pesquisas e a descoberta de mecanismos de salvaguarda do patrimônio cultural por meio de uma manutenção e administração segura, com meios adequados e conhecimentos decorrentes da ciência e de técnicas específicas.



I
CARACTERIZAÇÃO
DO
ESPAÇO

⁵ Fachada do prédio principal da EASCI, ainda conservada como a original.
Fonte: Foto de Karina Santos Vieira Schlickmann (2009).

1.1 ESCOLA APOSTOLICA SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS: CONTEXTO E FUNDAÇÃO

A Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus foi fundada em 1878, em São Quintino (França), pelo cônego francês Léon Dehon (1843-1925), nascido em La Capelle (França). Hoje é mais conhecida como Congregação dos Padres Dehonianos.

Sua missão primordial era o culto ao Sagrado Coração de Jesus (SCJ) no espírito de amor e reparação. As secundárias eram: a) educação e instrução de meninos e jovens em colégios externos e internos da Congregação SCJ, que são os seminários; b) o sagrado ministério, cura de almas, missões, retiros, catequese, etc.; c) missões entre pagãos e administração de paróquias pobres; d) obras de assistência social aos operários, marinheiros, etc.

De acordo com o *artigo 1º* do Estatuto da Sociedade “Congregação dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus”, a instituição é predisposta à “*instrução do povo por meio da criação de collegios gymnasios e seminários e a manutenção de serviços parochiaes*” (1928, p. 3).

Para este intento, o fundador, pe. Dehon, enviou ao Brasil dois missionários. Desembarcaram em 1903, em Desterro (Florianópolis), dois padres alemães, missionários dehonianos: pe. Gabriel Lux e pe. José Foxius. O primeiro trabalho pastoral foi em Desterro, numa escola diocesana paroquial, hoje conhecida como Colégio Catarinense (SCHMITZ, 1982, p. 13). Em 1904, a pedido do bispo, os padres foram transferidos para Brusque para auxiliar na paróquia diocesana.

Depois de alguns anos, chegaram em Santa Catarina mais alguns dehonianos alemães, pe. João Stolte, pe. Henrique Meller e outros. Davam preferência às atividades pastorais. Assumiram algumas paróquias, entre elas: Itajaí (1905 – 1918), Trindade, em Florianópolis (1909 – 1918), Jaraguá do Sul (1912), Tubarão (1912 – 1954), Botuverá (1912), Joinville (1917), Vargem do Cedro (1921) e a paróquia de Corupá (1928).

Até o início da 1ª Guerra (1914-1918), havia um número suficiente de sacerdotes alemães do Sagrado Coração de Jesus dispostos a trabalhar no Brasil Meridional⁵. Por ocasião

⁵ Na década de 80, começou a surgir na província certa inquietação em relação à sua estrutura e ao seu funcionamento: dificuldade de governar e animar uma província tão extensa e tão numerosa. Daí, o desejo de criar nova província. Realizaram estudos, pesquisas entre os religiosos, alguns debates em assembleias e capítulos, para tratar desta questão. No Capítulo Provincial Extraordinário de julho de 1993, votou-se pela criação de uma nova província; como não houvesse, porém, os 2/3 dos votos exigidos, os capitulares optaram por duas regiões: uma que englobaria o território do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e a Grande Curitiba; a

da 1ª Guerra, foram obrigados a abandonar algumas paróquias em que trabalhavam, como a de Itajaí e Tubarão (SC). Após a guerra, e voltando a normalidade, novos padres alemães foram enviados ao Brasil, pois não queriam desistir das paróquias nem abandoná-las, para assim não perderem seus espaços e muito menos ser extintos.

Com este objetivo e preocupação, pe. Germano Brand, SCJ, pôs em movimento o seu plano: inicialmente, fundar um pré-ginásio masculino, projeto que não teve apoio de seus confrades, que alegavam não ver vantagens para a congregação. A partir de então, havia tão somente o plano de fundar uma Escola Conventual, ou seja, uma Escola Apostólica.

Para efetivar este segundo plano, decidiu-se dar o primeiro passo em Brusque, cuja paróquia estava sob a direção do pe. Germano Brand, pertencendo, conseqüentemente, à Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus (CPSCJ). Até a conclusão do prédio escolar, os poucos alunos inscritos se alojaram no Colégio Paroquial. Em 1924 foi inaugurado o *Collegio Sagrado Coração de Jesus*.



Figura 1 - Collegio SCJ (Brusque)
Fonte: Acervo do Appal.

Para sua manutenção, foi adquirida uma chácara e fundou-se a Tipografia Sagrado Coração, que operou no mercado por quase dez anos (1928-1938), imprimindo mensalmente a Revista “Der Wegweiser” (Indicador de Rumo), veiculando educação e cultura. Tinha assinantes em Brusque e em colônias alemãs do litoral catarinense, atingindo, inclusive, os estados vizinhos do Paraná e Rio Grande do Sul.

outra, compreenderia o território de Minas Gerais. Mas a Direção Geral aprovou a criação de uma só região: a RBM, oficialmente erigida aos 12 de outubro de 1994. Em 2003, foi desmembrada e tornou-se província, sendo denominada Brasil Meridional, que assumiu a parte jurídico-financeiro de todas as casas pertencentes aos seguintes estados: todo o território do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e da Grande Curitiba. Esta divisão permanece até hoje (Disponível em: <http://scj.org.br/site/contato-com-os-coordenadores/historico>. Acesso em: 20 fev. 2010).

O Collegio SCJ era chamado pela Congregação SCJ de *Seminário Menor*, por se destinar à formação de seminaristas que, primeiramente, frequentariam o último ano do ensino primário no seminário. Todos cursariam a 4ª série (septima⁶) do ensino primário, considerado ano preparatório ou preliminar, mesmo que já tivesse sido concluído em outra escola, pois só assim seriam considerados aptos a entrar na 5ª série (sexta), conforme publicado na revista alemã da Congregação SCJ:

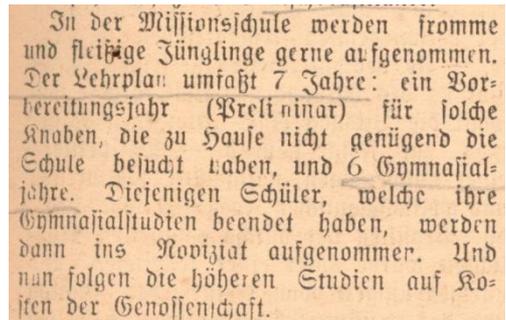


Figura 2 - Extrato da revista da Congregação
Fonte: DER WEGWEISER, 1934, p. 91.

O número de alunos foi aumentando. O terreno onde estava construída a escola era de propriedade da Mitra, e não tinha como aumentá-la, fazendo perceber aos que em Brusque não daria mais para continuar com a instituição de estudos e educação para os futuros membros da congregação.

Por essa época, os padres do SCJ receberam uma proposta da comunidade de Forquilha, no município de Criciúma/SC, para que fossem trabalhar com pastorais. Em troca, davam-lhes uma colônia com uma cachoeira. O vigário de Forquilha, porém, não via com bons olhos a comunidade alemã, pois tinha medo. Resquícios da Guerra Mundial! O bispo Joaquim Domingos de Oliveira, porém, vinha pensando em fundar um seminário menor, e por isso também precisaria de vocações e ajuda material para a realização do seu intento.

Sendo assim, Forquilha não recebeu seu vigário próprio, pois os padres do SCJ não foram para lá. O recém-nomeado Arcebispo Joaquim Domingos de Oliveira sentiu-se pressionado a abrir um seminário. Abriu-o em Florianópolis e em seguida o transferiu para a paróquia de Brusque, Bairro Azambuja.

⁶ Nomenclatura dos anos escolares adotados na Alemanha: 1º Grau (**Ginásial**): 5ª série = *sexta*, 6ª série = *quinta*, 7ª série = *quarta*, 8ª série = *tertia*. 2º grau (**Colegial**): 1º ano = *secunda*, 2º ano = *prima*. Além de a EASCJ adotar esta nomenclatura, adotou também os manuais de latim, grego e religião escritos em alemão, trazidos pelos padres pioneiros alemães (SCHMITZ, 1982, p. 29).

⁷ Na Escola Missionária (Seminário de Corupá ou Hansa Humbolt) -, são admitidos jovens piedosos e aplicados. O plano de estudos compreende 7 anos: um ano preparatório (preliminar), para os jovens que, de casa, não trouxeram suficiente aproveitamento escolar. A seguir, vêm os 4 anos ginasiais e 2 colegiais. Terminados os sete anos, os alunos aprovados são encaminhados para o Noviciado e para Estudos Superiores, e por conta da Congregação. (Tradução pe. Eloy Dorvalino Koch, SCJ).

Foi durante a visita pastoral em Hansa Humboldt, em 1920, que o Arcebispo Joaquim recebeu um ramallete de flores, no qual foi colocada uma carta solicitando um vigário para a Vila Hansa Humboldt (Corupá). A resposta foi uma promessa a longo prazo. A capela da Vila Hansa Humboldt pertencia, na ocasião, à Paróquia de Jaraguá do Sul.

Não satisfeitos, o conselho paroquial e a população católica de Hansa Humboldt reiteraram o pedido junto aos padres SCJ de Jaraguá do Sul, pois sabiam do plano de fundar uma nova escola apostólica.

Sem local definido, os moradores de Hansa Humboldt tomaram uma decisão semelhante à da comunidade de Forquilha, representados pelos senhores Adolfo Bäumle, José Müller e Guilherme Thiemann. Foram à procura de um terreno apropriado para tal empreendimento e encontraram a Colônia nº 81, ainda à venda. Os senhores levaram a proposta de que seria doado o terreno à Congregação SCJ e, em troca, os padres trabalhariam nas pastorais da comunidade católica de Hansa Humboldt. Trataram logo de levar o caso ao Superior Regional da Congregação, pe. José Foxius, que o aprovou.

Em 16 de fevereiro de 1927, dom Joaquim Domingues de Oliveira autorizava a transferência da Escola Apostólica de Brusque para Hansa Humboldt, podendo ser iniciada então a obra.

Nesta época, no pontificado estava o Papa Pio XI, sendo bispo da diocese o já mencionado Joaquim Domingues de Oliveira e, núncio apostólico, Benedito Aloísio Masella. O presidente da República brasileira era Washington Luiz. Adolfo Konder era o governador do estado de Santa Catarina.

Quanto à edificação da EASCI, até meados de 1928, já haviam sido feitas a derrubada de algumas árvores, a terraplanagem e iniciados os preparativos para as fundações. À mesma época, porém, por motivos de doença, se afasta pe. José Foxius e assume o pe. Pedro Storms como superior regional, encarregando o pe. Gabriel Lux, SCJ (Figura 3) de projetar e executar a planta da nova obra que abrigaria os seminaristas.



Figura 3- Foto do pe. Gabriel Lux, SCJ – Pioneiro dehoniano no Sul do Brasil
Fonte: Acervo do Appal.

Pe. Gabriel Lux não fez nenhum curso na área de construção civil, nem mesmo de arquitetura, mas era um autodidata no assunto. Sua primeira experiência no Brasil foi a construção do Seminário de Azambuja, em Brusque, em 1905. Ele administrou a instituição de 1905 a 1919. Segundo pe. Francisco Sehnem, SCJ, neste desafio de construção pe. Lux teve que desempenhar vários papéis, como: “arquiteto, empreiteiro, mestre-de-obra, carpinteiro e, inclusive, telhador, tudo numa pessoa” (SEHNEM, 2008, p. 22). Por isso, não se trata de mera casualidade: a coincidência de estilos arquitetônicos da edificação ao da Escola Apostólica SCJ de Corupá são do mesmo construtor e para o mesmo destino: formação sacerdotal.

Ao pe. Pascoal Lacroix, SCJ, coube a tarefa de angariar fundos para financiar a obra no meio de fazendeiros de São Paulo e Minas Gerais. Por causa das circunstâncias, guerra e crise econômica, não havia possibilidade de contar com os auxílios financeiros da província alemã. Descontado o valor necessário à manutenção da Escola de Brusque, sobrava pouco da receita conjunta das paróquias SCJ, sendo, portanto, indispensável a ajuda financeira angariada pelo pe. Lacroix.

Foi em 7 de setembro de 1929 que dom Pio Freitas, bispo de Joinville, presidiu a cerimônia da bênção da pedra fundamental da EASCI, na presença de vários padres e da comunidade. Com a crise de 1929 e 1930, os padres tiveram a ideia de transformar a bênção da pedra fundamental em Festa da Independência brasileira, de modo a poderem angariar fundos em prol da construção. Fotografaram o projeto e o transformaram em múltiplos cartões postais para ajudar na propaganda da construção (Figura 4).

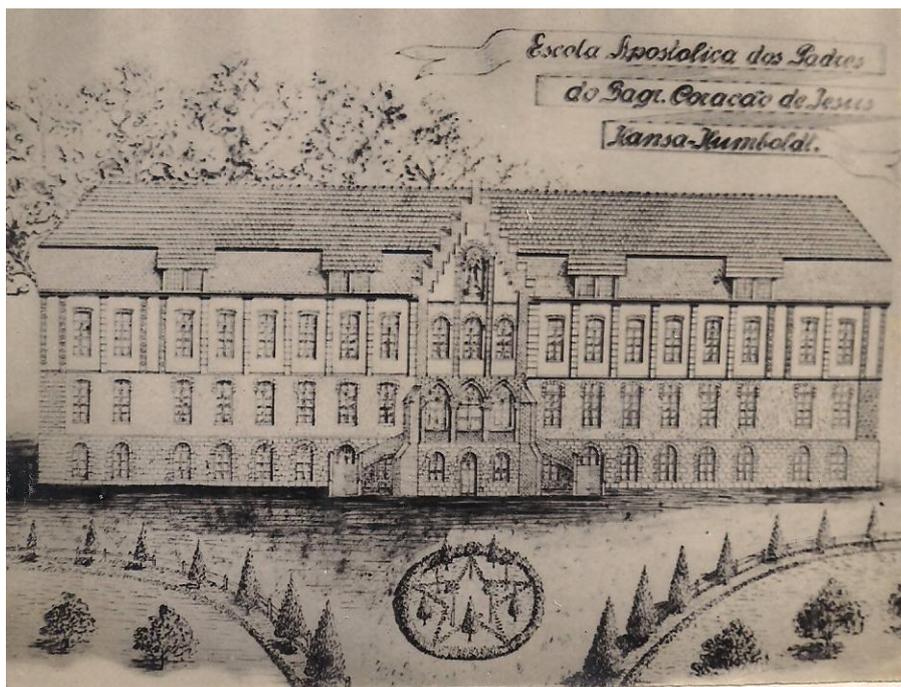


Figura 4 - Cartão postal para divulgação da planta da eascj
 Fonte: Acervo do Appal.

Em fins de 1931, a obra já estava concluída. O prédio, com arquitetura estilo gótico-romano, era inaugurado em 17 de janeiro de 1932 com festa popular e recepcionava os primeiros 73 alunos. Destes, 61 eram provenientes do então desativado Collegio Sagrado Coração de Jesus de Brusque; 12 eram iniciantes.



Figura 5 - Seminaristas e professores em Corupá (1932)
 Fonte: Acervo do Appal.

O primeiro reitorado (1932 a 1934) coube ao pe. Geraldo Spettmann, SCJ, que teve como auxiliares de formação os dehonianos: pe. Guilherme Thoneick, pe. João Solte, pe.

Paulo Kremer, pe. Vicente Schmitz, irmão Luiz Gartner e os professores leigos prof. Braum, prof. Gossner e prof. Herkrat.

Ao transferir-se para Corupá, o *Collégio SCJ* passa a denominar-se *Escola Apostólica Sagrado Coração de Jesus*, popularmente conhecido como *Seminário de Corupá*. O antigo prédio de Brusque passou a ser *Casa de Noviciado e Seminário Filosófico*, com aula inaugural do curso de filosofia em fevereiro de 1933.

Logo que o aluno era aceito no seminário, era-lhe entregue a lista do “enxoval particular” (Quadro 1). No original a lista é impressa em língua portuguesa na parte frontal e em língua alemã no verso, e contém a relação de todos os documentos necessários à matrícula e o material para residir no seminário.

EM PORTUGUES	EM ALEMAO
<p>Ao entrar ao Seminario deve o alumno apresentar os seguintes documentos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Certidão de Baptismo pelo resp. Revmo. P. Vigario 2) Certidão de Crisma pelo resp. Revmo. P. Vigario 3) Attestado fechado de conducta pelo Revmo. P. Vigario 4) Attestado do resp. professor de ter frequentado com visivel proveito durante alguns annos uma escola primaria. 5) Declaração dos paes (veja formulario). 6) Declaração do alumno (veja formulario). 7) Attestado de nascimento. 8) Attestado de vacina. 9) Attestado de saude. <p>ENXOVAL:</p> <p>2 cobertores de lã 4 lençoes brancos (2,25m x 1,25m) 2 fronhas brancas (0,60m x 0,40m) 2 camisas para domingo com colarinho 2 camisas para semana 4 ceroulas brancas 1 calção para banho de fazenda encorpada 2-3 ternos de roupa para semana (brim) 1 terno melhor para domingo 1 gravata 6 lençoes 4 pares de meia 1 par de ligas⁸</p>	<p>Bei der Aufnahme ins Seminar sind folgende Papiere vorzulegen:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Taufschein vom zuständigen Vigario unterzeichnet oder von dessen Vertreter. 2) Firmzeugnis vom zuständigen Vigario unterzeichnet oder von dessen Vertreter. 3) Sittenzeugnis vom zuständigen Vigario unterzeichnet oder verschlossen abzugeben. 4) Zeugnis über Schulbesuch und Leistungen (ausgestellt vom Lehrer). 5) Erklärung der Eltern (siehe Formular). 6) Erklärung des Schülers (siehe Formular). 7) Geburtsschein. 8) Impfschein. 9) Aerzliches Attest. <p>AUSSTEUER:</p> <p>2 Wolldecken 4 weisse Betttücher (2,25m x 1,25m) 2 weisse Kissenbezüge (0,60m x 0,40m) 2 Sonntagshemden mit Kragen 4 Wochentagshemden 4 Unterhosen (weiss) 1 Badehosen von dickerem Stoff 2-3 Wochentagsanzüge (Brim) 1 Sontagsanzug 1 Gravatte 6 Taschentucher 4 paar Strümpfe 1 paar Sockenhalter</p>

Cont.

⁸ *Ligas*: eram usadas para segurar as meias na bainha da bermuda, não deixando as meias caírem.

conclusão

<p>4 toalhas 1 chapéu para domingo ou boné 1 chapéu para semana ou boné 2 pares de sapatos 1 escova de roupa 1 escova de sapato 1 escova de dentes 1 espelho 1 pente</p> <p>Todos os objectos devem ter o numero respectivo que vai ser comunicado aos pais. Cobertores, lençóis e fronhas podem ser adquiridas ao Seminário por causa da uniformidade. Esta lista contém só o mínimo que cada aluno deve trazer, por isso há liberdade de trazer mais roupa. Tenha a bondade de marcar a roupa toda com o numero. Não precisam ser novos todos os objectos, mas devem estar em bom estado.</p>	<p>4 Handtucher 1 Sonntagshut oder Mütze 1 Wochtagshut oder Mütze 2 paar Schuhe 1 Kleiideburste 1 Zahnbürste 1 Schuhbürste 1 Spiegel 1 Kamm</p> <p>Alle Gegenstände müssen mit der entsprechenden Nummer versehen sein, die den Eltern bei der Aufnahme mitgeteilt wird. Decken, Betttücher, Kissenbezüge können im Seminar zum Selbstkostenspreis bezogen werden. Obige Liste stellt nur das Minimum dar, was jeder wirklich mitbringen muss, es steht deshalb jedem frei, mehr Wäsche mitzubringen. Zeichnen Sie bitte alle Kleidungsstücke mit Nummer. Es ist nicht notwendig, dass alle Kleidungsstücke neu sind, alle sollen sich jedoch in gutem Zustande befinden.</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Quadro 1 - Lista de documentos e de enxoval do aluno em português, verso em alemão⁹
Fonte: Seminário de Corupá.

Essa lista exigência de documentos indica, de certo modo, a necessidade de o aluno estar em boas condições em termos de rendimento escolar, assim como ter boa saúde física e psíquica para poder matricular-se no seminário. Não bastava ter somente vontade e/ou vocação sacerdotal.

Com referência ao enxoval, é interessante observar a solicitação de diferentes roupas – uma para a semana e outra para o domingo. As roupas para o dia-a-dia eram para ser usadas na escola e durante o trabalho diário no seminário. A roupa para domingo era exclusivamente para ir à missa e para as demais festividades do ano, como a comemoração do dia do Sagrado Coração de Jesus. Em caso de visitas (de parentes, amigos ou dos padres superiores da Congregação), a roupa de domingo que se usaria. Nas palavras do ex-aluno pe. Francisco Sehnen, SCJ, visitas naquela época era muito raro acontecerem. A comunicação se dava através de cartas enviadas pelo correio.

Após a matrícula e a chegada no seminário, os alunos passavam a ter seu nome registrado num livro de *Contas dos Alunos*. Conforme encontramos neste livro, o padre mais velho da Província Brasil Meridional, era, até fev de 2011, o diretor do Appal, pe. Eloy Dorvalino Koch¹⁰, com 90 anos de idade, que entrou para o Seminário SCJ em Corupá em

⁹ Obs.: Ortografia original do documento.

¹⁰ Pe. Eloy Dorvalino Koch faleceu às 21h30 do dia 15 de fevereiro de 2011, no Convento SCJ de Brusque/SC.

1935 de forma gratuita, ou seja, sem pagar a mensalidade, conforme registro no livro *Conta Corrente dos alunos nº 2, Hansa de 4/3/35*.

Esta metodologia começou no Collegio Sagrado Coração de Jesus em Brusque em 1924, e continuou em Corupá. Neste livro, consta a vida financeira de cada aluno, desde o pagamento ou a gratuidade da pensão até as despesas com dentista, hospital, sapateiro, suspensório, objetos escolares, retratos, livros, selos, etc. No que diz respeito a *objetos escolares*, as anotações nos livros de *Contas dos Alunos*, infelizmente, não descrevem em que consistem. O ex-aluno, pe. Francisco Sehnen, que atualmente reside no seminário em Corupá, afirma que os *objetos escolares* consistiam em: cadernos, lápis, borracha, tinteiro, entre outros itens, que a própria EASCI comprava e vendia aos alunos para todos terem os mesmos materiais (CONGREGAÇÃO SCJ, 1924/1928).

1.1.2 Hansa Humboldt: breve histórico

A colônia de Hansa Humboldt foi fundada em 7 de julho de 1897, por Karl Fabri, último diretor da Sociedade Colonizadora Hamburguesa, fundada em 16 de março de 1849 com o objetivo de povoar as terras dos príncipes dona Francisca, filha de dom Pedro I. Mais tarde, esta sociedade foi substituída pela Companhia Hanseática de Colonização, fundada em 30 de março de 1897, que englobou os bens da anterior, que já havia fundado duas cidades catarinenses: Joinville e São Bento do Sul. Os pioneiros foram imigrantes austríacos, suíços e alemães; mais tarde juntaram-se poloneses e italianos. Assim, formou-se uma mistura de culturas, evidenciada nos usos e costumes, na gastronomia, na língua, nas construções, nas danças, nas festas, no jeito de viver.

Através do “contrato entre o governo de Santa Catarina e a Sociedade Hanseática, na pessoa de Karl Fabri a 28 de maio de 1895, a citada companhia adquiriu, por compra, pouco mais de 635.000 hectares de terra a 1.500 réis o hectar. 35.000 desses hectares ficavam no alto vale do Rio Itapocu” (KORMANN, 1985, pp. 13-14). O nome da cidade foi escolhido em homenagem ao naturalista alemão Alexandre Von Humboldt.

A administração de Hansa Humboldt estava integrada à administração de São Francisco do Sul, à qual se ligavam Joinville, Jaraguá do Sul e todas as cidades vizinhas. Através da criação do distrito de Joinville, via Jaraguá do Sul, criou-se mais tarde o distrito de Jaraguá do Sul e, finalmente, em 11 de maio de 1908, o distrito de Hansa Humboldt, hoje Corupá. Foi seu primeiro intendente Ernesto Rückert. Corupá torna-se município pelo Decreto-Lei Estadual de 21 de junho de 1958 (KORMANN, 1985).

O município de Corupá está localizado na região norte do estado de Santa Catarina, cercado pela cadeia de montanhas da Serra do Mar, dotada de riquezas naturais como a Mata Atlântica. Limita-se, ao norte, com São Bento do Sul; ao sul, com Rio dos Cedros; a leste, com Jaraguá do Sul e a oeste, com Rio Negrinho.



Figura 6 - Mapa atual de Corupá¹¹

A cidade é nacionalmente conhecida pela grande produção de bananas e plantas ornamentais e, internacionalmente, pelo cultivo de orquídeas e bromélias. Turisticamente, pode-se desfrutar de um lindo paraíso natural com 67 cachoeiras, rios e grutas. Corupá, na linguagem indígena, significa “lugar de muitas pedras”. Em 1944, o nome original foi mudado para Corupá.

Até a 1ª Guerra Mundial (1914 a 1918), só existiam em Hansa Humboldt escolas particulares alemãs. Estas e outras sociedades foram fechadas neste período pelo inspetor de ensino de Santa Catarina Orestes Guimarães. Terminada a guerra, estas escolas e sociedades foram reabertas e veio, então, a primeira escola estadual. Em grande parte, isso foi motivado pelo espírito de nacionalismo que varreu o Brasil por causa da guerra e pela estrada de ferro, que funcionava plenamente e trouxe muitos brasileiros (KORMANN, 1985).

¹¹ Disponível em: <http://www.corupa.sc.gov.br/conteudo/?item=16744&fa=3001&cd=6804>. Acesso em: 12 ago 2010.

1.2 ESCOLA APOSTOLICA SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS: ENTRE OS “MUROS DA ESCOLA” – ESTRUTURA FÍSICA E DIVISÃO ESPACIAL

O subtítulo - *entre os “muros” da escola* – se deve à inexistência de “muros” de concreto na Escola Apostólica Sagrado Coração de Jesus, ao contrário das demais escolas da época, todas muradas, e também ao fato de a pesquisa delimitar-se aos demarcadores do terreno do seminário de Corupá.

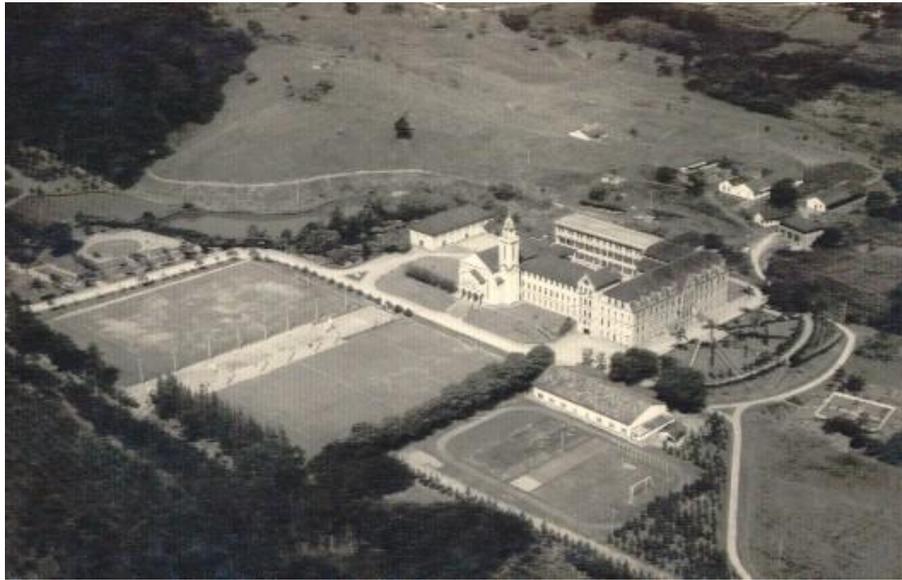


Figura 7 - Vista aérea do complexo da Escola Apostólica SCJ, 1970¹²
Fonte: Acervo do Appal.

Tivemos acesso às quatro plantas do primeiro prédio da EASCI; do mais antigo, seguem fotos em anexo¹³, (Anexo 1, 2, 3 e 4). Elas foram redesenhadas com base nas plantas originais, do pe. Gabriel Lux, SCJ, em 1928. Mas foi o reitor pe. Antônio Echelmeier, SCJ, em 1953, que refez todas as plantas para a ampliação e melhor visualização do complexo escolar da congregação em Corupá. Esta planta também não registra a destinação dos cômodos, salvo de alguns do primeiro pavimento.

Os quartos nos primeiros tempos do seminário (Figura 8), em 1932, eram alocadas no último andar. Nele havia diversas camas, todas de madeira, formato tubular, distribuídas uma ao lado da outra e sem guarda-roupa.

¹² Há uma interrogação a respeito dessa foto aérea. Perceba que no canto superior esquerdo se vêem dois campos grandes para jogos esportivos e um campo pequeno abaixo, onde, a “olho nu”, se percebem algumas barras para ginástica. Até o momento, entretanto, não foram encontrados documentos que denunciem tal prática esportiva.

¹³ Para a preservação do documento, não foi possível fotocopiar, restando, como opção, tirar foto sem utilizar o flash; mas como o tamanho da planta era maior que o foco da lente, as imagens não saíram com perfeição.



Figura 8 - Dormitório dos alunos seminaristas da EASCJ, em 1932.
Fonte: Acervo do Appal.

O sanitário, comum, ficava fora do quarto. No mesmo andar, mas do lado oposto, as janelas davam vista para o jardim interno, com uma planta diferente de dormitório. Como se pode ver na imagem que segue (Figura 9) cada cama, era acompanhada de um guarda-roupa e continuava sendo de madeira. Os sanitários também eram comunitários. Os dormitórios dos padres e os de visita eram individuais, com sanitário no quarto. O lugar de estudo dos padres era o próprio quarto, que possuía uma mesa-escrivaninha.



Figura 9 - Dormitório dos alunos seminaristas da EASCJ
Fonte: Acervo do Appal.

Quanto à arquitetura da Escola Apostólica SCJ, do projeto de construção à fachada da escola, da sala de aula, dos pátios - interno e externo - ao jardim na frente do seminário, tudo remete a um discurso com valores distintos e culturas próprias. Segundo o autor, Agustín Escolano, a arquitetura escolar por si só aponta a um determinado discurso, a uma determinada cultura e disciplina:

A arquitetura escolar é também por si mesma um programa, uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de ordem, disciplina e vigilância, marcos para a aprendizagem sensorial e motora e toda uma semiologia que cobre diferentes símbolos estéticos, culturais e também ideológicos (ESCOLANO, 2001, p. 26).

Partindo da afirmação de Escolano (2001), de que a arquitetura escolar remete a um discurso escolar e que a análise histórica mostra essa relação entre a disposição espacial das pessoas e dos objetos que a compõem, como o método de ensino adotado, as plantas baixas, as fachadas prediais, a organização da sala de aula, o pátio interno e externo da escola e o jardim são espaços específicos para o ensino, produzindo e incorporando múltiplos significados para um mesmo lugar projetado pela arquitetura escolar (FARIA FILHO, 1998).

A arquitetura da EASCI, para a época, era algo grandioso, extraordinário, sentimento expresso na publicação do Jornal de Joinville de 1929: “Os padres do Coração de Jesus iniciaram, há mezes, a construção de um vasto e sumptuoso edifício em Hansa [...]. Para a diocese e para o município, o seminário de Hansa representa uma grande obra de civilização e de progresso” (JORNAL DE JOINVILLE, 1929, s/p). Se relacionarmos com as mudanças educacionais no Brasil, teremos o ideal de escola que os republicanos queriam e, em Santa Catarina, a reforma do ensino realizada sob a orientação de Orestes Guimarães em 1911. Seu

dejo era construir uma “escola moderna”, baseando-se em indicativos como: prédio escolar, mobília escolar, material escolar, livros didáticos, disciplina, ensino e programa. O ordenamento adequado de todos os indicativos, acima citados, garantiria uma escola primária eficaz e de qualidade (NÓBREGA, 2001).

Uma das semelhanças da EASCI com a reforma paulista é a suntuosidade arquitetônica. Nessa época predominou a arquitetura neoclássica, caracterizada por “[...] edifício imponente, *hall* de entrada primoroso, escadarias, eixo simétrico, duas alas, pátio interno, corredores internos, janelas verticais grandes e pesadas, acabamento com materiais nobres” (BUFFA, 2005, p. 108), ou seja, um prédio planejado para atender aos fins e às práticas pedagógicas. Como afirma a autora Rosa Fátima de Souza (1998, p. 123):

O edifício escolar torna-se portador de uma identificação arquitetônica que o diferenciava dos demais edifícios públicos e civis ao mesmo tempo em que o identificava como um espaço próprio – lugar específico para as atividades de ensino e do trabalho docente.

A arquitetura da EASCIJ, em estilo gótico-romano, segue certas correntes artísticas e culturais (BENCONSTTA, 2007) adotadas em escolas apostólicas já existentes neste período na Europa, tais como a de Sittard (Holanda) e de Terbüren, província franco-belga, além de tantas outras escolas apostólicas da congregação. A fachada da EASCIJ, porém, teve a inspiração mais precisamente no seminário alemão de Handrup, cujas evidências podemos conferir nas figuras 10 e 11.



Figura 10 - Fachada principal: alunos e padres que se mudaram de Brusque para Corupá em 1932 (foto de dois terços do plano geral da obra concluídos)
Fonte: Acervo do Appal.

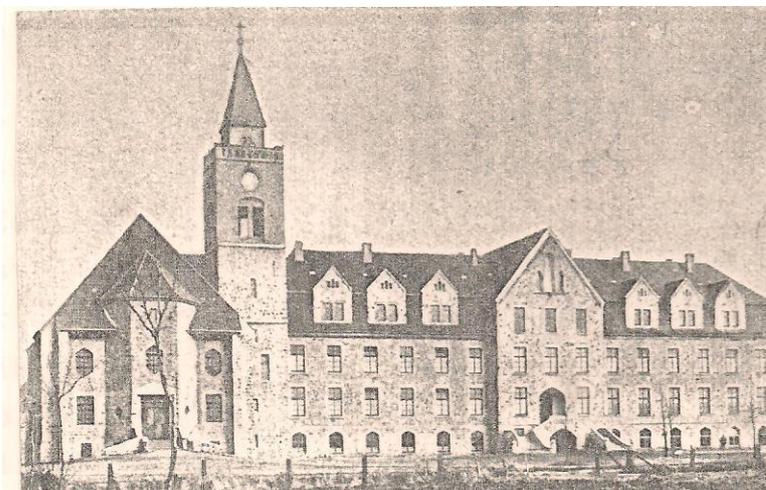


Figura 11 - Fachada da Escola Apostólica de Handrup (Alemanha)
Fonte: Acervo do Appal.

A primeira construção compreendia 2/3 da planta total, com 52 metros de frente. A continuação da construção se deu em 1935, para abrigar as irmãs franciscanas de São José, de Angelina - Santa Catarina, e auxiliares que ajudariam nos afazeres domésticos e culinários (Figura 12) (lavanderia, costura, horta e copa), como relata, em carta, a irmã Rita Belat, em 1983, aos 90 anos de idade. Era uma das três irmãs que iniciaram o trabalho na EASCJ: “Lá foram trabalhar três Irmãs: Marcelina, Pelágia e Rita [...]. As Irmãs faziam a limpeza nas celas [sala] e em toda casa. Confeccionaram uns 70 colchões. Ajudaram na arrumação final do seminário” (BERAT, 1983).



Figura 12 - Cozinha do seminário (provavelmente 1933). Funcionárias do seminário com as Irmãs Franciscanas de São José
 Fonte: Acervo do Appal.

Desde 1932, o lugar passou por mais cinco fases de ampliação. O espaço, de 680 mil metros quadrados, dos quais 25 mil de área construída, passou a abrigar, além da casa antiga, uma capela, uma adega, jardins, campos de futebol e uma reserva florestal. No auge de suas atividades, na década de 70, o lugar hospedava anualmente mais de 200 seminaristas. Além do tamanho da construção, chama a atenção a quantidade de portas: em torno de 400. Nas partes da primeira construção, o assoalho conta com um revestimento acústico de cinco camadas. Uma delas é de dez centímetros de terra seca, a de 1929, quando começou a construção da obra (SCHAUFFERT, 2008).

Na extremidade lateral, igualmente à esquerda, ergueu-se a nova ala do seminário, abrigando dormitórios e o Museu Irmão Luiz Gartner; anexa à construção, a nova e espaçosa *Capela*, também aberta ao público.

Em 1955, deu-se início, nos fundos do pátio interno do seminário, à construção do *Teatro Padre José de Anchieta*. Seu uso sempre foi tido em alto apreço para as festas do seminário e para a formação geral dos seminaristas.

Para a construção do jardim na frente da EASCI, irmão Luiz Gartner, SCI, projetou dois modelos, possíveis para aquele ambiente externo, os quais podem ser visualizados nas figuras 13 e 14.

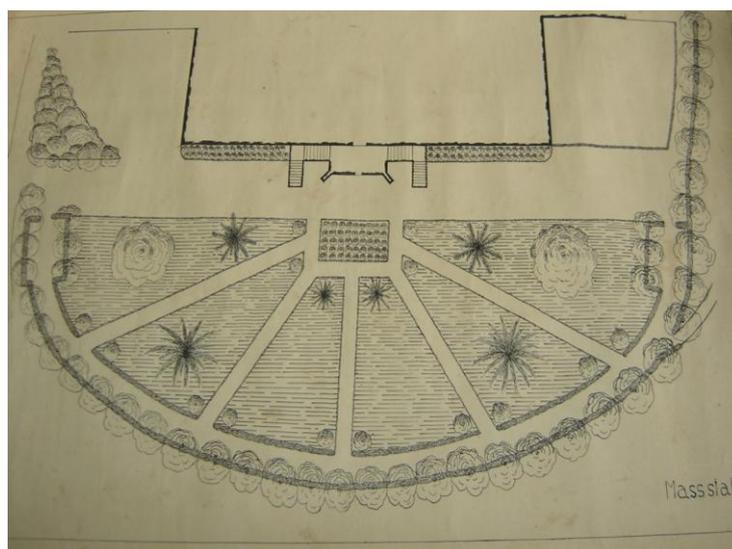


Figura 13 - Planta I do jardim externo
Fonte: Foto de Karina Santos Vieira Schlickmann.

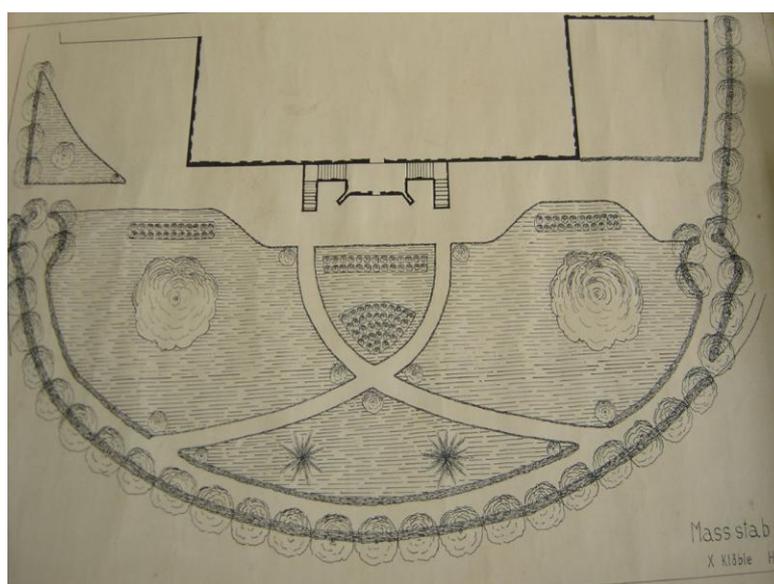


Figura 14 - Planta II do jardim externo
Fonte: Foto de Karina Santos Vieira Schlickmann.

Prevaleceu a planta nº 1 (Figura 13), com cinco caminhos, lembrando os cinco continentes, que partem da fachada, desenhados por cercas-vivas e flores típicas da região, e vão até a imagem do Coração de Jesus, que está de braços abertos no centro do jardim (Figura 15). O jardim interno encontra-se bem no centro das três etapas da construção da EASCI. Além de canteiros com flores e trilhas, foi construído um aquário no formato da cruz dehoniana, com chafariz no centro, ladeado de bromélias e pedras como registra a figura 16.



Figura 15 - Jardim externo defrente à EASCJ
 Fonte: Karina Santos Vieira Schlickmann (2010).



Figura 16 - Jardim interno da EASCJ
 Fonte: Foto de Karina Santos Vieira Schlickmann (2003).

O Museu Irmão Luiz Gartner nasceu neste espaço físico e no contexto histórico-educacional apresentado até o momento. Considerado como espaço de uma cultura própria, o museu a ser apresentado nesta pesquisa seria uma espécie de mediador didático quando o assunto é ciências naturais.

O próximo capítulo será dedicado à fundação, ao seu fundador e a parte do acervo do MILG. Este compreende duas coleções zoológicas taxidermizadas: a primeira, a de aves, e a segunda, a coleção de mamíferos, são identificadas por dados da zoologia, que serão tabulados e comparativamente analisados com os números catarinenses e nacionais.



14

¹⁴ “O Taxidermista”. Óleo sobre tela, 65 x 75 cm, 1989. Acervo Willy Alfredo Zumblick. Fonte: NUNES, 1993, p. 157.

*Uma bela imagem vale por mil palavras,
então que a informação é de uma precisão rigorosa.*
Emile Deyrolle

O que eu faço é para os outros
Ir. Luiz Gartner, SCJ

Assunto deste segundo capítulo são os materiais que compõem o Museu Irmão Luiz Gartner, existente no Seminário Sagrado Coração de Jesus em Corupá, concentrando-se em particular dois maiores acervos zoológicos do MUSEU IRMÃO LUIZ GARTNER – MILG-, o acervo de mamíferos e de aves taxidermizados. As questões às quais se procura responder aqui são as seguintes:

- Como este acervo foi formado?
- Qual a origem dos animais que compõem este acervo? Caça? Doação ou provinha do próprio seminário?
- Será que este acervo tinha função pedagógica (de estudo ou pesquisa)?

Entendemos que todo o material escolar, incluindo-se os objetos de apoio ao ensino de ciências, o museu, os mapas para o ensino de ciências naturais, mapas para o ensino de geografia, globo terrestre, etc., eram de fundamental importância, pois serviriam de apoio para a explicação do conteúdo, partindo-se do objeto concreto, ou de sua representação material, para depois chegar à sua conceituação.

A literatura especializada aponta como uma das finalidades de se criar um museu a função de trazer o conhecimento invisível ao conhecimento visível.

Esta prática foi confirmada como atividade comum dessas instituições pelo estudos básicos da pesquisa recorrente em diversas localidades do Brasil e da Europa. Foi também registrada a influência das Exposições Universais sobre a indústria de material voltado à escola, sobre a abertura do comércio internacional, a explosão de construções arquitetônicas exclusivas e apropriadas para o ensino; a introdução da higiene, regulando os espaços coletivos e individuais. Todos estes fatores contribuíram para a disseminação dos materiais escolares em escolas públicas e particulares, de acordo com a possibilidade financeira de cada instituição (SOUZA, 1998).

2.1 BREVE HISTÓRICO SOBRE O FUNDADOR DO MILG

A história da EASCJ corre junto com a biografia do irmão Luiz Gartner¹⁵, pois ele residiu em Corupá desde dezembro de 1931 e lá viveu até os últimos dias de sua vida (8/10/1988). Ir. Luiz nasceu em Brusque dia 4 de julho de 1905. “*O que faço é para os outros*”, foi o lema de sua vida no trabalho. Residindo em Brusque, trabalhou como sapateiro (KOCH, 2010). No seminário, era descrito por ^{dos} seus colegas da seguinte maneira:

Jovem, praticava futebol e ginástica. Era o “faz de tudo”. Sapateiro, no seminário por 30 anos. Muita gente usou as primeiras chuteiras confeccionadas pelo Ir. Luiz. Por igual período, enfermeiro da casa. Atividade que mais o marcou, segundo seu depoimento. Ele próprio compunha remédios. Em casos mais graves, de carroça, levava o seminarista doente até a Vila de Corupá, a fim de tomar o trem para Joinville. Por longo tempo, foi também o fotógrafo oficial (SEMINÁRIO SCJ, 1979, p. 2).

Além das aptidões acima descritas, ir. Luiz se encantava com as belezas naturais e animais. A cultura também o inspirava e influenciava sua sensibilidade. Nas horas vagas da noite, dedicava-se a pintar peças e quadros sacros. “Um dos melhores quadros pintados por ele é a Santa Ceia. Dentre todas as suas virtudes, ressalta, com brilho invulgar, a fidelidade” (SEMINÁRIO SCJ, 1979, p. 4). Com certeza, o grande objetivo de irmão Luiz com o museu foi de tornar perceptível que mais importante que o saber é o sentir. O sentir carregado de responsabilidade e de compaixão para que o ser humano se descubra como parte do ecossistema. Onde quer que o ir. Luiz fosse trabalhar, ele levava seu amigo inseparável numa gaiola – um esquilo. Este era o seu divertimento (DECKER, 2004).

2.2 MUSEU IRMÃO LUIZ: TORNANDO O CONHECIMENTO INVISÍVEL EM VISÍVEL ATRAVÉS DAS CIÊNCIAS NATURAIS

O Museu da EASCJ foi criado pelo irmão Luiz Godofredo Gartner, em 1933, mas não no formato como hoje é disposto e organizado. Tinha apenas algumas peças taxidermizadas expostas na antiga sala de visitas da EASCJ (Figuras 17 e 18).

¹⁵ O nome de batismo do Irmão Luiz era Godofredo Gartner. Optou por acrescentar “Luiz” quando fez a profissão religiosa em 1.9.1929, tornando-se irmão Luiz Godofredo Gartner, SCJ.



Figura 17 - Alguns animais e insetos taxidermizados e algumas plantas ornamentais expostos na sala de visitas do SSCJ, 1933

Fonte: Acervo do Appal.



Figura 18 - Alguns animais taxidermizados expostos na sala de visitas do SSCJ, 1933

Fonte: Acervo do Appal.

Analisando as fotos (Figuras 17 e 18), percebemos que, se tomados como referência dos padrões atuais, não havia critérios de curadoria para expor, nem armários próprios para salvar os objetos. São simplesmente animais taxidermizados, dispostos numa sala, sendo popularmente chamada de “Museu do Ir. Luiz”. Este tipo de exposição permitia a qualquer visitante tocar nas peças à mostra. Isto nos leva a crer que a intenção era impressionar o visitante do Seminário ou da Escola Apostólica Sagrado Coração de Jesus, pois os objetos estavam expostos justamente na sala de visitas, porta de entrada da escola.

Conforme dados coletados, primeiramente, investiu-se na criação e manutenção de dois viveiros: um de aves, criado em 1934, batizado de “Paraíso das Aves”, e outro, de plantas ornamentais (Figura 19). O viveiro “Paraíso das Aves” teve início com apenas um exemplar de passarinho - um pintassilgo (*Carduelis magellanicus*), trazido de Brusque para Corupá.

Aos poucos, o número de aves e o viveiro foram aumentando por várias vias: compra, troca, venda e criação.



Figura 19 – Cactos cultivados pelo ir. Luiz Gartner
Fonte: Acervo Appal.

Em 1979, chegou a contar com 460 aves, entre os quais: sabiás, periquitos, araras, marrecos d'água, chupins, mutuns, pavões, faisões, perdizes, inhambus, curicas, maracanans, tiriabas, macucos, príncipes negros, tucanos, papagaios (SEMINÁRIO SCJ, 1979).

Os animais desta coleção variam em forma, tamanho, espécie e *habitat*, desde animais de grande porte (como uma onça pintada) até um de menor porte (um beija-flor-de-bochecha-azul), além de misturar animais domésticos, selvagens e aquáticos. Naquele tempo, a prática da caça e criação de animais silvestres presos não era ilegal. Como em quase todas as colônias alemãs, em Hansa Humboldt (Corupá) também existiam as tradicionais sociedades de caça e tiro (Schützenvereine). Com isso, começaram a surgir doações de alguns animais já mortos, pegos por caçadores até de outras regiões e/ou mortos no próprio viveiro. Assim é que se iniciou propriamente a coleção de animais taxidermizados do MILG. No início, devido à tradição do clube Caça e Tiro, o ir. Luiz e outros padres caçavam, e conseqüentemente a coleção de animais taxidermizados ampliava-se. Posteriormente, começou-se a comprar animais ao invés de caçá-los, como, por exemplo: “os animais maiores, como o leão [*Panthera leo*] e a onça [*Panthera onça*] tive de comprar mas não custaram muito. Outros animais, pássaros e objetos foram doados por benfeitores e amigos” (SEMINÁRIO SCJ, 1979, p. 3).

Cabe fazer duas observações nesta afirmação do irmão Luiz: 1) o leão e a onça foram adquiridos no zoológico de Pomerode¹⁶/SC; 2) para taxidermizar, animais de grande porte como os citados o irmão Luiz obtinha ajuda de seu amigo George Hermann (KOCH, 2010).

Segundo os documentos encontrados nos arquivos da EASCI e do Appal, a ideia de taxidermizar surgiu quando o irmão Luiz Gartner, a passeio na chácara dos padres SCJ, em Taubaté, em 1929, encontrou um sabiá morto, fato que assim descreve: “Peguei-o, tirei as tripas e coloquei sal para conservá-lo. E, aí, veio-me a idéia de organizar um museu” (SEMINÁRIO SCJ, 1979, p. 2). Nessa experiência, o ir. Luiz não obteve sucesso. Seu sabiá apodreceu em alguns dias. Em busca de conhecimentos apropriados para tal empreendimento, tratou de se informar com seu amigo farmacêutico sobre o uso de arsênio, bicarbonato de sódio, pedra alúmen e formol na conservação da pele de animais. Após muita prática, tornou-se um “mestre” no assunto, assim como Pedro Wilson Bertelli, professor da Fundação Regional de Blumenau – FURB -, que também aprendeu a técnica da taxidermia (PARIZOTTO, 2001).

Em busca de verbas para comprar seus materiais, ir. Luiz confeccionava crucifixos e pintava estátuas sacras e as vendia no próprio museu. Esses recursos se destinavam diretamente à manutenção do museu e do viveiro. Uma pequena parcela era doada ao seminário.

Todos os produtos eram comprados com receitas expedidas por um médico amigo, mas sempre em pequenas quantidades. Os olhos eram artificiais e de boa qualidade, pelo que se pode observar de seu ótimo estado de conservação. A estes, ir. Luiz importava de Portugal e de outros países, sempre especificando tratar-se de olhos apropriados para animais taxidermizados e esculturas sacras.

O primeiro exemplar empalhado (taxidermizado) do acervo foi o guaxinim "mão-pelada" (CIMARDI; BRETTAS, 1996).

Em termos gerais, a principal característica do acervo deste museu é a taxidermia. Tem aproximadamente 1.500 exemplares de animais fichados, catalogados e conservados, entre eles: mamíferos, aves, répteis e peixes. Além disso, possui também uma coleção de objetos antigos e raros, como: estátuas do século XVI e XVII (Maria, Santa Luzia e Sant’Ana), crucifixos de marfim, primeiros modelos de máquinas de escrever das marcas Mignon, Oliver e Gundka, coleção de moedas e cédulas do Vaticano e do mundo todo, relógios antigos, dois exemplares de vasos de alabastro, armas da guerra do Paraguai, instrumentos musicais como o primeiro aparelho musical do seminário (um gramofone,

¹⁶ O Zoológico de Pomerode foi fundado, em 1932, por Hermann Weege. Foi o primeiro zoológico a ser fundado na Região Sul e o terceiro no País (<http://www.pomerzoo.org.br/zoopomerode.asp>).

fonógrafo da marca Thomás A. Edison, de 1900, figura 40), bússola do primeiro navio aportado em São Francisco do Sul/SC; coleções de cachimbo, lápis, caixas de fósforo, objetos indígenas, esqueleto humano completo, minerais, fósseis, coleção de borboletas, coleção de aranhas e diversos insetos, vestes sacerdotais litúrgicas, uma pele de uma sucuri de 6,80 m perfazendo, umas 30 mil peças no total (JORNAL CORREIO DO POVO, 1981).

A respeito das fontes sobre a origem destes objetos, há que esclarecer que são diversas: depoimentos de alguns padres da congregação e/ou por entrevistas realizadas com o falecido Ir. Luiz na década de 1970; um escrito (de 2004) do falecido pe. Roque José Schmitt, segundo o qual muitas das coleções, “sobretudo as de arte sacra que lá se encontram [no Museu], também se devem ao Ir. Luiz” e, ainda de acordo com o escrito, principalmente ao pe. Irineu Decker, então vigário do Meier/RJ, “sem dúvida a pessoa que maior número de crucifixos e estátuas raras mandou para Corupá”¹⁷. A primeira cobra-cascavel foi capturada em 1938 pelos seminaristas teólogos de Taubaté/SP (DECKER, 2004). O pequeno jacaré foi capturado por seminaristas de Brusque, na chácara dos padres (KOCH, 1993, p. 60).

Com a reforma iniciada em 1951 (construção de um pavilhão de dois andares, atrás do antigo prédio do seminário) e a inauguração em 1953, o Museu Imão Luiz Gartner ganhou um novo e ampliado espaço: no 1º andar, de 240m², o "Museu Zoológico", com cerca de 1.500 peças; no 2º andar, também de 240m², o "Museu Mineralógico”.



Figura 20 - Entrada do MILG, 2010
Fonte: Acervo do Appal.

O acervo do MILG da EASCIJ nos remete a uma lógica de ensino: o método intuitivo, difundido amplamente na Europa na segunda metade do século XIX pelas

¹⁷ Pe. Roque acrescenta na carta que muitas das vezes era ele mesmo quem trazia do Rio de Janeiro para Corupá. E que “havia, no Meier, uma grande cruz fora da igreja, mas dentro do muro que cercava a igreja. Lá, todas as pessoas que mudavam de religião ou aderiam uma seita religiosa, depositavam ao pé da cruz estas imagens e crucifixos (SCHMITT, 2004).

exposições escolares organizadas no quadro das Exposições Universais¹⁸. No Brasil, foi implantado por algumas escolas particulares como promessa de qualidade e inovação do ensino. Mas foi no ensino público que se tornou popular, introduzida pelo ministro Leôncio de Carvalho, em 1879 (SOUZA, 1998), ainda no Império. Rui Barbosa, em seu parecer sobre a reforma do ensino primário em 1882, considerava o método “como ponto de partida de todo o ensino, em todos os países adiantados e por todos os pedagogos eminentes” (BARBOSA apud VIDAL, 2009, p. 45).

Conforme preconizava o método era preciso que o aluno tivesse contato visual para conseguir melhor aprender, partir do concreto para o abstrato, do conhecido para o desconhecido. Para isso ser possível, necessitava-se de uma quantidade considerável de materiais escolares que permitissem ao professor colocar em prática o método e o aluno aprender pelo olhar. Além disso, requeria-se dos professores uma boa preparação para lidarem com os novos materiais didáticos.

Para Vera Valdemarin (2000, pp. 76-77), em a “Lição das coisas” ou “Métodos de Ensino Intuitivo”, pretendia-se substituir o caráter abstrato e pouco utilitário da instrução. O novo método tinha como pressuposto a ideia de que o “ato de conhecer tem início nas operações dos sentidos sobre o mundo exterior, a partir das quais são produzidas sensações e percepções sobre fatos e objetos que constituem a matéria-prima das idéias.”

Mesmo não tendo sido encontrado até o momento qualquer documento que comprove a criação do museu para colocar em prática a prescrição do ensino intuitivo, ou que lhe faça referência, partimos do pressuposto que podemos entendê-lo como um museu escolar que pretendia, direta ou indiretamente, manter seus alunos seminaristas em contato com as ciências naturais e demais objetos colecionáveis.

Os dados levantados permitem apresentar uma caracterização do acervo do MILG. Com certeza não lhe cabe a de coleção didática, pois esta se destina ao ensino, à demonstração e/ou ao treinamento, sem considerar seu período de duração, que é curto e sua necessidade de renovação. Cabe melhor considerá-lo coleção particular de pesquisa. De fato, reúne material zoológico, com exemplares destinados à visitação de estudantes e do público em geral, buscando visualização de animais/insetos, entre outros, provenientes de diversos grupos, de diversas localidades do Brasil e do mundo, apresentando-os por série, catalogando-os, identificando-os e, conseqüentemente, preservando-os (PAPAVERO, 1994).

Até 2001, o museu guardou a mesma disposição realizada pelo ir. Luiz, que faleceu em 1988 na cidade de Corupá. Segundo Sardagna (2001), todos os animais estavam expostos

¹⁸ A Exposição Escolar, que acontecia dentro da Exposição Universal, no Brasil, ocorreu no Rio de Janeiro em 1883; a Exposição Nacional, em 1908 (SOUZA, 1998).

em armários sobrecarregados, prateleiras forradas com isopor, além de apresentar acervo zoológico de espécies e *habitats* completamente diferentes no mesmo espaço, com decoração inapropriada para os animais. Foram 13 anos sem nenhum processo de higienização (limpeza) e manutenção do acervo. Segundo depoimento do pe. Marilton Nuss (2010), o irmão Luiz fazia tanto a higienização quanto a manutenção do acervo. Declara: “Quando eu era seminarista, e morava em Corupá, convivi com o ir. Luiz e o ajudava quando solicitava. Ir. Luiz me pedia para passar um produto nas costuras dos animais para conservá-los; penso que seria formol, e depois de sua morte nada foi feito”.

Nenhum sacerdote, nem qualquer outro irmão religioso da Congregação SCJ, aprendeu a técnica da taxidermia com o ir. Luiz, quando vivo, nem fez cursos em instituições especializadas para prosseguir com seu trabalho. Segundo pe. Marilton Nuss (2010), foi solicitado ao ir. Engel que continuasse o trabalho e que ficasse ao lado do ir. Luiz para aprender com ele sobre o processo de taxidermização de animais. Mas o religioso não se manifestou a favor. Sendo assim, não restou senão solicitar ajuda a especialistas na área.

Em 2001, morreram os dois últimos exemplares das aves existentes no viveiro “Paraíso das Aves”, pertencentes à coleção do ir. Luiz: primeiramente, um faisão (Família Phasianidae); em seguida, morreu um cardeal (*Paroaria coronata*). Ambos foram taxidermizados pelas estagiárias Adriana Ferreira Sardagna e Maria Helena Parizotto e incorporados à respectiva coleção de aves.

O viveiro “Paraíso das Aves” foi desativado após exigências do Ibama, no ano de 2001, e a falta de recursos financeiros para promover as adequações exigidas pelo Ibama, e o tratamento adequado com as espécies resultaram na gradativa desativação do viveiro de pássaros do seminário. O viveiro, criado em 1932, pelo irmão Luiz Gartner, em 2001 contava com aproximadamente 50 aves, entre exóticas e domésticas. As aves foram distribuídas entre criadores particulares de Jaraguá do Sul, Guabiruba, Balneário Camboriú e Pomerode.

Atualmente, ao entrar no MILG, nos deparamos com a exposição de alguns dos animais taxidermizados ainda pelo irmão Luiz. Os animais expostos estão protegidos por expositores de vidro, identificados individualmente por uma etiqueta. No momento, nem todas as peças estão expostas, pelo fato de não se ter disponibilidade de espaço. É importante ressaltar que a disposição das coleções é fundamental para dar ao visitante a impressão de realidade e precisão do que ele está vendo, como afirma Goeldi (*apud* SARDAGNA, 2001, p. 11):

Em um museu não se dispensa o arranjo sistemático das coleções, a classificação rigorosa de cada espécime, dando aos visitantes ao mesmo tempo uma noção exata, clara e precisa de cada material exposto e da classe

a que pertence, seu nome, a sua utilidade, sua origem ou qualquer outro elemento necessário ao seu conhecimento.

O espaço do museu está disposto da seguinte forma: ao entrar, o visitante assina o livro de presença e paga o ingresso, o que lhe dá o direito à visita guiada, por um seminarista residente do Seminário SCJ de Corupá.

A visita inicia-se entrando pelo lado direito do museu, onde ficam expostos animais mamíferos (anta, tigre, onça, leão, entre outros); seguindo à direita, estão as variadas espécies de aves taxidermizadas (desde o verde-amarelo dos papagaios, o colorido do pavão, as garças com suas asas taxidermizadas em forma de leque, até o verde dos pequenos periquitos). Percorrendo mais um pouco, tem-se a galeria de lepidópteros: as borboletas de diversas cores e espécies. Entre os coleópteros, estão os besouros de tamanho grande e pequeno. Em seguida, chega-se à área dos répteis, ofídios de diversas espécies (serpentes venenosas ou não). Nesta área estão a cobra, os jacarés, crocodilos, peixes e moluscos.

Continuando a visita, passa-se à ala dos Mirmecófagos e do Bradypodidae, com tamanduás de diferentes tamanhos, tatus, e bicho preguiça, respectivamente. No centro da sala existem outras vitrines com alguns mamíferos e fósseis, além do curioso bezerro siamês (Figura 26).

O itinerário de observação termina com a exposição de alguns dos utensílios que o ir. Luiz utilizava para a revelação das fotografias, a fabricação e consertos de sapatos e sua motocicleta motorizada.

Alguns estudos anteriores sobre o Museu Ir. Luiz focaram o acervo zoológico, não na perspectiva histórica, mas na intenção de catalogar, higienizar e restaurar as coleções. Nestes trabalhos diversas peças do museu passaram por restaurações. O seminário de Corupá teve auxílio de pessoas especialistas, em 2001, para o trabalho minucioso e necessário de higienização e restauração. Inicialmente, duas alunas do curso de Biologia da Universidade Regional de Blumenau – FURB - realizaram o trabalho em 625 horas de estágio, cumprindo o requisito necessário para a obtenção do título de bacharel em Ciências Biológicas. São elas: Maria Helena Parizotto, que cuidou da restauração do acervo zoológico de aves, e Adriana Ferreira Sardagna, que trabalhou na restauração do acervo zoológico de mamíferos. Após o estágio, o Seminário SCJ as contratou para dar continuidade ao trabalho, concluído em meados de 2002.

Outro trabalho de Parizotto e Sardagna, em 2001, foi o de montar um cenário no MILG, que constituiria uma representação da fauna, englobando mamíferos, aves, répteis, anfíbios, peixes, equinodermos, de ocorrência local e também de outras regiões. Essa

simulação dos *habitats* dos animais é chamada de diorama. As coleções de fauna e flora apontam e codificam uma dimensão dos ecossistemas locais e regionais, levando o visitante a aprender uma macrorrealidade que transcende o ambiente do museu (BARCELLOS, 1993).

Para ilustrar um ambiente de forma natural, as estagiárias Parizotto e Sardagna incluíram nos armários serrapilheira seca e identificaram cada animal em pequenas placas de papel cartolina com os seguintes dados: família, nome popular e nome científico.

Durante os estágios, as estudantes diagnosticaram que alguns exemplares não tinham ficha de identificação e em geral não se seguia um padrão museológico, mas se utilizavam três modelos de fichas. Decidiram adotar um modelo de ficha-padrão, utilizando o da FURB como referência, trocando apenas o nome do museu, que contém os seguintes itens: ordem, família, nome científico e popular, sexo, coletor, data, local, município, estado; informações sobre a biometria do animal, contendo dados e medidas: peso, comprimento total e da cauda, orelha, pata posterior (com e sem unha) e pata anterior (com e sem unha). Outros dados sobre o preparo da peça: data da intervenção, reagentes utilizados, material conservado e um espaço para as observações.

Após a padronização da fichas, notaram que alguns animais taxidermizados estavam com suas identificações equivocadas, como, por exemplo: “um filhote de anta (*Tapirus terrestris*) identificado como paca (*Agouti paca*), [...]; um lobo-marinho (*Arctocephalus australis*), como leão-marinho”.

Observaram também uma confusão com alguns esquilos que precisam de uma identificação mais precisa; um filhote de cachorro que não se sabe se é cachorro do mato ou doméstico, pois não apresenta identificação nenhuma (SARDAGNA, 2001, p. 17).

Esta atividade de preservação e catalogação adequada do material exposto no museu é chamada de *curadoria*. A atividade deverá ser sempre eficiente, proporcionando uma adequada organização e manutenção dos objetos. O curador é a pessoa que exerce as atividades necessárias no museu, que compreendem, entre outros assuntos, manter contato com outros museus, trocando informações relacionadas a coleções, conservação e novas técnicas (PAPAVERO, 1994). Este profissional deve manter como prioridade a revisão periódica das coleções e do ambiente em que estão expostos, para evitar ataques de agentes decompositores, como traças e cupins.

O ponto fraco do museu está justamente na ausência de uma pessoa qualificada para esta função. O guia da visita é, geralmente, um seminarista que reside temporariamente no Seminário SCJ por no máximo dois anos, durante os quais poderá aprender parte da história do museu e do seminário SCJ para poder repassar aos visitantes, mas dificilmente passará a dominar a técnica de manutenção do acervo.

Encontramos acervos semelhantes aos do MILG em três colégios também confessionais: dois de Florianópolis - o Coração de Jesus¹⁹ e o Ginásio Catarinense²⁰, e um no sul de Santa Catarina, em Tubarão, o Museu Universitário Walter Zumblick.

O Museu de História Natural do Ginásio Catarinense teve início nos dois primeiros anos de funcionamento do colégio, ou seja, em 1907. Seu acervo era composto por coleções de mamíferos, aves e ovos, répteis, anfíbios, moluscos, insetos, botânica e mineralógica.

O Museu Universitário Walter Zumblick tem sua origem ligada ao Ginásio Sagrado Coração de Jesus/Colégio Dehon²¹, dos padres do Sagrado Coração de Jesus de Tubarão/SC, a partir da coleção de História Natural, cujo processamento de taxidermização foi feito pelo irmão Luiz Garner SCJ em Corupá, que, levava os animais taxidermizados pessoalmente para o ex-colégio dehoniano.

No que diz respeito ao ensino público, a literatura tem-se ocupado de fornecer indícios acerca da existência de museus escolares. Em São Paulo, por exemplo, na Escola Normal de São Paulo, na Escola Normal Caetano de Campos e na Escola Normal do Brás²², foram encontrados materiais fabricados pela Maison Deyrolle – Casa Deyrolle²³ -, que vendia suas coleções didáticas para algumas escolas brasileiras, que as expunham com o nome Museu Escolar Brasileiro e o subtítulo: Nacionalização do *Musée Scolaire Deyrolle*. Este processo tinha por intermediário o brasileiro Joaquim José Menezes Vieira, diretor do *Pedagogium do Brasil*, que organizou as futuras edições dos quadros parietais (materiais assemelhados aos das coleções do museu da EASCI), adaptando-os à realidade brasileira, o que podemos chamar de “tradução cultural” (VIDAL, 2009).

¹⁹ Cf. BOPPRÉ, Maria Regina, 1989.

²⁰ Cf. DALLABRIDA, Norberto, p. 115, 2001.

²¹ As primeiras iniciativas para a criação de um museu na cidade de Tubarão datam de 1974, da atuação do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas e Históricas (CEPAH) da então FESSC, atual UNISUL. O projeto de estruturação de um museu na FESSC teve início em 1991, com o processamento museológico do acervo. Com um acervo bastante eclético, foi solenemente inaugurado em 1995 com o nome Museu Universitário Walter Zumblick, apesar de aberto à visitação desde algum tempo. Em 2006, o MUWAZ passou por nova reestruturação, criando-se espaço para exposição permanente, que contempla as coleções de História Natural, as coleções líticas e cerâmicas. Este museu se caracteriza como elo entre a universidade e a comunidade, desenvolvendo ações educativas e de preservação do patrimônio cultural da região. Sua origem também está relacionada ao escritor Walter Zumblick, pela doação da coleção lítica (elementos da cultura sambaquiana e tupi-guarani) e ao artista plástico Willy Zumblick, pela doação de obras representando cenas do cotidiano dos tupis. Desde a sua estruturação, o museu vem recebendo doações da comunidade acadêmica e regional para ampliação do seu acervo. Hoje pertence à Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL (<http://www.unisul.br/campus-tubarao/cultura-e-eventos/espaco-fisico-e-visitacoes.html#Museu%20Walter%20Zumblick>).

²² Consultar Vidal (2009) e Souza (1998).

²³ Foi criada em 1831 por um homem apaixonado por ciências naturais, Jean Baptista Deyrolle. Está situada no coração de Saint Germain de Près, na famosa 46 rue du Bac. Desde 1831, a casa oferece coleções Deyrolle de insetos e conchas, animais de pelúcia de todos os tipos, atrativos naturais e materiais educativos para o ensino das ciências naturais. A Maison Deyrolle pegou fogo em 2008, reabrindo suas portas em 2009 (www.maisondeyrolle.fr).

A Maison Deyrolle percebeu um mercado promissor com a venda de objetos para ensino das ciências naturais e diversos outros materiais escolares, como, por exemplo: peças de anatomia humana e anatomia comparada e modelos de flores e frutos. Em 1861, começa a publicar suas pranchas sob o comando do naturalista Émile Deyrolle. Em 1870 passa a ter o governo francês como seu principal cliente. As pranchas demoraram a ser publicada na versão em português. Não se sabe a data precisamente, mas em 1895 a Escola Normal de São Paulo já possuía lâminas da Maison Deyrolle na versão em português (VIDAL, 2009).

Encontramos no MILG fotografias de quadros com algumas espécies de insetos. A figura 21 denuncia a existência de quadros de borboletas e demais insetos, semelhantes aos da Maison Deyrolle, denominados de quadros parietais ou pranchas, objetivando o “ensino pelos olhos”. Por falta de manutenção no MILG, vários destes quadros foram descartados em 1984, a maioria de borboletas.



Figura 21 - Irmão Luiz Gartner, SCJ, ao lado dos quadros de insetos taxidermizados por ele próprio no Seminário de Corupá
Fonte: Acervo do Appal.

Uma das características dos animais que compõem o acervo do MILG é a de que as peças exibem expressão e postura de forma natural, não sendo meramente estátuas de animais taxidermizados. Este é um elemento importante, pois as coleções de História Natural são consideradas fundamentais para os estudos da biodiversidade (MENDES *apud* SARDAGNA, 2001) e constituem padrões genéticos de espécies já raras ou extintas, além de referenciais únicos nos estudos das espécies, elementos determinantes dos níveis de biodiversidade (VOLKMER-RIBEIRO *apud* SARDAGNA, 2001). Admite-se que o processamento do animal o mais real possível possa ajudar, e muito, nos estudos posteriores.

2.3 O MUSEU E AS CIÊNCIAS NATURAIS

Durante os séculos XVIII e XIX, mais precisamente na Europa, começou a disseminação das Ciências Naturais por intermédio dos museus, seja pelo modo de empalhar animais, de herborizar plantas, de etiquetar os espécimes, de identificá-los, de alfinetar borboletas, ou pelo fenômeno do colecionismo.

No Brasil foi ao longo do século XIX que esse moderno jeito de se pesquisar e propagar as Ciências Naturais se difundiu também pelos museus, mantidos por escolas particulares ou públicas, ou simplesmente por museus ordinários (LOPES, 1997, p. 22). Foi pelas valiosas contribuições dos museus brasileiros que se consolidaram as Ciências Naturais no País - a física e as ciências naturais -, caracterizando a época como a do apogeu da ciência moderna. Os primeiros museus brasileiros foram: Museu Nacional do Rio de Janeiro, criado em 1808; Museu Paraense Emílio Goeldi, em 1866 e, em 1894, criado o Museu Paulista (SOUZA, 1998).

Os museus locais começaram a surgir, como a autora Lopes (1997) denomina, na “segunda fase do percurso dos museus brasileiros”, que vai dos anos de 1860 ao início do século XX, momento em que houve uma ruptura do modelo de museu geral “metropolitano e enciclopédico”, justamente em contraposição ao antigo museu do Império, para um museu das províncias, mais especializado, dando assim continuidade à tradição naturalista do Museu Nacional.

É nesta segunda fase da história dos museus brasileiros que surge o Museu Irmão Luiz Gartner - MILG²⁴ -, antigamente denominado Museu Sagrado Coração de Jesus – MSCJ -, em Corupá, quase na metade do século XX. O MILG oferecia aos alunos da EASCJ a possibilidade de transformar um conhecimento invisível e distante da realidade de alguns em conhecimento visível, por meio das Ciências Naturais e demais coleções. Embora de grande valia e reveladoras das riquezas dos produtos naturais do Brasil, as Ciências Naturais eram entendidas como acessórios pelas instâncias políticas (LOPES, 1997, p. 329). Mesmo assim, consolidaram-se como disciplina nas escolas públicas e particulares.

Na literatura²⁵ e em dicionários existem várias definições sobre MUSEU ESCOLAR. A palavra *museu* deriva do latim *museum*, “templo das musas”, local onde as pessoas se exercitam na poesia e na música, lugar consagrado às musas, aos estudos, biblioteca, academia (HOUAISS, 1989, p. 7942). E ainda definida como: “instituição cultural destinada a

²⁴ Em 2004, o Museu SCJ passa a denominar-se oficialmente **Museu Irmão Luiz Gartner – MILG** -, uma homenagem ao fundador, irmão Luiz Godofredo Gartner SCJ.

²⁵ VIDAL, 2009, p. 44.

recolher, classificar, colecionar, conservar e expor objetos, obras ou documentos de interesse artístico, histórico, geográfico, científico, etc. e, ao mesmo tempo, estudá-los, pesquisá-los e divulgá-los (BARSA, 1987, p. 215).

A luz destes conceitos, entendemos que o MILG é algo mais do que uma “instituição cultural destinada a recolher, classificar, colecionar, conservar e expor objetos [...]”. Podemos considerá-lo um *Museu Escolar*. Na definição encontrada no dicionário de Luzuriaga os museus escolares

Constituyen uno de los medios de hacer intuitiva y activa la enseñanza. En este sentido, no pueden ser meras exposiciones de objetos o instrumentos que se guardan como en los museos ordinarios, sino que han de ser ante todo fruto de la labor escolar y a su vez medio para hacer más eficiente ésta. El museo escolar puede ser de varias clases: científico, histórico, artístico, geográfico, etc., y estar contituído por tanto por objetos e instrumentos muy variados.²⁶ (PICH *apud* LUZURIAGA, 1960, p. 269).

Sendo assim, o objetivo dos museus era que os alunos pudessem ver e observar, pois é também através da observação que se tem uma experiência científica. De fato, as coleções de animais, conforme existem no MILG, têm, basicamente, duas funções: o ensino e a pesquisa.

Importante salientar que as coleções existentes nos museus não constituem meros depósitos de animais mortos. Podemos considerá-las como elementos importantes para o ensino e treinamento, para inventários faunísticos, pesquisas puras e aplicadas, identificação de exemplares e corpos de prova de trabalhos científicos (SOCIEDADE BRASILEIRA DE ZOOLOGIA, 1987).

Mais do que isso, para os autores franceses Van-Praet e Poucet (*apud* MARANDINO, 2010), a especificidade do museu está relacionada a três essenciais elementos, como: o *lugar*, o *tempo* e a importância dos *objetos*.

Lugar: os autores classificam o museu como um trajeto aberto, ao contrário do espaço “fechado” da escola, pelo fato de o visitante não ficar “preso” ao *lugar*, sendo constantemente “cativado pela exposição durante seu percurso”. Por isso é importante, por parte dos professores e até dos guias dos museus, organizar melhor o tempo de visita e cativar mais a atenção dos visitantes para que não cansem rápido e não dispersem suas atenções

²⁶ Constituem um dos meios de fazer o ensino intuitivo e ativo. Neste sentido, não podem ser meras exposições de objetos ou instrumentos como os guardados em museus comuns, mas terão que ser, antes de tudo, fruto do trabalho escolar e, por sua vez, meio para tornar mais eficiente o ensino. O museu escolar pode ser de varios tipos: científico, histórico, artístico, geográfico, etc., e estar constituído tanto por objetos, quanto por instrumentos variados (Tradução nossa).

durante a visitação. Portanto, as exposições devem obter e dirigir a atenção do visitante, tornar a experiência memorável, prazerosa e o mais real possível.

Outra especificidade anotada pelos autores é o *tempo*: o tempo de visitação de um museu deve ser breve, já que este é onipresente na escola. O tempo é essencial para a transmissão das mensagens sobre exposição; “ele é muito breve se considerarmos os minutos que cada visitante concede a um objeto, a um tema, durante uma visita que poderá ser a única de sua vida” (Id, p. 166). Este tempo varia conforme o tipo de exposição e o guia do museu, já que o discurso existente nos museus se apóia nos *objetos*, fonte de riqueza e interatividade, comum a escolas e a museus.

2.4 ACERVO ZOOLOGICO DE AVES DO MUSEU IRMÃO LUIZ GARTNER

Definimos como *aves*, animais que possuem o corpo coberto de penas e que, na escala evolutiva das espécies, descendem diretamente dos répteis; até hoje, todas as aves possuem restos de escamas nas pernas (ENGLERT, 1998).

Cada ave pertencente ao acervo do MILG está acompanhada de uma ficha de identificação, contendo *dados da coleta*: coletor, data e local da coleta, município, estado e alguma observação analisada; *dados da ave*: classificação da ave (ordem, família, nome científico²⁷, nome popular) e sexo; medição ou, como é chamada, *biometria*²⁸: peso, largura e altura do bico, cúlmem total, narina - a ponta e tarso, asa, cauda e comprimento total. Durante o preparo, fazem-se as anotações necessárias sobre o procedimento de taxidermização (cf. Apêndice A), tais como: data do preparo, por quem foi taxidermizado, os reagentes químicos utilizados, tipo de taxidermia (artística ou científica), material conservado (crânio, pele, fígado, coração, etc.) e outras consideradas relevantes.

O acervo zoológico de aves do MILG contém, ao total, 539 exemplares, assim distribuídos: 370 aves taxidermizadas; 151 ovos; 13 ninhos e 5 esqueletos. Estas aves pertencem a 22 ordens²⁹, a 53 famílias³⁰ e a 203 espécies³¹, 13 das quais não possuem

²⁷ Agradecemos ao prof. dr. Mário Steindel pelas orientações fornecidas no que se refere aos dados zoológicos das aves e dos mamíferos referidos neste trabalho.

²⁸ A medição (medida em unidade de milímetros) da ave é realizada antes que a peça seja colocada no congelador para não enrijecer as articulações e os dados sejam equivocados, posto que são dados importantes para futuros estudos de comparação das espécies. O animal é colocado no congelador para que ocorra a coagulação sanguínea.

²⁹ Expressa o parentesco mais próximo dentro de uma classe de animais, neste caso das aves (SICK, 2001, p. 95).

³⁰ Identificam os membros da família à qual pertencem (SICK, 2001, p. 95).

³¹ A espécie é identificada pelo indivíduo, ou seja, a ave ou animal que vemos, unidade individual, ao contrário do gênero, que é uma unidade coletiva (SICK, 2001, p. 95).

identificação pelo fato de serem aves exóticas e não constarem em bibliografias referentes ao assunto.

Tabela 1 - Detalhamento do acervo de aves do MILG

ACERVO DE AVES	QUANTIDADE
ANIMAIS TAXIDERMIZADOS	370
OVOS	151
NINHOS	13
ESQUELETOS	5
TOTAL	539

Fonte: Seminário SCJ.

O que nos chama a atenção na tabela 1 é o número reduzido de esqueletos – apenas cinco, no total -, em relação ao número de aves existentes em 1979 (460 exemplares, pertencentes ao Viveiro *Paraíso das Aves*, que poderia, portanto, ser um fornecedor direto de aves para taxidermizar). Acredita-se que motivos possam ser, primeiro, o trabalho que este material exige e, segundo, a preferência pela técnica de taxidermia (não está entre os objetivos do MILG manter coleções de ossos de aves).

O número de ninhos - 13 unidades - é pequeno. Justifica-se pelo fato de estarem alocados em lugares de difícil acesso. Geralmente, em galhos de árvores muito altos, escondidos e/ou camuflados no meio da natureza, ou até em postes de energia elétrica, como o ninho do João-de-Barro, sendo de difícil retirada, podendo ocorrer danos na sua estrutura, o que levaria necessariamente ao descarte do material.

Referente a ovos, existem 151 exemplares. Infelizmente, porém, não possuem a identificação da família, da ordem nem a que espécies de aves pertenciam, tornando-se difícil uma análise histórica de sua procedência.

Se compararmos o acervo zoológico de aves do museu (Tabela 1), com o de aves que abrangem o Brasil, teremos os dados da tabela 02. Para sua elaboração, conseguimos dados registrados por Sick, pelos quais até 2001 existiam no Brasil cerca de 1.677 espécies de aves, 86 famílias e 24 ordens. Mas, no recenseamento do Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO)³², publicado em 18 out. 2010, este número aumentou. O Brasil registra 1.832 espécies, 129 famílias, e 28 ordens.

³² Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos. **Listas das aves do Brasil**. 9. ed., 18 out. 2010, Disponível em: <<http://www.cbro.org.br>>. Acesso em: 28 out. 2010.

Tabela 2 - Detalhamento do acervo de aves do MILG em relação ao Brasil

CATEGORIA	BRASIL	MUSEU
ORDENS	28	22
FAMÍLIAS	98	53
ESPÉCIES	1832	203

Fonte: CBRO, 2010.

Vale uma observação referente ao número atual de ordens no Brasil. Segundo o Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (2010), algumas ordens foram subdividas, como a dos Falconiformes, que passou a abranger somente uma família, a Falconidae, aumentando o número de ordens de 28 para 31. Portanto, mais três ordens foram registradas. No presente trabalho, porém, manteremos as ordens anteriores às da nova metodologia. As ordens atualmente que fazem parte do quadro total do Brasil, mas não pertencem ao acervo do MILG, são somente seis: Procellariiformes, Phaethontiformes, Eurypygiformes, Accipitriiformes, Cariamiformes e Opisthocomiformes.

Analisando os números das Ordens (22) no MILG -, devemos admitir que é um número reduzido, muito significativo perante o total de ordens no Brasil, exatamente 28, o que significa que o acervo do MILG pode ser de grande valia para futuros estudos e intercâmbio com outras instituições de ensino e pesquisa e demais museus. Essa diferença aumenta no que diz respeito ao item Família (com 45 unidades a mais no Brasil), e é maior ainda em relação ao item Espécies (com 1.629 espécies de diferença).

Após a comparação das aves existentes no Brasil com as do acervo do MILG, foram feitas a análise das aves catalogadas em Santa Catarina, valendo-nos das obras de Lenir Alda do Rosário e Eduardo Parentoni Brettas. São os seguintes números:

Tabela 3 - Detalhamento do acervo de aves do MILG em relação a SC

CATEGORIA	SC	MUSEU
ORDENS	23	22
FAMÍLIAS	69	53
ESPÉCIES	596	203

Fonte: ROSÁRIO; BRETTAS, 1996.

Referente ao número de ordens das aves do estado (23), para completar o acervo do MILG, falta somente a Ordem Procellariiformes. De acordo com Sick (2001), as aves desta ordem podem ser observadas em águas catarinenses na época de outono e inverno, geralmente sob ação de tempestades, que as forçam em direção ao continente catarinense. Em relação a Famílias e Espécies, a diferença foi razoavelmente alta, 16 e 393, respectivamente.

Portanto, podemos encontrar espécies que não são categorizadas como catarinenses, mas fazem parte do acervo do MILG. Supõe-se que tenham sido trazidas de seu local de origem através da caça ou compra, já que algumas dessas aves, além de não se encontrarem em Santa Catarina, não iriam se adaptar à região devido a fatores climáticos. Quando se compara os dados do Brasil em relação ao acervo do MILG, a diferença é bem maior.

A partir dos dados do MILG, levantados no acervo, elaboramos quadros contendo todas as aves existentes de acordo com as respectivas ordens, famílias e espécies, colocando em destaque as ameaçadas de extinção, ou até já consideradas extintas. A opção por agrupar as informações em vários quadros tem fins puramente didáticos.

ORDEM TINAMIFORMES			
Família	Nome científico	Nome vernáculo	Quantidade
Tinamidae	*	Perdiz grega	2
	<i>Crypturellus noctivagus</i>	Jaó-do-sul **	2
	<i>Crypturellus obsoletus</i>	Inanbuguaçu	3
	<i>Nothura maculosa</i>	Codorna*	2
	<i>Rhynchotus rufescens</i>	Perdiz perdigão	6
	<i>Tinamus solitarius</i>	Macuco **	1
1	6	16	

Quadro 2 - Acervo de aves da Ordem Tinamiformes

Fonte: Ficha de identificação - MILG.

* Espécies não identificadas. Algumas aves, por serem exóticas, não possuem registros em bibliografias relacionadas à ornitologia brasileira.

** Espécies ameaçadas de extinção³³ (SICK; TEIXEIRA, 1983; MACHADO, *et al.*, 2008).

ORDEM STRUTHIONIFORMES			
Família	Nome científico	Nome vernáculo	Quantidade
Rheidae	<i>Rhea americana</i>	Ema	5
1	1	5	

Quadro 3 - Acervo de aves da Ordem Struthioniformes

Fonte: Ficha de identificação - MILG.

ORDEM PODICIPEDIFORMES			
Família	Nome científico	Nome vernáculo	Quantidade
Podicipodidae	<i>Podilymbus podiceps</i>	Mergulhão	1
1	1	1	

Quadro 4 - Acervo de aves da Ordem Podicipediformes

Fonte: Ficha de identificação - MILG.

³³ A atualização dos dados foi possível graças às obras dos autores Sick; Teixeira (1983) e Machado, *et al.* (2008).

ORDEM SPHENISCIFORMES			
Família	Nome científico	Nome vernáculo	Quantidade
Spheniscidae	<i>Spheniscus magellanicus</i>	Pingüim-de-Magalhães	3
1	1	3	

Quadro 5 - Acervo de aves da Ordem Sphenisciformes

Fonte: Ficha de identificação - MILG.

ORDEM ANSERIFORMES			
Família	Nome científico	Nome vernáculo	Quantidade
Anatidae	*	Marreca	1
	*	Marreca (filhotes)	3
	<i>Amazonetta brasiliensis</i>	Marreca-de-pé-vermelho	6
	<i>Anas bahamensis</i>	Marreca-toicinho	1
	<i>Dendrocygna bicolor</i>	Marreca-caneleira	2
	<i>Dendrocygna viduata</i>	Irerê	4
	<i>Netta peposaca</i>	Marrecão	3
	<i>Oxyura Dominica</i>	Marreca-de-bico-roxo	1
1	8	21	

Quadro 6 - Acervo de aves da Ordem Anseriformes

Fonte: Ficha de identificação - MILG.

* Espécies não identificadas. Algumas aves, por serem exóticas, não possuem registros em bibliografias relacionadas à ornitologia brasileira.

ORDEM PHOENICOPTERIFORMES			
Família	Nome científico	Nome vernáculo	Quantidade
Phoenicopteridae	<i>Phoenicopterus chilensis</i>	Flamingo-chileno**	1
1	1	1	

Quadro 7 - Acervo de aves da Ordem Phoenicopteriformes

Fonte: Ficha de identificação - MILG.

** Espécies ameaçadas de extinção (SICK; TEIXEIRA, 1983; MACHADO, *et al.*, 2008).

ORDEM COLUMBIFORMES			
Família	Nome científico	Nome vernáculo	Quantidade
Columbidae	*	Pomba	1
	<i>Columba picazuno</i>	Asa-branca	1
	<i>Columbina palpacoti</i>	Rolinha	1
	<i>Geotrygon Montana</i>	Pariri	1
	<i>Streptopelia risória</i>	Pomba-de-colar	1
1	8	8	

Quadro 8 - Acervo de aves da Ordem Columbiformes

Fonte: Ficha de identificação - MILG.

* Espécies não identificadas. Algumas aves, por serem exóticas, não possuem registros em bibliografias relacionadas à ornitologia brasileira.

ORDEM PSITTACIFORMES			
Família	Nome científico	Nome vernáculo	Quantidade
Psittacidae	*	Papagaio	2
	*	Periquito	1
	<i>Amazona aestiva</i>	Papagaio-verdadeiro	2
	<i>Amazona vinacea</i>	Papagaio-de-peito-roxo**	2
	<i>Anodorhynchus hyacinthinus</i>	Arara-azul-grande**	1
	<i>Ara ararauna</i>	Carindé**	2
	<i>Ara chloroptera</i>	Arara-vermelha-grande	3
	<i>Aratinga cactorus</i>	Jandaia	1
	<i>Aratinga leucophthalmus</i>	Periquitão-maracanã	1
	<i>Aratinga solstitialis</i>	Jandaia	1
	<i>Brotogeris tirica</i>	Periquito-verde	1
	<i>Cacatua triton</i>	Cacadu australiano	2
	<i>Guaruba guarouba</i>	Guaruba**	1
	<i>Melopittacus undulatus</i>	Periquito australiano	1
	<i>Pionopsitta pileata</i>	Cuiú-cuiú	2
	<i>Pionus maximiliani</i>	Maitaca-de-maximiliano	2
<i>Pyrrhura frontalis</i>	Tiriba-de-testa-vermelha	2	
1	17	27	

Quadro 9 - Acervo de aves da Ordem Psittaciformes

Fonte: Ficha de identificação - MILG.

* Espécies não identificadas. Algumas aves, por serem exóticas, não possuem registros em bibliografias relacionadas à ornitologia brasileira.

** Espécies ameaçadas de extinção (SICK; TEIXEIRA, 1983; MACHADO, *et al.*, 2008).

ORDEM CAPRIMULGIFORMES			
Família	Nome científico	Nome vernáculo	Quantidade
Caprimulgidae	<i>Macropsalis creagra</i>	Bacurau-tesoura-gigante	1
	<i>Podager nacunda</i>	Coruçã	1
1	2	2	

Quadro 10 - Acervo de aves da Ordem Caprimulgiformes

Fonte: Ficha de identificação - MILG.

ORDEM TROGONIFORMES			
Família	Nome científico	Nome vernáculo	Quantidade
Trogonidae	<i>Trogon rufus</i>	Surucuá-de-barriga-amarela	1
	<i>Trogon surucua</i>	Surucuá-de-peito-azul	2
	<i>Trogon viridis</i>	Surucuá-grande-de-barriga-amarela	1
1	3	4	

Quadro 11 - Acervo de aves da Ordem Trogoniformes

Fonte: Ficha de identificação - MILG.

ORDEM CUCULIFORMES			
Família	Nome científico	Nome vernáculo	Quantidade
Cuculidae	<i>Guira guira</i>	Anu-branco	1
	<i>Pyaya cayana</i>	Alma-de-gato	2
1	2	3	

Quadro 12 - Acervo de aves da Ordem Cuculiformes
Fonte: Ficha de identificação - MILG.

ORDEM CORACIIFORMES			
Família	Nome científico	Nome vernáculo	Quantidade
Alcedinidae	<i>Ceryle torquata</i>	Martim-pescador-grande	1
	<i>Chloroceryle amazona</i>	Martim-pescador-verde	2
	<i>Chloroceryle americana</i>	Martim-pescador-pequeno	1
Momotuidae	<i>Baryphthengus ruficapillus</i>	Juruva	1
2	4	5	

Quadro 13 - Acervo de aves da Ordem Coraciiformes
Fonte: Ficha de identificação - MILG.

ORDEM APODIFORMES			
Família	Nome científico	Nome vernáculo	Quantidade
Apodidae	<i>Streptoprocne zonaris</i>	Andorinhão-de-coleira	1
Trochilidae	*	Beija-flor	1
	<i>Amazilia versicolor</i>	Beija-flor-de-banda-branca	1
	<i>Aphantochroa cirrochloris</i>	Beija-flor-cinza	1
	<i>Clytolaema rubricaudata</i>	Beija-flor-papo-de-fogo	2
	<i>Heliothryx aurita</i>	Beija-flor-de-bochecha-azul	1
	<i>Phaethornis eurynome</i>	Rabo-branco-de-garganta-rajada	1
	<i>Ramphodon naevius</i>	Beija-flor-grande-do-mato	1
2	8	9	

Quadro 14 - Acervo de aves da Ordem Apodiformes
Fonte: Ficha de identificação - MILG.

* Espécies não identificadas. Algumas aves, por serem exóticas, não possuem registros em bibliografias relacionadas à ornitologia brasileira.

ORDEM STRIGIFORMES			
Família	Nome científico	Nome vernáculo	Quantidade
Strigidae	<i>Asio stygius</i>	Mocho-diabo	1
	<i>Ciccaba huhula</i>	Coruja-preta	1
	<i>Otus atricapillus</i>	Corujinha-sapo	1
	<i>Otus choliba</i>	Corujinha-do-mato	2
	<i>Rhynopteryx clamator</i>	Coruja-orelhuda	1
Tytonidae	<i>Tyto Alba</i>	Coruja-de-igreja	4
	<i>Pulsatrix koenewaldiana</i>	Murucututu-de-barri-ga-amarela	1
2	7	11	

Quadro 15 - Acervo de aves da Ordem Strigiformes
Fonte: Ficha de identificação - MILG.

ORDEM PELECANIFORMES			
Família	Nome científico	Nome vernáculo	Quantidade
Phalacrocoracidae	<i>Phalacrocorax olivaceus</i>	Biguá	1
Sulidae	<i>Sula leu cogaster</i>	Atobá	1
2	2	2	

Quadro 16 - Acervo de aves da Ordem Pelecaniformes
Fonte: Ficha de identificação - MILG.

ORDEM CICONIIFORMES			
Família	Nome científico	Nome vernáculo	Quantidade
Ardeidae	<i>Ardea cocoi</i>	Socó-grande	5
	<i>Butorides striatus</i>	Socozinho	1
	<i>Casmerodius albus</i>	Garça-branca-grande	3
	<i>Egretta thula</i>	Garça-branca-pequena	5
	<i>Nycticorax nycticorax</i>	Savacu	1
	<i>Syrigma sibilatrix</i>	Maria-faceira	2
	<i>Tigrisoma lineatum</i>	Socó-boi-verdadeiro	1
Ciconiidae	<i>Euxenura maguari</i>	Cegonha	1
	<i>Jabiru micteria</i>	Jaburu	2
	<i>Mycteria americana</i>	Cabeça-seca	1
Threskiornithidae	<i>Ajaia ajaja</i>	Colhereiro	3
	<i>Threisticus caudatus</i>	Curicaca	1
3	12	26	

Quadro 17- Acervo de aves da Ordem Ciconiiformes
Fonte: Ficha de identificação - MILG.

ORDEM FALCONIFORMES			
Família	Nome científico	Nome vernáculo	Quantidade
Accipitridae	<i>Accipiter bicolor</i>	Gavião-bombachinha-grande	1
	<i>Buteo brachyurus</i>	Gavião-de-rabo-curto	1
	<i>Buteo magnirostris</i>	Gavião-carijó	7
	<i>Elanoides forficatus</i>	Gavião-tesoura	1
	<i>Elanus leucurus</i>	Gavião peneira	2
	<i>Harpagus diodon</i>	Gavião-bombachinha	1
	<i>Leptodon cayanensis</i>	Gavião-de-cabeça-cinza	2
	<i>Leucopternis polionota</i>	Gavião-pombo-branco **	3
	<i>Leucopternis lacernulata</i>	Gavião-pomba	1
	<i>Spizaetus ornatus</i>	Gavião-penacho **	3
	<i>Spizaetus tyrannus</i>	Gavião-pega-macaco	2
	<i>Ictinea pumilea</i>	Sovi	1
	<i>Spizastur melanollucos</i>	Gavião-pato	2

continua

conclusão

Cathartidae	<i>Sarcoramphus papa</i>	Urubu-rei	3
	<i>Spizastur melanoleucos</i>	Urubu-de-cabeça-preta	1
Falconidae	*	Gavião	1
	*	Gavião	1
	*	Gavião	1
	<i>Micrastur ruficolis</i>	Gavião-caburé	4
	<i>Micrastur semitorquatus</i>	Gavião-relógio	1
	<i>Milvago chimango</i>	Chimango	2
	<i>Milvago chimachina</i>	Carrapateiro	1
	<i>Polyborus plancus</i>	Caracará	2
	<i>Falco columbarius</i>	Quiriquiri	1
3	24	45	

Quadro 18 - Acervo de aves da Ordem Falconiformes

Fonte: Ficha de identificação - MILG.

* Espécies não identificadas. Algumas aves, por serem exóticas, não possuem registros em bibliografias relacionadas à ornitologia brasileira.

** Espécies ameaçadas de extinção (SICK; TEIXEIRA, 1983; MACHADO, *et al.*, 2008).

ORDEM PICIFORMES			
Família	Nome científico	Nome vernáculo	Quantidade
Bucconidae	<i>Melacoptila striata</i>	João-barbudo	1
	<i>Notharchus macrorhynchus</i>	Capitão-do-mato	1
	<i>Nystalus chacuru</i>	João-bobo	1
Picidae	<i>Dryocopus lineatus</i>	Pica-pau-de-barba-branca	1
	<i>Campephilus robustus</i>	Pica-pau-rei	1
	<i>Celeus flavescens</i>	Pica-pau-de-cabeça-amarela	2
	<i>Colaptes campestris</i>	Pica-pau-do-campo	2
	<i>Colaptes melanochloros</i>	Pica-pau-verde-barrado	1
	<i>Dryocopus galeatus</i>	Pica-pau-de-cara-amarela**	1
	<i>Melanerpes flavifrons</i>	Benededito-de-testa-amarela	3
Ramphastidae	<i>Baillonioides bailloni</i>	Araçari-banana	2
	<i>Ramphastos dicolorus</i>	Tucano-de-bico-verde	4
	<i>Ramphastos toco</i>	Tucanuçu	3
	<i>Ramphastos vitellinus</i>	Tucano-de-bico-preto	4
	<i>Selenidera maculisrostris</i>	Araçari-poca	3
3	15	30	

Quadro 19 - Acervo de aves da Ordem Piciformes

Fonte: Ficha de identificação - MILG.

** Espécies ameaçadas de extinção (SICK; TEIXEIRA, 1983; MACHADO, *et al.*, 2008).

ORDEM GALLIFORMES			
Família	Nome científico	Nome vernáculo	Quantidade
Cracidae	<i>Gallus gallus domesticus</i>	Galinha-doméstica	7
	<i>Mitu mitu tuberosa</i>	Mutum-cavalo**	2
	<i>Ortalis guttata</i>	Aracuã	2
	<i>Penelope obscura</i>	Jacuaçu**	2
	<i>Pipile jacutinga</i>	Jacutinga**	3
	<i>Pnelope superficialis</i>	Jacupemba	2
Numidae	<i>Numida meleagris</i>	Galinha-d'Angola	1
Phasianidae	*	Faisão	1
	*	Faisão	4
	<i>Chrysolophus amherstidae</i>	Faisão-Lady	1
	<i>Chrysolophus pictus</i>	Faisão-dourado	6
	<i>Lophura nycthemera</i>	Faisão-prateado	2
	<i>Odontophorus capueira</i>	Uru	2
	<i>Pavo cristatus</i>	Pavão-azul	10
3	19	50	

Quadro 20 - Acervo de aves da Ordem Galliformes

Fonte: Ficha de identificação - MILG.

* Espécies não identificadas. Algumas aves, por serem exóticas, não possuem registros em bibliografias relacionadas à ornitologia brasileira.

** Espécies ameaçadas de extinção (SICK; TEIXEIRA, 1983; MACHADO, *et al.*, 2008).

ORDEM GRUIFORMES			
Família	Nome científico	Nome vernáculo	Quantidade
Aramidae	<i>Aramus guaraúna</i>	Carão	1
Psophiidae	<i>Psophiidae leucoptera</i>	Jacamim-de-costa branca	1
Rallidae	<i>Aramides saracura</i>	Saracura-do-mato	2
	<i>Fullica armillata</i>	Carqueja-de-bico manchado	1
	<i>Fullica nufifrons</i>	Carqueja-de-escudo-roxo	2
	<i>Laterallus melanophaius</i>	Pinto-d'água-comum	2
	<i>Porphyryla Martinica</i>	Frango-d'água-azul	2
	<i>Porzana albicollis</i>	Sanã-carijó	1
	<i>Rallus maculatus</i>	Saracura-carijó	1
3	9	13	

Quadro 21 - Acervo de aves da Ordem Gruiformes

Fonte: Ficha de identificação - MILG.

ORDEM CHARADRIIFORMES			
Família	Nome científico	Nome vernáculo	Quantidade
Charadriidae	<i>Pluvialis dominica</i>	Batuirucu	1
	<i>Vanellus chilensis</i>	Quero-quero	2
Jacaniidae	<i>Jacana jacana</i>	Jaçanã	3
Laridae	<i>Larus dominicanus</i>	Gaiivotão	1
Recurvirostridae	<i>Himantopus himantopus</i>	Pernilongo	1
Scolopatiidae	<i>Gallinago paraguaiiae</i>	Narceja	1
	*	Maçarico	1
5	7	10	

Quadro 22 - Acervo de aves da Ordem Charadriiformes

Fonte: Ficha de identificação - MILG.

* Espécies não identificadas. Algumas aves, por serem exóticas, não possuem registros em bibliografias relacionadas à ornitologia brasileira.

ORDEM PASSERIFORMES			
Família	Nome científico	Nome vernáculo	Quantidade
Cotingidae	<i>Carponis cucullatus</i>	Corocochó	1
	<i>Oxyruncus cristatus</i>	Araponga-do-horto	1
	<i>Pyroderus scutatus</i>	Pavão-do-mato	1
	<i>Tityra cayana</i>	Anambé-branco-de-rabo-preto	1
Corvidae	*	Pica-pica	1
	<i>Cyanocorax caeruleus</i>	Gralha-azul	7
	<i>Cyanocorax chrysops</i>	Gralha-picaça	2
	<i>Garrulus glandarius</i>	Eichelhäher	1
Dendrocolaptidae	<i>Campylorhamphus falcularis</i>	Arapaçu-de-bico-torto	1
	<i>Lepidocolaptes fuscus</i>	Arapaçu-rajado	1
	<i>Xyphocolaptes albicollis</i>	Arapaçu-de-gargante-branca	4
	*	Sanhaço	1

Continua

Conclusão

Emberizidae	<i>Cacicu haemorrhous</i>	Guaxe	2
	<i>Pseudoleistes guirahuro</i>	Chopim-do-brejo	1
	<i>Cissopis leveriana</i>	Tietinga	1
	<i>Euphonia musica</i>	Gaturamo-rei	1
	<i>Euphonia violácea</i>	Gaturamo-verdadeiro	1
	<i>Habia rubica</i>	Tiê-do-Mato Grosso	2
	<i>Icterus icterus</i>	Corrupião	1
	<i>Pipraeidea melanonota</i>	Saíra-viúva	1
	<i>Ramphocelus bresilius</i>	Tiê-sangue	1
	<i>Stephanophorus diadematus</i>	Sanhaço-frade	2
	<i>Tachyphonus coronatus</i>	Tiê-preto	4
	<i>Tangará cyanocephala</i>	Saíra	1
	<i>Tangara seledon</i>	Saíra-militar	5
	<i>Thraupis cyanoptera</i>	Sanhaço-de-encontro-azul	1
	Estrildidae	<i>Estrilda astrild</i>	Bico-de-lacre
Formicariidae	<i>Chamaeza campanisona</i>	Tovaca-campainha	1
	<i>Drymophyla ferruginea</i>	Trovoada	1
	<i>Formicarius colma</i>	Galinha-do-mato	1
	<i>Grallaria varia</i>	Tovacuçu	1
	<i>Mackenziana severa</i>	Borralhara	3
Fringillidae	<i>Padda oryzivora</i>	Calafate	2
	<i>Paroaria coronata</i>	Cardeal	3
	<i>Zonotrichia capensis</i>	Tico-tico	1
Furnariidae	<i>Furnarius rufus</i>	João-de-barro	2
	<i>Anabazenops fuscus</i>	Trepador-coleira	1
Hirundinidae	<i>Notiochelidon cyanoleuca</i>	Andorinha-pequena-de-casa	1
Pripridae	<i>Chiroxiphia caudata</i>	Tangará	3
	<i>Ilicura militares</i>	Tangarazinho	2
Ploceidae	<i>Passer domesticus</i>	Pardal	1
Tersinidae	<i>Teresina viridis</i>	Saí-andorinha	2
Muscicapidae	<i>Turdus rufiventris</i>	Sabiá-laranjeira	1
	<i>Platycichla flavipes</i>	Sabiá-uma	1
Tyrannidae	<i>Myiozetetes similis</i>	Bem-te-vi-de-penacho-avermelhado	1
	<i>Pitangus sulphuratus</i>	Bem-te-vi	2
14	46	78	

Quadro 23 - Acervo de aves da Ordem Passeriformes

Fonte: Ficha de identificação - MILG.

* Espécies não identificadas. Algumas aves, por serem exóticas, não possuem registros em bibliografias relacionadas à ornitologia brasileira.

Considerando o acervo do MILG, temos algumas aves, com seus respectivos números de exemplares, catalogadas pelos autores Sick e Teixeira (1983) e Machado, *et al.*, 2008 como ameaçadas de extinção. Por ordem alfabética: arara-azul-grande (1), canindé (2),

codorna (2), flamingo-chileno (1), gavião-penacho (3), gavião-pombo-branco (3), guaruba (1), jacutinga (3), jaó-do-sul (2), jacuaçu (2), macuco (1), mutum-cavalo (2) e o papagaio-de-peito-roxo (2), pica-pau-de-cara-amarela (1).

A ameaça de extinção se justificaria pelo descontrole da caça ilegal, pelo fator do desmatamento em geral e, em particular, de matas que são os seus *habitats* naturais, fenômeno que também leva algumas espécies a invadirem outros *habitats*, forçando-as a se adaptarem ao novo ambiente.

Ao analisarmos os quadros 02 a 23, chegamos à seguinte perspectiva: a ordem que mais apresenta número de famílias é a Passeriformes (Quadro 23). Esta, no Brasil, se subdivide em 33 famílias, das quais o MILG registra 14, número bem significativo, como também considerável é o número dos ecossistemas existentes (SICK, 2001).

Em seguida serão detalhadas as ocorrências do acervo do MILG segundo as ordens, com suas respectivas famílias e espécies. A disposição das discussões se fará em ordem crescente. O grande desafio desta pesquisa também era o de identificar a origem destes animais. Mesmo constando na ficha de identificação um espaço para o preenchimento desta informação, na prática infelizmente não foi anotada. Temos algumas informações, mas muito insignificantes, de alguns animais. Essas pequenas informações serão registradas, conforme a ocorrência, no texto relativo ao acervo de aves e mamíferos.

A Ordem dos Passeriformes é a ordem que apresenta um número maior de representantes em relação às outras. Agrupa-se nesta ordem mais da metade das espécies da avifauna existente, compreendendo 5.739 espécies em todo mundo. Portanto 59,1% do total das aves vivas (SICK, 2001).

Podemos analisar, pelo quadro 23, que a família que mais se sobressaiu foi a Emberezidae, com 14 espécies e 24 aves.

A subfamília Icterinae é um grupo heterogêneo e colorido. Um representante é o corrupeirão (*Icterus icterus*), uma das aves mais lindas e, em matéria de voz, das mais dotadas deste continente. Está representada no Brasil em duas formas geográficas (SICK, 2001). Para sua grande quantidade no MILG uma explicação seria a hipótese de serem aves que gostam de diversidade de *habitats* como florestas, capoeiras, bordas de mata, copas de árvores e margem de pequenos córregos. O seminário ainda apresenta estes ambientes, porém, em menor quantidade do que nas décadas de 30 e 50, quando a vegetação nativa nas proximidades era mais densa, não exibindo tanta devastação. Outra hipótese é a de que o viveiro apresentasse estas aves, pois consta que todas as que ali morriam eram taxidermizadas no próprio seminário.

A família Formicariidae é, em espécies, a segunda mais numerosa da América do Sul, desde que haja vegetação condizente (ROSÁRIO, BRETTAS, 1996). No museu, esta família apresentou cinco espécies, como a galinha-do-mato (*Formicarius colma*), que ocorre em toda a Amazônia até o Sul (SICK, 2001). Hipóteses para sua ocorrência no MILG: por serem criadas em viveiro e habitarem mata densa, capoeirões e estrato arbustivo e herbáceo (abundante à época).

Apresentando um Grupo com quatro espécies, temos as famílias:

Cotingidae, representada pelo corocochó (*Carponis cucullatus*), que habita regiões densamente florestadas, vive no estrato arbóreo e médio da mata (ROSÁRIO, BRETTAS, 1996).

A família Corvidae exibe uma espécie bastante conhecida, a gralha-azul (*Cyanocorax caeruleus*), que habita regiões densamente florestadas, capoeirões, mata de pinhais, vive no estrato arbóreo e principalmente no planalto, onde há grande ocorrência de matas de pinhais (SICK, 2001).

A família Dendrocolaptidae, que apresenta o arapaçu-rajado (*Lepdocolaptes fuscus*). Suas espécies preferem ambientes florestados, vivem nos troncos das árvores, no estrato médio e arbustivo (ROSÁRIO, BRETTAS, 1996).

Podemos observar que estas famílias necessitam de ambientes bastante semelhantes. O seminário exibiu uma mata mais densa, como também estratos arbóreos e ainda hoje apresenta região de pinhais. Todos estes fatores contribuíram para que estas famílias merecessem destaque quanto ao número de suas espécies no acervo zoológico taxidermizado de aves do MILG.

A família Fringillidae apresentou-se com três espécies. Uma delas é bem conhecida entre nós: o tico-tico (*Zonotrichia capensis*). As outras duas espécies - o Calafate (*Padda oryzivora*) e o Cardeal (*Paroaria coronata*) - ainda hoje compõem o arsenal do viveiro. São aves que vivem em paisagens abertas, campos, mata secundária, beira de rios, cerrados, caatinga, etc. (SICK, 2001). Pelo fato de estes ambientes ainda serem preservados, esta família poderia ser mais representativa no acervo, seja pelo fator *habitat*, seja pela criação em viveiro, mas não foi o que nos revelaram os dados encontrados.

As famílias Furnariidae, Pipridae, Muscicapidae e Tyrannidae apresentaram duas espécies. A família Furnariidae apresenta uma das aves mais populares do Brasil, o João-de-barro (*Furnarius rufus*). As aves desta família são animais que vivem em campinas ralas, áreas com gramíneas esparsas entre arbustos e árvores (SICK, 2001). Esta família poderia ter um destaque maior, desde que, as outras espécies que compõem este grupo não fossem tão

pouco preservadas, como é o caso do curriqueiro (*Geositta cunicularia*), encontrada no Rio Grande do Sul, Bolívia e Peru (SICK, 2001).

A família Pipridae apresenta o tangará (*Chroxiphia caudata*). Já no primeiro século de existência do Brasil, era uma das aves mais citadas. Seu comportamento despertou a curiosidade dos colonizadores. Habitam ambientes florestados, no estrato médio e arbustivo da mata (SICK, 2001), ambiente este que propiciou sua ocorrência no seminário e, conseqüentemente, no acervo do museu.

A família Muscicapidae tem como representante o sabiá-una (*Platycichla flavipes*), que habita ambientes densamente florestados, nas encostas das serras e nas planícies no norte do estado catarinense. Vive, preferencialmente, no estrato arbóreo da mata (ROSÁRIO; BRETTAS, 1996). Se, por circunstância, aparece bastante no estado, sua ocorrência deveria ser maior no museu.

A família Tyrannidae representada pelo bem-te-vi (*Pitangus sulfuratus*), que habita bordas de mata, capoeiras, áreas agrícolas, campo e cidades, é abundante; vive com facilidade nos ambientes onde há forte influência das atividades antropogênicas (ROSÁRIO; BRETTAS, 1996). Todavia, sua ocorrência foi baixa no acervo do museu, apesar da preservação destes fatores nas redondezas do seminário.

As demais famílias apresentaram somente uma espécie cada, e ainda são encontradas nos dias de hoje.

Outra Ordem do acervo é Falconiformes, abrange quatro famílias, das quais três representadas no Brasil e também no acervo do museu. A família Accipitridae está dividida em 61 espécies (RUSCHI, 1981). Dessas, 13 espécies estão representadas no acervo do museu. Uma delas é o gavião-carijó (*Buteo magnirostris*), ainda hoje observado nas proximidades do seminário, pois é uma espécie que permanece em abundância, que habita capoeiras, áreas agrícolas, campos com árvores esparsas. Isto poderia explicar os sete exemplares do museu.

Desta família, existe outra espécie, o gavião-de-penacho (*Spizaetus ornatus*), espécie ameaçada em extinção, da qual há poucos registros em Santa Catarina (ROSÁRIO; BRETTAS, 1996); no museu constam três exemplares. Acredita-se que ambas as espécies (e também as outras citadas no quadro 18), possam ter sido adquiridas através da caça.

A família Falconidae registra 21 espécies no Brasil (CBRO, 2010). No MILG, registra-se a ocorrência de nove espécies. Uma delas é o gavião relógio (*Micrastur semitorquatus*). Habitam o interior de florestas densas, capoeirões, bordas de mata, *habitat* que circunda o seminário. Este fato explicaria fazerem parte do acervo do museu.

A família Cathartidae possui seis espécies brasileiras (CBRO, 2010). No museu estão representadas duas espécies. Seu representante no acervo do museu é o urubu-rei (*Sarcoramphus papa*), de procedência desconhecida. Habitam regiões de matas e campos distantes dos centros urbanos. Circulam bem alto. São encontradas do México à Bolívia, do norte da Argentina ao Uruguai. Escasseiam no Brasil, perseguidas como troféu tal qual as grandes rapineiras (SICK, 2001). Mais regularmente encontradas no Norte, no Nordeste e no Brasil central. Acredita-se que constem do acervo por serem aves migratórias, tendo sido observadas no Rio Grande do Sul (ROSÁRIO; BRETTAS, 1996), o que faz crer que o espécime possa ter sido encaminhado por algum caçador já que a cidade tem tradição em caça e tiro.

No que se refere as aves pertencentes a Ordem Galliformes tem-se o registro os faisões, que foram trazidos para o Brasil com a colonização. Hoje são criados somente em cativeiro (SICK, 2001). Supõe-se ser este o motivo do destaque desta família na ordem Galliformes, com 12 espécies no acervo do museu. Até nos dias atuais, ainda são criados em viveiro no seminário, como o faisão dourado (*Chrysolophus pictus*) e o pavão-azul (*Pavo cristatus*).

A família Cracidae também se apresenta bastante numerosa no acervo do MILG (seis espécies), por abrigar neste grupo as galinhas domésticas (*Gallus gallus domesticus*). Entretanto, também apresenta espécies raras, ameaçadas de extinção, como o mutum (*Mitu mitu tuberosa*) e a jacutinga (*Pipile jacutinga*) (SICK, 2001). A jacutinga habita regiões florestadas, preferencialmente na vertente atlântica, onde há abundância de palmito, cujos frutos fazem parte de sua cadeia alimentar (SICK, 2001). As espécies em extinção citadas dependem das florestas densas para atender a suas exigências biológicas (MACHADO, *et al.*, 2008). A galinha-d'angola (*Numida meleagris*) faz parte da família Numididae.

São galináceos campestres africanos, introduzidos e domesticados em muitos países de clima quente ou ameno. Hoje podem ser encontradas em cativeiro, onde outras variedades já são obtidas por criadores (SICK, 2001).

A Ordem Psittaciformes abrange uma família só, a Psittacidae, que está bem representada no Brasil, com 69 espécies (RUSCHI, 1981). No museu podemos observar 17 espécies. Os psittaciformes se distinguem pela exuberância do colorido e pela facilidade com que algumas espécies aprendem a imitar a voz humana (SICK, 2001). Tanto a arara-azul-grande (*Anodorhynchus hyacinthinus*), quanto a arara-vermelha (*Ara chloroptera*) ainda são encontradas no viveiro do seminário.

Outras espécies raras, ameaçadas de extinção (SICK; TEIXEIRA, 1983; MACHADO *et al.*, 2008), como o papagaio-de-peito-roxo (*Amazona vinacea*) e a canindé (*Ara ararauna*) também constituem aves de viveiro. Estima-se que a sua grande quantidade no acervo se deva principalmente ao fato de serem criadas no viveiro *Paraíso das Aves*.

Outra ordem do acervo é a Piciformes. Trata-se de um dos grupos típicos da região tropical, reunindo cinco famílias, possuidoras de características bem diversas, desde João-bobo (*Nystalus chacuru*), até tucanos e pica-paus (SICK, 2001).

A família Picidae está representada no museu por uma espécie rara em Santa Catarina, o pica-pau-de-barba-branca (*Dryocopus lineatus*), como também pelo pica-pau-rei (*Campephilus robustus*), espécies ameaçadas de extinção. Destas, poucos registros há em Santa Catarina (ROSÁRIO; BRETTAS, 1996). Pela ausência de registro, uma hipótese (a ser futuramente investigada) para explicar a sua presença seria de terem sido trazidas de outro local por caçadores.

As aves da família Ramphastidae se destacam pelos bicos excepcionais que exibem. São arborícolas restritas ao neotrópico. Sua conservação em áreas pequenas é quase impossível devido a sua índole inquieta e migratória (SICK, 2001). Uma espécie bem representada no museu é o tucano-de-bico-verde (*Ramphastos dicolorus*), com quatro exemplares. A espécie prefere ambientes alterados, capoeirões, áreas desmatadas com árvores esparsas, arredores de ambientes urbanos. É a espécie de tucano que mais avança para a Região Sul-Brasileira (SICK, 2001).



Figura 22 – Mutum Cavallo (*Mitumi Tuberosa*)
Fonte: Seminário SCJ, 2005.

Esta espécie ainda é conservada no viveiro do seminário, explicação para a sua grande quantidade no acervo do museu. Como se trata de espécie migratória, é possível que tenha sido caçada nas proximidades do seminário e nas redondezas da cidade. A família Bucconidae apresenta-se com três espécies no acervo. Uma delas é a do João-bobo (*Nystalus chacuru*), que habita paisagens abertas, ambientes alterados, campos agrícolas, campos naturais com árvores esparsas. Também é comum observá-lo pousado nos fios da rede elétrica



Figura 23 – Canindé (*Ara ararauna*)
Fonte: Seminário SCJ, 2005.

nas margens das estradas (ROSÁRIO; BRETTAS, 1996). Como não se tem ocorrência da criação desta espécie no viveiro, uma hipótese seria de eles terem sido capturados em algum ambiente da região do Vale do Itajaí, ou até mesmo pelos arredores da cidade.

As aves da Ordem Ciconiiformes possuem pernas e dedos compridos, de aparência elegante, pescoço fino, bico longo e pontiagudo. A plumagem é rica em pó, produzido por plumas de pó concentradas no peito e nos lados do corpo. Essas plumas ocorrem em três ou quatro áreas. O pó substitui a gordura da glândula uropigiana (pouco desenvolvida nas garças), que serve para manter a elasticidade das penas e a impermeabilidade da plumagem. Habitam rios e lagoas, tanto no continente como à beira-mar. Vários representantes são migratórios, até mesmo em larga escala (SICK, 2001).

A família Ardeidae apresenta-se no acervo com sete espécies, como a maria-faceira (*Syrigma sibilatrix*), com dois exemplares; a garça-branca-pequena (*Egretta thutta*), com cinco exemplares e o socó-grande (*Ardea cocoi*), também com cinco exemplares.

A maria-faceira (*Syrigma sibilatrix*) habita campos secos e arrozais, além da garça (ROSÁRIO; BRETTAS, 1996). Este talvez seja o motivo de sua ocorrência no acervo, pois a cidade vizinha de Corupá, Joinville, no bairro Vila Nova, tem como um dos campos de economia o cultivo de arroz, desde a década de 50. Alguns destes ambientes podem ser visualizados na região, fato que cria condições para a presença das espécies. O número expressivo no acervo explica-se também pela tradição de caça existente à época.

A família Ciconiidae apresenta três espécies. Uma delas, a popular cegonha (*Euxenura maguari*); outra, o grande jaburu (*Jabiru micteria*). São aves que habitam banhados, margens de rios e lagoas com vegetação aquática. São mais comuns no Pantanal e Mato Grosso, mas também no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina (SICK, 2001).



Figura 24 – Jaburu (*Jabiru micteria*) entre dois alunos da EASCI
 Fonte: Acervo do Appal.

Tem-se na família Threskiornithidae um representante único, o colhereiro (*Ajaia ajaia*), que apresenta o bico em forma de uma grande colher. Habita margens lodosas de lagoas, rios, manguezais e banhados. Encontrado em todo o Brasil, inclusive toda a Região Sul (SICK, 2001), fato que permite crer que possa ter origem na região, como pode ter sido transportado por caçadores.

A coleção da Ordem Gruiformes abrange grande número de aves que, apesar de heterogêneas, possuem uma característica comum: o fato de permanecerem longo tempo no solo, sendo dotadas, em consequência, de pernas e pés adaptados para longas marchas. Esta ordem é representada no Brasil por seis famílias (SICK, 2001), das quais três têm exemplares no museu.

A família com maior destaque no museu é a Rallidae, com sete espécies. Entre elas, pode-se citar o frango-d'água-azul (*Porphyryla martinica*), que habita banhados, lagoas com vegetação aquática flutuante (SICK, 2001). Ainda hoje pode ser observado nas proximidades das lagoas do seminário. Sua ocorrência no acervo tanto pode se dever à sua preferência por banhados e lagos, quanto à clássica razão da caça e doação ao seminário, ou de morte em sua proximidade.

A família Psophiidae possui aves com aparência galinácea típicas da Amazônia (SICK, 2001). No acervo, tem-se como representante uma única espécie, o jacamim-de-costas-brancas (*Psophiidae leucoptera*). Como é uma espécie cuja área é a Amazônia, considera-se que sua ocorrência no museu se deva a alguma forma de remoção de seu local de origem.

A família Aramididae possui somente uma espécie no museu, o carão (*Araucanus guarauna*). É encontrado em todo Brasil, principalmente na Amazônia (SICK, 2001).

Já a Ordem Apodiformes possui no total duas famílias, que reúnem indivíduos bastante diferentes. Enquanto os andorinhões são aves relativamente corpulentas e insetívoras, os beija-flores são de compleição delicada, nutrindo-se, além de insetos, com o néctar das flores (SICK, 2001).

Os Apodidae vivem em contínuo movimento, estando entre as mais dinâmicas aves do planeta, competindo com os beija-flores (SICK, 2001).

A família Trochilidae está representada no Brasil por 83 espécies, compreendendo os beija-flores, ou colibris (CBRO, 2010). No acervo do museu contamos com sete espécies, sendo um número considerado baixo em vista de sua quantidade na biodiversidade nacional.

Dentre os representantes pode-se citar o beija-flor-de-banda-branca (*Amazilia versicolor*). Encontrado em todo o Brasil, pode ser bastante observado em jardins (ROSÁRIO; BRETTAS, 1996). Na ficha de identificação consta que este exemplar foi encontrado morto no jardim do seminário próximo a uma bromélia.

Da família Apodidae pode-se observar somente uma espécie no museu, o andorinhão-de-coleira (*Streptoprocne zonaris*). Encontrado em todo o Brasil, em vários ambientes, é observado com frequência sobrevoando campos, florestas, encostas das serras, canaviais. Muitas vezes são vistos em vôos rasantes, atravessando as rodovias para capturar insetos (SICK, 2001).

A Ordem Columbiformes abrange as aves de porte pequeno a médio, dotadas de grande capacidade de vôo e regime alimentar vegetariano (granívoros e frugívoros) (SICK, 2001). Distribuem-se pelo mundo todo, sendo encontradas tanto em regiões temperadas, como de temperatura tropical. Algumas espécies gregárias aparecem em grandes bandos, durante as migrações que realizam. No Brasil, esta ordem está representada pela família Columbidae, com 23 espécies (CBRO, 2010). No acervo do museu, há oito espécies, número baixo em relação à biodiversidade brasileira. No sul do País, as migrações coincidem com o outono e o inverno, períodos em que aparecem em regiões onde não são vistas em outros meses (ROSÁRIO; BRETTAS, 1996).

A reprodução de columbídeos nacionais em cativeiro, como a asa-branca (*Columba picazuno*), é promissora. É um dos maiores columbídeos do Brasil. Vive em capões, caatinga, frequentemente no solo. É ave migratória. Ocorre do Nordeste ao Rio Grande do Sul, de Goiás ao sul do Mato Grosso (SICK, 2001).

Podem ser observadas espécies de pombas em praças públicas, onde começam a criar problemas com a sujeira que fazem e com a possibilidade de transmitirem doenças

(SICK, 2001). O número reduzido de exemplares no museu pode ter por explicação a floresta que cobria a área do seminário, não-propícia à sua ocorrência. Os exemplares do acervo podem ser procedentes de espécies domesticadas, uma vez que sua carne é aproveitada para consumo humano.

No que se refere à Ordem Anseriformes, esta reúne aves aquáticas que frequentam grandes ou pequenas coleções de água doce. No Brasil, vivem duas espécies, uma meridional e outra amazônica, de larga distribuição. Uma terceira, não encontrada aqui, se restringe ao noroeste da América do Sul (SICK, 2001).

Podemos encontrar no Brasil 25 espécies de Anatidae (CBRO, 2010). No museu foram descritas oito espécies, com 21 indivíduos. Com quatro exemplares, temos o irerê (*Dendrocygna viduata*), abundante em todo o Brasil.

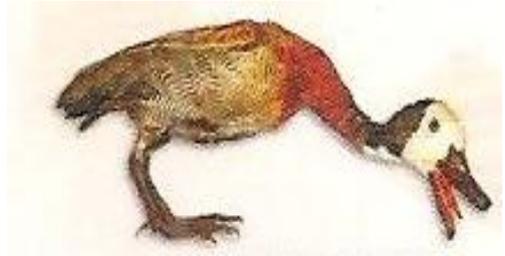


Figura 25 – Irerê (*Dendrocygna viduata*)
FONTE: Seminário SCJ, 2005

Acredita-se que a grande ocorrência de Anatídeos no museu tem explicação na criação em cativeiro. Ainda hoje podem ser encontrados vários exemplares vivos de várias espécies no viveiro *Paraíso das Aves*.

A Ordem Charadriiformes abrange grupo numeroso, constituído por aves aquáticas, encontradas, algumas, em coleções de água doce e, outras, à beira mar. A maioria é cosmopolita, havendo diversos gêneros de hábitos migratórios (SICK, 2001).

Tem-se na família Charadriidae uma das aves mais populares do Brasil, o quero-quero (*Vanellus chilensis*), que pode ser visto em vários ambientes, em várias épocas do ano. Habita campos agropecuários, campos naturais, frequenta praias e gramados próximos a centros urbanos; está sempre alerta a qualquer movimento nos arredores (SICK, 2001). Têm-se dois exemplares na coleção. Hoje ainda podem ser observados vários quero-queros pelas redondezas do seminário, razão por que poderiam ser exibidos em maior quantidade no acervo.

No museu há dois representantes da família Scolopatiidae, o maçarico e a narceja (*Gallinago paraguaiiae*). Fora do período reprodutivo, a narceja é migratória. Habita pântanos, margens lodosas de lagoas, campos secos e inundados. São comuns na região litorânea e no interior (SICK, 2001). A ocorrência de margens lodosas nas lagoas próximas ao Seminário pode explicar sua presença no acervo.

O gaiivotão (*Larus dominicanus*), da família Laridae, habita os mares em regiões costeiras. É a espécie mais abundante no litoral de Santa Catarina (SICK, 2001). O museu tem dois exemplares, e sua presença no acervo pode ser creditada ao deslocamento de sua região por caçadores e/ou benfeitores.

A família Recurvirostridae é representada por uma espécie no museu - o pernillongo (*Himantopus himantopus*) -, que vive nas margens lodosas de lagos, banhados, manguezais e arrozais, *habitats* comuns nas redondezas do seminário.

A família Jacanidae se faz representar por uma espécie no museu, a jacanã (*Jacana jacana*), mas com de três exemplares. São aves que habitam banhados, lagoas, açudes e represas com vegetação aquática flutuante. Ainda hoje são observadas nas lagoas do seminário.

Já na Ordem Strigiformes, os membros que compõem a família Tytonidae são aves de cara comprida e disco facial em forma de coração, ao contrário das outras corujas que possuem rosto redondo (SICK, 2001).

Representando a família Strigidae, temos a corujinha-do-mato (*Otus Choliba*), espécie que vive na orla da mata, cerrado, chácaras e também dentro de cidades onde ocasionalmente apanha grandes insetos atraídos pelas lâmpadas das ruas (SICK, 2001).

Constituindo a família Tytonidae, temos, a coruja-de-igreja (*Tyto alba*), espécie que parece explorar com facilidade os ambientes criados pelo homem, pois costuma ficar pousada em locais altos, como torres de igrejas, marquises de edifícios, telhados, fazendo ninhos nos forros das casas e telhados (SICK, 2001). A presença das espécies nas fazendas e nas áreas urbanas é de grande utilidade, por caçar com frequência os ratos (RUSCHI, 1981). Ainda hoje podem ser observadas corujas desta espécie nas torres do seminário de Corupá.

A Ordem Tinamiformes é de aparência galinácea. Constituída por aves típicas das Américas (se distribui do México à Patagônia), esta ordem possui uma única família. Todos os indivíduos possuem características comuns, como: esterno bastante desenvolvido e capacidade de voar limitada pela pequena envergadura das asas. De hábitos terrícolas, alguns gêneros vivem exclusivamente nas matas, enquanto outros se encontram exclusivamente nos campos (SICK, 2001). Como um dos representantes da família Tinamidae temos, no museu, a perdiz-perdigão (*Rhynchotus rufescens*), que habita paisagens campestres. É mais comum na região do planalto. A espécie é de grande interesse cinegético (relativo à caça). Muitas perdizes são criadas em residências para alimentação, devido ao seu paladar agradável (SICK, 2001). Existem seis exemplares no museu. Sua pele costuma ser aproveitada para taxidermia.

Das dez famílias que constituem a Ordem Coraciiformes, somente duas são encontradas na América do Sul. Grupo cosmopolita, de origem oriental, a maioria das espécies ocorre em zonas tropicais e subtropicais (RUSCHI, 1981). São aves de cores vivas, com plumagem densa e lisa, bem justa ao corpo, adaptada à vida aquática. Possuem bico grande e língua pequena (SICK, 2001).

Tem-se, no museu, como representante da família Alcedinidae o martim-pescador-verde (*Chloroceryle amazona*), que habita ambientes com vegetação arbórea nas margens de rios e lagoas (SICK, 2001). Ainda hoje pode ser visto nas margens da lagoa do seminário, o que permite supor que tenha sido capturado nas proximidades.

O museu tem um representante da família Momotidae, a juruva (*Baryphthengus ruficapillus*), que possui o porte de uma gralha, habitando o interior de mata densa, sendo frequente na mata atlântica, onde a vegetação se encontra conservada. A mata densa em torno do seminário pode ter colaborado para a apreensão desta ave.

A Ordem Trogoniformes, pertence a uma única família, tem ocorrência em regiões tropicais. O caráter anatômico mais notável nos Trogonidae é a estrutura dos pés, que tem dois dedos para frente e dois para traz. No Brasil esta família é representada por 10 espécies. No museu só há três, número baixo em relação à biodiversidade nacional.

É representante da família o surucuá-de-barriga-amarela (*Trogon rufus*), que habita o interior da mata densa. É observado na vertente da mata atlântica onde a vegetação está conservada. Esta é uma espécie sensível às alterações ambientais. Também ocorre do Panamá à Bolívia, do Brasil amazônico oriental ao sul, até o litoral norte de Santa Catarina (SICK, 2001). Por este motivo, provavelmente, têm-se pelo menos três unidades desta ave no acervo, pois o seminário se localiza perto do litoral norte de Santa Catarina.

A Ordem Pelecaniformes é constituída de aves marinhas ou de água doce, deixam-se cair no mar de uma altura considerável, mergulhando de três a quatro metros para capturar peixes e polvos (SICK, 2001). No Brasil, esta ordem está representada por três famílias (CBRO, 2010), das quais duas podem ser observadas no museu.

É representante da família Phalacrocoracidae no acervo o biguá (*Phalacrocorax olivaceus*), ave aquática do porte de um pato, de vasta distribuição por todo o mundo, inclusive em regiões de clima frio (SICK, 2001). Os biguás (*Phalacrocorax olivaceus*) habitam lagos, grandes rios e estuários, nidificam (fazem ninhos) sobre as árvores em matas alagadas, às vezes entre colônias de garças. Após a nidificação, estas aves realizam a emigração (ROSÁRIO, BRETTAS, 1996).

Ainda de acordo com ROSÁRIO & BRETTAS (1996), faz-se referência à sua ocorrência em regiões como Rio Grande do Sul, não sendo registrada em Santa Catarina.

Devido a isto, julga-se que a espécie pode ter sido deslocada de sua região de origem até o seminário.

Como representante da família Sulidae no museu temos o atobá (*Sula leucogaster*), que é o mais comuns dos sulídeos nas costas do Brasil. É uma espécie tropical e neotropical. Meridionalmente, atinge o Paraná e Santa Catarina (onde pode ser observado o ano todo) (ROSÁRIO, BRETTAS, 1996). Acredita-se que sua ocorrência no museu se deva a transporte de seu local de origem.

Outra ordem representada no acervo do MILG é a Caprimulgiformes, representada no Brasil por três famílias: Steatornithidae, Nyctibiidae e Caprimulgidae. As famílias, Steatornithidae e Nyctibiidae não existem no museu, mesmo com incidência em Santa Catarina. Esta ordem reúne várias famílias de aves noturnas, cosmopolitas, sendo algumas das espécies de hábitos migratórios.

A família Caprimulgidae está representada por duas espécies, sendo uma delas o coruçã (*Podager nacunda*), que habita paisagens abertas, capoeiras, áreas urbanas, onde se aproveita da iluminação urbana para capturar insetos. Há poucas informações sobre a espécie no estado e a ave não possui registros de apreensão. Outra ave desta família, existente no MILG, é o bacurau-tesoura-gigante (*Macropsalis creagra*). Esta ave chama a atenção pelo padrão de grandes manchas amareladas no papo. É encontrada apenas nas montanhas. É ameaçada pelo desmatamento ao longo de sua área de ocorrência (SICK, 2001).

A Ordem Cuculiformes está representada no Brasil por apenas uma família, a Cuculidae, e 20 espécies. Possui uma cauda extraordinariamente longa, larga e macia. Tem grande habilidade em pular e correr pela ramagem. A maioria vem ao solo para comer, onde corre, mantendo a cauda levantada (SICK, 2001). No museu existem somente duas espécies, quantidade pequena em proporção à biodiversidade brasileira.

Temos o alma-de-gato (*Piaya cayana*) como um dos representantes no acervo. É uma espécie que vive dentro das matas ou à beira dela, ou no cerrado e cerradão. Pode ser observada em todo o Brasil, mas raramente na região do planalto, o que pode ser relacionado com a presença de grandes extensões de campos naturais com bosques e também aos fatores físicos da região serrana.

Outro representante é a ave anu-branco (*Guira guira*). No sul do Brasil é quase tão conhecido como o anu-preto. As penas do alto de sua cabeça estão constantemente eriçadas. Anda sempre em bandos. Sua ocorrência vai do sudeste do Amapá e do estuário amazônico à Bolívia, à Argentina e ao Uruguai (SICK, 2001).

Relativo à Ordem Phoenicopteriformes, esta se apresenta no Brasil somente com uma família, a Phoenicopteridae, representada no acervo por um exemplar, o flamingo

(*Phoenicopterus chilensis*), espécie que habita lagoas rasas de água salgada e praias lodosas. Realiza migrações. Ocasionalmente, podem chegar a Santa Catarina indivíduos isolados (ROSÁRIO; BRETTAS, 1996). Tem-se o registro de que esta espécie foi capturada no município de Jaraguá do Sul em meados de 1952.

As aves da Ordem Sphenisciformes são mais típicas e mais numerosas da zona subantártica (ao sul) e antártica (Círculo Polar Antártico), constituindo mais de 90% da biomassa da avifauna dessa região (SICK, 2001). Apesar de não ser dotado da capacidade de voar, é encontrado, às vezes, muito longe de seu local de reprodução - ilhas oceânicas ou costas, tanto sob o clima antártico ou subantártico -, regiões ricas em vidas marinhas. Tem-se a ocorrência de somente uma família no Brasil, a Spheniscidae, representada no museu pelo pinguim-de-magalhães (*Spheniscus magellanicus*), com três exemplares. É uma ave marinha, migrante do sul. No inverno, esta espécie pode ser observada por toda a costa catarinense. Procedentes da Patagônia, nos meses de junho, julho e agosto, chegam ao litoral catarinense muitos indivíduos pela corrente marinha de *Falkland* (massa de água que se desloca para o norte) e tempestades. Neste período, é comum encontrar pinguins mortos ou debilitados nas praias. Não é raro também ver exemplares com a plumagem completamente impregnada de petróleo, denunciando a qualidade das águas na zona costeira brasileira (SICK, 2001).

Dos indivíduos que chegam acidentalmente ao litoral sul brasileiro, a maior parte é jovem, nascida no último período reprodutivo. Como não são encontrados nas regiões do Seminário, acredita-se que esta espécie tenha sido trazida de alguma região litorânea.

No que diz respeito à Ordem Podicipediformes tem-se o registro de apenas uma família com cinco espécies no Brasil. Englobando grupo de exímios mergulhadores, esta ordem possui representantes que se distribuem por todo o mundo. Caracteriza-se por sua postura ereta, muito semelhante à dos pinguins, além do formato dos pés, que possuem os dedos anteriores lobados e ligados por membranas (SICK, 2001). Como representante no acervo do MILG está a família Podicipedidae, o mergulhão (*Podylimbus podiceps*), que habita lagoas, banhados e represas com abundância de vegetação aquática flutuante. Talvez este fato explique sua ocorrência no museu, situado em região que apresenta lagos com grande população de aguapés.

Por último registra-se no acervo de aves do MILG a Ordem dos Struthioniformes, representada na América do Sul por uma única família, *Rheidae*, onde ocorre com exclusividade, e no Brasil, por um único gênero: *Rhea*. Como o próprio nome diz é a rainha, em tamanho das aves. Vive em bandos. Na África, as aves são representadas pelo avestruz - (*Struthio*) -, a maior ave viva, ultrapassando os 100 Kg de peso (SICK, 2001). No museu, podem-se encontrar cinco exemplares de ema (*Rhea americana*). De um exemplar, porém, só

há um par de pernas. Tem-se como registro que estes exemplares vieram do município de Caibaté/RS, no ano de 1947, tendo sido doados ao museu. Esta ave habita paisagens campestres. É uma espécie extinta em Santa Catarina. As espécies existentes são criadas por fazendeiros e se alimentam de vegetais e insetos, contribuindo com a limpeza geral das pastagens. Esta ação colabora para a preservação da espécie (ROSÁRIO; BRETTAS, 1996).

Acabamos de apresentar dados de todo o acervo de aves taxidermizadas do Museu Irmão Luiz Gartner. Trata-se de um acervo de grande diversidade zoológica da região de Corupá e de muitas outras regiões do Brasil, e até do mundo, alterando-se nas espécies e nos mais diversos ambientes naturais existentes.

O Brasil possui, conforme o recenseamento de 2010, 1.832 espécies catalogadas como pertencentes à avifauna brasileira. Isto significa que o MILG possui 11,08% do total de aves existentes no Brasil. Quando comparamos este dado com o das aves existentes em Santa Catarina, 203 espécies, temos 34% das aves representadas no museu. Este número nos permite concluir que o acervo é bastante mestiço e representa significativamente as aves que a região possui, podendo-se, assim, estudar e pesquisar a avifauna de Santa Catarina no acervo do MILG.

Além da quantidade de avifauna no MILG, tinha-se a preocupação quanto à qualidade e sua biodiversidade. Por exemplo, dentre essas coleções o acervo apresenta dois extremos de aves: a maior ave do mundo - a ema -, e a ave de menor porte - o beija-flor. Salientamos que, dos números acima citados, o MILG possui 26 exemplares de aves consideradas extintas. É um dado relevante para os interesses de estudiosos e pesquisadores que assim poderão ter conhecimento mais global das aves que já são inexistentes e também oportunizando o conhecimento da fauna que não mais podem ser observadas.

2.5 ACERVO ZOOLOGICO DE MAMÍFEROS DO MUSEU IRMÃO LUIZ GARTNER

Mamífero é uma palavra que provém do latim, *Mammalia*. Constitui uma classe de animais vertebrados, que se caracterizam pela presença de glândulas mamárias as quais, nas fêmeas, produzem leite para alimentação dos filhotes (ou crias), e pela presença de pelos. Os mamíferos estão distribuídos em praticamente todas as regiões do globo terrestre. Sua distribuição geográfica é muito variada. Nenhuma espécie é naturalmente cosmopolita, embora algumas tenham uma ampla distribuição, cobrindo vários continentes, mas de forma geral, sua distribuição é descontínua. Sua presença, portanto, tanto pode ser natural quanto

induzida pelo ser humano, como é o caso do leão (*Panthera leo*), atualmente encontrado em partes do leste e sul da África e na Índia. Esta explicação justifica a presença desse animal no acervo do MILG.

A tabela 4 registra em números o acervo zoológico de mamíferos taxidermizados do MILG, composto por 198 peças no total, dividindo-se em 137 animais taxidermizados e demais objetos (61 peças), que são: 40 crânios, um esqueleto completo de cachorro, duas peles de porco do mato, um pedaço de pele não identificada, duas vértebras, duas costelas, um úmero, um pedaço de barbatana de uma baleia, uma parte de uma face de golfinho, dentes de roedores e alguns chifres de caprinos e cervídeos.

Tabela 4 - Detalhamento do Acervo de Mamíferos do MILG

DETALHAMENTO DO ACERVO	QUANTIDADE
ANIMAIS TAXIDERMIZADOS	137
ESQUELETOS	1
CRANIOS	40
PELES	3
VERTEBRAS	2
COSTELAS	2
OUTROS	13
TOTAL	198

Fonte: Seminário SCJ.

Os 137 espécimes taxidermizados estão divididos em dez ordens, 27 famílias e 54 espécies. Para analisarmos os números gerais, na tabela 5 fazemos a comparação do número existente no MILG perante os do Brasil, a partir dos dados obtidos de Gustavo A. B. Fonseca, et al., e atualizado de acordo com Anthony Brome Rylands, et al.:

Tabela 5 - Detalhamento do acervo de Mamíferos do MILG em relação ao Brasil

CATEGORIA	BRASIL	MUSEU
ORDENS	11	10
FAMÍLIAS	46	27
ESPÉCIES	532	54

Fonte: FONSECA, et al., 1996. RYLANDS, 2000.

Ao compararmos o número de famílias do MILG com o número de famílias catalogadas no Brasil, teremos uma pequena diferença. São somente 19 famílias que não pertencem ao acervo zoológico de mamíferos do museu. Mas a diferença aumenta, e muito,

quando se trata do total de espécies, a diferença é de 478, de espécies existentes no Brasil que não estão no MILG.

Para termos mais detalhadas estas diferenças, elaboramos a tabela 6 para melhor visualização dos números e identificação das famílias e espécies e da única ordem que não existem no acervo do MILG.

Tabela 6 - Detalhamento do acervo de mamíferos separados por ordens, famílias e espécies do MILG em relação ao Brasil

BRASIL			MILG		
Ordens	Famílias	Espécies	Ordens	Famílias	Espécies
Carnívora	6	32	Carnívora	5	19
Rodentia	11	165	Rodentia	7	8
Didelphimorphia	1	44	Didelphimorphia	1	5
Primates	3	83	Primates	3	5
Artiodactyla	2	8	Artiodactyla	3	6
Xenarthra	4	19	Xenarthra	3	6
Perissodactyla	1	1	Perissodactyla	1	1
Chiroptera	9	141	Chiroptera	3	3
Lagomorpha	1	1	Lagomorpha	1	1
Cetacea	7	36	Cetacea	2	?
Sirenia	1	2	-	-	-
11	46	532	10	29	54

Fonte: FONSECA, et al., 1996; RYLANDS, et al, 2000³⁴.

Das 10 ordens existentes no MILG, apenas uma existente no Brasil não se encontra no acervo, o mamífero da ordem Sirenia. Desta faz parte o mais conhecido mamífero, o peixe-boi, que passa toda a sua vida na água. Para melhor detalhar os mamíferos existentes no museu, registramos nos quadros de 24 a 32 a ordem, a família, o nome científico e popular e a quantidade de exemplares dos animais existentes no MILG.

³⁴ Utilizou-se o autor FONSECA, et al., 1996; com atualização dos dados em base aos estudos de RYLANDS, et al, 2000.

ORDEM DIDELPHIMORPHIA			
Família	Nome científico	Nome comum	Quantidade
Didelphidae	<i>Chironectes minimus</i>	Cuíca d'água	5
	<i>Didelphis albiventris</i>	Gambá-de-orelha-branca	6
	<i>Marmosa cinérea</i>	Guaiquica	3
	<i>Metachirus nudicaudatus</i>	Cuíca-de-4-olhos	1
	<i>Monodelphis americana</i>	Cuíca-de-3-listras	1
1	5	16	

Quadro 24 - Acervo de mamíferos da Ordem Didelphimorphia
Fonte: Ficha de identificação - MILG.

ORDEM PERISSODACTYLA			
Família	Nome científico	Nome comum	Quantidade
Tapiridae	<i>Tapirus terrestris</i>	Anta	3
1	1	3	

Quadro 25 - Acervo de mamíferos da Ordem Perissodactyla
Fonte: Ficha de identificação - MILG.

ORDEM LAGOMORPHA			
Família	Nome científico	Nome comum	Quantidade
Leporidae	<i>Lepus capensis</i>	Lebre	1
1	1	1	

Quadro 26 - Acervo de mamíferos da Ordem Lagomorpha
Fonte: Ficha de identificação - MILG.

ORDEM PRIMATES			
Família	Nome científico	Nome comum	Quantidade
Atelidae	<i>Alouatta guariba</i>	Bugio*	3
Callithrichidae	<i>Callitrix jacchus</i>	Sagui, Mico-estrela	1
	<i>Callithrix leucocephalus</i>	Sagui	2
Cebidae	<i>Cebus apella</i>	Macaco-prego*	8
	<i>Cebus SP</i>	Macaco	1
3	5	15	

Quadro 27 - Acervo de mamíferos da Ordem Primates
Fonte: Ficha de identificação - MILG.

* Espécies ameaçadas de extinção (FONSECA, *et al.*, 1996, MACHADO, *et al.*, 2008).

ORDEM ARTIODACTYLA			
Família	Nome científico	Nome comum	Quantidade
Bovidae	<i>Bos sp</i>	Bezerro	3
Cervidae	<i>Mazama americana</i>	Veado mateiro	3
	<i>Mazama rufina</i>	Veado bororo	1
	<i>Mazama sp</i>	Veado	1
Tayassuidae	<i>Pecari tajacu</i>	Cateto	2
	<i>Tayassu pecari</i>	Queixada	2
3	6	12	

Quadro 28 - Acervo de mamíferos da Ordem Artiodactyla
Fonte: Ficha de identificação - MILG.

ORDEM XENARTHRA			
Família	Nome científico	Nome comum	Quantidade
Bradyrodidae	<i>Bradyrus tridactylus</i>	Preguiça	1
Dasypodidae	<i>Dasypus novemcinctus</i>	Tatu-galinha	4
	<i>Dasypus septemcinctus</i>	Tatu-mulita	2
	<i>Euphractus sexcinctus</i>	Tatu-peludo	1
Myrmecophagidae	<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	Tamanduá-bandeira *	1
	<i>Tamandua tetradactyla</i>	Tamanduá-mirim	1
3	6	10	

Quadro 29 - Acervo de mamíferos da Ordem Xenarthra
Fonte: Ficha de identificação - MILG.

* Espécies ameaçadas de extinção (FONSECA, *et al.*, 1996, MACHADO, *et al.*, 2008).

ORDEM CHIROPTERA			
Família	Nome científico	Nome comum	Quantidade
Molossidae	<i>Molossus mollosus</i>	Morcego	1
Vespertilionidae	<i>Lasiurus sp</i>	Morcego*	1
Phyllostomidae	<i>Artibeus lituratus</i>	Morcego	1
3	3	3	

Quadro 30 - Acervo de mamíferos da Ordem Chiroptera
Fonte: Ficha de identificação - MILG.

* Espécies ameaçadas de extinção (FONSECA, *et al.*, 1996, MACHADO, *et al.*, 2008).

ORDEM CARNÍVORA			
Família	Nome científico	Nome comum	Quantidade
Canidae	<i>Canis domesticus</i>	Cachorro	1
	<i>Canis sp</i>	Cachorro	1
	<i>Cerdocyon thous</i>	Graxaim	5
	<i>Chrysocyon brachyurus</i>	Lobo-guará *	1

Continua

conclusão

Felidae	<i>Leopardus pardalis</i>	Jaguatirica *	3
	<i>Leopardus sp</i>	Gato-do-mato*	3
	<i>Leopardus tigrinus</i>	Gato-do-mato-pequeno *	4
	<i>Leopardus wiedii</i>	Gato maracajá *	4
	<i>Oncifelis geoffroyi</i>	Gato-do-mato-grande	1
	<i>Panthera leo</i>	Leão	1
	<i>Panthera onça</i>	Onça-pintada *	2
	<i>Puma concolor</i>	Puma *	1
Mustelidae	<i>Eira barbara</i>	Irara	6
	<i>Galictis cuja</i>	Furão	6
	<i>Lontra longicaudis</i>	Lontra *	6
	<i>Mustela africana</i>	Doninha-amazônica *	1
Otariidae	<i>Arctocephalus australis</i>	Lobo-marinho	1
Procyonidae	<i>Procyon cancrivorus</i>	Mão-pelada	3
	<i>Nasua nasua</i>	Coati	3
5	19	53	

Quadro 31 - Acervo de mamíferos da Ordem Carnívora

Fonte: Ficha de identificação - MILG.

* Espécies ameaçadas de extinção (FONSECA, *et al.*, 1996, MACHADO, *et al.*, 2008).

ORDEM RODENTIA			
Família	Nome científico	Nome comum	Quantidade
Caviidae	<i>Cavia porcellus</i>	Porquinho-da-índia	8
Dasyproctidae	<i>Agouti paca</i>	Paca	1
	<i>Dasyprocta azarae</i>	Cutia	2
Echimyidae	<i>Kannabateomys amblyonyx</i>	Rato-da-taquara	2
Erethizontidae	<i>Coendou insidiosus</i>	Ouriço-cacheiro	3
Hydrochaeridae	<i>Hydrochoeris hydrochaeris</i>	Capivara	2
Myocastoridae	<i>Myocastor coypus</i>	Ratão-do-banhado	1
Sciuridae	<i>Sciurus sp</i>	Esquilo	5
7	8	24	

Quadro 32 - Acervo de mamíferos da Ordem Rodentia

Fonte: Ficha de identificação - MILG.

Ao analisarmos a tabela 5 com os números de ordens existentes no Brasil e comparando-os com os dados da tabela 4, referente ao acervo do MILG, chegamos a resultados que analisaremos detalhadamente a seguir.

No mundo, existem 12 famílias da Ordem Canívora. No Brasil, tem-se o registro de seis famílias, representadas no MILG com cinco famílias, que, em percentual, significam 83,3% do total de famílias existentes no Brasil. Estes animais possuem muito valor comercial

por conta da pele. Habitam todos os continentes, exceto a Antártida e a Oceania. Esta ordem compreende desde o gato doméstico até o leão.

No quadro 31 podemos verificar que a família mais representativa é a dos felinos, seguida da dos mustelídeos, canídeos e outros. Segundo a pesquisa de Tadeu Gomes de Oliveira e Katia Cassaro, no mundo, a família Felidae divide-se em três subfamílias, 18 gêneros e 36 espécies. Destas, oito ocorrem naturalmente em território brasileiro (OLIVEIRA; CASSARO, 1999). Dentre estas, oito estão presentes no acervo do museu.

Os felinos mais numerosos do acervo são os gatos do mato (*Leopardus tigrinus*, *L. wiedii* e *Oncifelis geoffroyi*). Já as jaguatiricas (*Leopardus pardalis*) e onças pintadas (*Panthera onça*) apresentam-se em menor número de exemplares. Supõe-se que a quantidade relativa dos exemplares de felinos se deva à grande densidade de vegetação nativa nas proximidades do seminário nas décadas de 30 a 50, possivelmente caçados pelo fato de atacarem as criações.

Os mustelídeos, acredita-se, estão em segundo lugar pelo fato de passar por dentro da propriedade do seminário o *Rio Novo*. Este rio abriga uma densa vegetação e formação de "praias", onde estes animais fazem suas tocas. As tocas podem ser construídas embaixo de raízes de árvores, cavadas no próprio barranco ou ainda entre rochas. Além disso, o seminário possui cinco lagoas de criação de peixes, que ficam próximo a este rio, o que faz com que as lontras, uma espécie dentro desta família, possa sem muito esforço alimentar-se neste espaço.

Não se tem muita certeza a respeito da pequena quantidade de exemplares no acervo (quatro espécies), já que no Brasil existem 32. Supõe-se que a razão esteja no fato de antigamente o seminário possuir criação de galináceos e estes então poderiam se aproveitar da situação e alimentar-se com maior facilidade e, conseqüentemente, serem caçados.

Já os procionídeos encontram-se em menor número. Dos exemplares, um foi doado ao museu. Os outros foram capturados nas proximidades do seminário, uma vez que ali havia alimento, já que sua dieta baseia-se em animais e vegetais aquáticos. O único exemplar da família Otariidae, o lobo marinho (*Arctocephalus australis*), foi coletado em Torres (RS).

Referente à Ordem Rodentia, ou seja, os roedores, estes constituem um grande e homogêneo grupo de mamíferos, com numerosas espécies e também grande quantidade de exemplares. Quanto à morfologia, são muito semelhantes, mas, quanto à adaptações ambientais, são muito variados, podendo viver em diferentes ambientes. No mundo são catalogadas 35 famílias, 11 no Brasil (SILVA, 1994), das quais sete no MILG. A família Caviidae, porquinhos-da-índia (*Cavia porcellus*), é a mais numerosa de todas as famílias da ordem Rodentia do acervo. Estes porquinhos provavelmente faziam parte do viveiro do seminário.

Pressupomos que a família Sciuridae, os esquilos (*Sciurus SP*) - estão em segundo lugar nos números existentes do acervo do MILG pelo fato de o seminário possuir muita vegetação nativa, como já foi citado acima, já que estes animais são de hábitos arborícolas, fazendo tocas, abrigando-se e alimentando-se nas árvores. Ainda hoje são vistos na redondeza do Seminário.

A família Dasyproctidae está representada por duas espécies, a cutia (*Dasyprocta azarae*) e a paca (*Agouti paca*). Ambas alimentam-se de frutos e vegetais, o que não faltava nas redondezas. As famílias Erethizontidae, Echidyidae, Hydrochaeridae, Myocastoridae estão representadas em menor escala.

A ordem Didelphimorphia está representada pela família Didelphidae. No mundo, são conhecidas cerca de nove famílias, a maioria da região oceânica. Existem somente duas famílias no continente americano. No território brasileiro ocorre somente a família Didelphidae, com cerca de 40 espécies (SILVA, 1994). No acervo, encontramos cinco espécies (Quadro 24). São animais de tamanho pequeno a médio porte que apresentam como característica uma bolsa, ou marsúpio, na fêmea, no qual ficam abrigados os filhotes. O gambá é o representante e o mais conhecido desta família. Possui aspecto semelhante a ratos e, às vezes, é com eles confundidos. São muito variados os hábitos entre as espécies, existindo até uma espécie semi-aquática: a cuica-d'água (*Chironectes minimus*).

Sobre a Ordem Primates, trata-se de um grupo de mamíferos com 11 famílias e muitas espécies, distribuídas essencialmente nas regiões tropicais. No Brasil, existem cerca de 84 espécies com grande concentração na região amazônica (AURICCHIO, 1995). As várias diferenças anatômicas permitem aproveitar de uma série de vantagens do *habitat* onde se encontram. Uma das adaptações mais notáveis dos primatas é a cauda prensil, encontrada nos gêneros de maior porte, o que lhes permite permanecer pendurados pela cauda e utilizar os outros membros para outros fins.

O quadro 27 mostra o número das famílias da Ordem Primates existentes no museu. Podemos observar que a família mais representativa é a Cebidae, seguindo-se da Atelidae e, na mesma proporção, da Callithrichidae.

A família Cebidae, à qual pertencem o macaco-prego (*Cebus apella*) e o macaco (*Cebus SP*), é a mais significativa no acervo. Seu comportamento espevitado, irrequieto, exerce atração do predador. É provável que o fato de viverem em grandes grupos, o que facilita a localização e conseqüentemente, seu abate, explique sua participação no acervo.

Da família Atelidae o acervo possui como representante o bugio (*Alouatta guariba*). Apesar de maiores e de coloração mais viva, não se apresentam tão significativos em relação aos primeiros, provavelmente por viverem em grupos menores e serem mais lentos, não

chamando ou despertando tanto a atenção. Os Callitrichides, representado pelo sagui mico-estrela (*Callitrix jacchus*) e o pelo sagui (*Callithrix leucocephalus*), foram trazidos da Bahia.

Há registro da Ordem Artiodactyla no acervo do MILG. Cujas famílias mais significativas são a dos Cervídeos, representada por cinco exemplares. São animais muito cobiçados pelo homem, para fins de caça. A família Tayassuidae apresenta apenas duas espécies no Brasil (SILVA, 1994) e ambas fazem parte do acervo do museu, que são o cateto (*Pecari tajacu*) e o queixada (*Tayassu pecari*).

A família Bovidae está representada por duas anomalias: bezerro (*Bos sp*) xifópago³⁵, como segue na foto (Figura 26), bezerro buído e um filhote de bezerro normal.



Figura 26: Bezerro Siamês – Coleção de Mamíferos expostos no Museu Ir. Luiz
Fonte: Foto de Karina Santos Vieira Schlickmann.

A Ordem Xenarthra (Quadro 29) que tem a família mais representativa no MILG é a Dasypodidae, representada por três espécies de tatus: tatu-galinha (*Dasypus novemcinctus*), tatu-mulita (*Dasypus septemcinctus*, e o tatu-peludo (*Euphractus sexcinctus*).



Figura 27 - Tatu-galinha (*Dasypus novemcinctus*)
Fonte: Folder MILG

No Brasil existem 11 espécies (FONSECA, et al.; 1996), podendo-se afirmar que esta família está bem representada por número de exemplares, mas não por espécie.

A família Myrmecophagidae, está representada por duas espécies de tamanduás; uma delas é considerada como ameaçada de extinção - o tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*) (MACHADO et al., 2008). Da família Bradypodidae, representado pelo

³⁵ Considera-se um animal xifópago quando tem o corpo ligado ao do irmão gêmeo, geralmente pelo tórax, sendo conhecido também como siamês (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2008, p. 1306).

bicho-preguiça (*Bradyrus tridactylus*), existe no acervo do museu apenas um exemplar.

Outro registro é a da Ordem Perissodactyla, sendo a única ordem e espécie representada no Brasil pelo mamífero conhecido como anta (*Tapirus terrestris*). No acervo do museu há três exemplares, sendo um adulto e dois filhotes. Por ser uma espécie de grande porte, a anta foi muito perseguida e hoje merece uma atenção especial, para que não desapareça.

A Ordem Chiroptera, como podemos ver na quadro 30, está representada igualmente por um exemplar de cada espécie, um da espécie Molossidae: morcego (*Molossus mollosus*), outro da Vespertilionidae: morcego (*Lasiurus sp.*). O último exemplar da espécie Phyllostomidae é representado pelo morcego (*Artibeus lituratus*).

A coleção de morcegos poderia ser bem maior, já que no seminário estes animais ainda se encontram em grande número, podendo-se vê-los durante o dia, dormindo pendurados no teto de uma capela e embaixo do assoalho do palco do teatro. Outros locais ocupados por eles são frestas existentes entre um prédio e outro e no forro da construção antiga.

A ordem Lagomorpha está representada por uma única espécie e por um único exemplar, a lebre europeia (*Lepus capensis*). Essa espécie foi introduzida no estado de Santa Catarina, mas há quem afirme que a população de lebres existentes no sul do Brasil é oriunda do Uruguai ou da Argentina.

Há cerca de 50 espécies inclusas nesta família, que se distribui por várias regiões do mundo. A lebre e o coelho são espécies exóticas, trazidas pelos europeus. A primeira adaptou-se muito bem ao novo ambiente e vive em estado selvagem em extensas áreas na Argentina, Uruguai e Brasil. A lebre é o único mamífero cuja caça esportiva foi legalmente permitida no Brasil nos últimos anos. O único lagomorfo nativo é o tapiti, chamado popularmente de coelho-do-mato. O que diferencia a lebre do coelho é o tamanho das suas orelhas, que são pequenas, sendo esta uma boa diferença.

Os carnívoros pertencem à Ordem Carnívora. São classificados em famílias distribuídas na maior parte do mundo. No Brasil existem 6 famílias (FONSECA, *et al.*, 1996). Devido a isso, bem como ao valor comercial da pele, são muito perseguidos, o que ocasionou o desaparecimento e a redução de populações de muitas espécies.

Além do acervo zoológico dos mamíferos, o museu também possui o acervo osteológico de mamíferos. O acervo osteológico existente no museu está representado por suas respectivas ordens. Observando o quadro, podemos verificar que a coleção osteológica consta de um acervo um tanto quanto significativo, ao total 61 peças, distribuídas em sete ordens: Xenarthra, Primates, Perissodactyla, Cetacea, Carnivora, Artidactyla, Rodentia. A

ordem mais representativa é a Rodentia, da qual há vários crânios, seguido de alguns dentes avulsos. As peças deste acervo não estão expostas no museu. Encontram-se guardadas numa sala, à espera de um local adequado para serem expostas.

A partir dos dados apresentados anteriormente, consideramos o acervo zoológico de mamíferos taxidernizados do MILG de extrema importância para futuras pesquisas e estudos, pois apresenta uma biodiversidade que constitui padrões genéticos de espécies já raras ou extintas em nossa região, no Brasil e até no mundo.

Os Mamíferos representam a maior parcela de espécies ameaçadas em relação ao total de espécies no país (cerca de 10% das espécies de mamíferos brasileiras estão na lista de ameaçados de extinção) Através dos quadros 24 a 32 identificamos os seguintes animais considerados ameaçados de extinção³⁶: bugio (3), doninha-amazônica (1), gato-do-mato-pequeno (4), gato maracajá (4), Gato-do-mato (3), jaguatirica (3), Morcego (1), Macaco-prego (8) lobo-guará (1), lontra (6), onça-pintada (2), puma (1) e o tamanduá-bandeira (1). No total, existem 38 exemplares de animais ameaçados ou já considerados extintos.

³⁶ O número entre parênteses é o número de exemplares que o acervo possui.



III
POSSIBILIDADES
DE
PESQUISA

³⁷ Vista aérea do complexo do Seminário SCJ em Corupá (Acervo do Appal).

3.1 CULTURA MATERIAL ESCOLAR DA ESCOLA APOSTÓLICA SAGRADO CORACÃO DE JESUS

Quando iniciamos a pesquisa na Escola Apostólica Sagrado Coração de Jesus, não tínhamos ideia da quantidade de dados que encontraríamos na instituição. A pesquisa face à quantidade de material histórico catalogado, se avolumou em tal proporção que nos embarçou seja na decisão sobre o objeto a pesquisar, como igualmente ofuscou nossa “lente” perante os objetos.

Depois de alguns encontros, e principalmente a partir do exame de qualificação, decidimos focar parte do acervo do Museu Irmão Luiz Gartner, por se tratar de um acervo histórico de ciências naturais, muito importante para a história da educação e futuros estudos comparativos.

Com todo o material levantado, não gostaríamos de simplesmente descartar o que não atendesse ao foco da pesquisa, nem poderíamos apenas omiti-lo, daí optarmos por este capítulo, no qual indicaremos objetos e possibilidades para outras pesquisas. Com tal objetivo, este capítulo apresentará o *Mobiliário Escolar* da Escola Apostólica SCJ (desde as carteiras escolares a armários, mesa, cadeira para o professor, mobiliário utilizado para subsidiar o ensino), e materiais didáticos: visuais, táteis e sonoros (destinados ao desenvolvimento do ensino na Escola Apostólica Sagrado Coração de Jesus). Estes objetos ainda se encontram guardados na EASCI, ou foram identificados através de fotografias arquivadas no fichário do Appal.

Entende-se por mobiliário escolar “*todos aquellos objetos, de uso corriente en la escuela, que sin formar parte del edificio ni haber sido adscritos a él en el momento de la construcción, no son tampoco utilizables como medios de instrucción o de enseñanza*”³⁸ (SARTO, 1936, p. 2133).

A carteira escolar destinada ao aluno, como item da mobília escolar, foi encarada como fator de higiene e disciplina. Como observa o autor Ricardo Rubio:

La construcción de tipos de mesa escolar deberá llenar, a más de las condiciones generales de solidez, sencillez, buen gusto y economía, las especiales de permitir la fácil entrada y salida de los alumnos, de hacer

³⁸ Todos os objetos de uso comum na escola, que não fazem parte do prédio, nem foram atribuídos a ele no momento da construção, também não podem ser utilizados como meios de instrução ou de ensino (Tradução nossa).

posible y cómoda su posición higiénicamente correcta durante el trabajo y de respetar y fomentar su individualidad (RUBIO, 1910, p. 2)³⁹.

A partir do século XIX, o objetivo de disciplinar e higienizar os corpos seria adquirido por meio de um conjunto de expedientes que incluem a individualização das carteiras e cadeiras (RUBIO, 1910). No primeiro contato de investigação, pelas fontes iconográficas arquivadas no acervo do Appal, percebeu-se que em 1932 as carteiras eram duplas; com o passar dos anos, em 1940, já haviam sido trocadas por carteiras individuais.



Figura 28: Seminaristas na sala de aula em Corupá, 1932
Fonte: Acervo do Appal.

³⁹ A construção de tipos de carteira escolar deverá preencher, além das condições gerais de solidez, simplicidade, bom gosto e economia, condições especiais que permitam aos alunos entrar e sair facilmente, ter posição confortável e higiénicamente correta durante o trabalho, respeitar e incentivar a sua individualidade (Tradução nossa).



Figura 29 - Seminaristas na sala de estudos em Corupá (1932)
Fonte: Acervo Appal.

Na figura 29, foram identificados os sacerdotes dehonianos que se encontram ao fundo da sala. Da esquerda para direita: pe. Geraldo Spettmann, (?)⁴⁰; pe. Augusto Weicherding, (?), pe. João Stolte, pe. Vicente Schmitz, pe. Paulo Kremer; pe. Guilherme Thoneik.⁴¹



Figura 30: Seminaristas na sala de estudos em Corupá (talvez por volta de 1946)
Fonte: Acervo do Appal.

Nas figuras 29 e 30, podem-se ver os dois modelos de carteiras escolares do período de 1932 a 1940. A figura 31, a seguir, permite observar, de um ângulo melhor, a carteira sem e com aluno. As carteiras duplas não existem mais no acervo da EASCJ; permanece apenas na memória dos alunos e professores e no acervo iconográfico do APPAL.

⁴⁰ Onde se encontra este símbolo (?) não consta na foto o nome do sacerdote.

⁴¹ Nota: no verso desta foto, está escrito, em alemão: "Unsere Hoffnung". "A nossa esperança" (tradução de pe. Eloy Dorvalino Koch, SCJ).



Figura 31: Seminaristas na sala de aula, turma do 2º ano ginásial (*Prima*)
 Fonte: Acervo do Appal.

Como mobiliário escolar, temos também o armário do professor na sala de aula, utilizado para guardar os materiais didáticos, alguns dos objetos de apoio escolar, livros, etc. Sarto alerta que, ao se escolher os armários escolares, não se esqueça da questão higiênica, e declara:

Se generalizam afortunadamente los armarios con paredes de cristal, ligeros, bajos y pequeños. La transparencia del vidrio dificulta el descuido en la limpieza al denunciar la suciedad, y la pequeñez del mueble permite desalojar su contenido con poco trabajo y verificar la limpieza cómodamente. Los pies de los armarios deben ser altos y delgados, con el fin de favorecer el aseo del piso (SARTO, 1936, p. 2.138).⁴²

Nas fotos mais antigas, de 1932, os armários das salas de aula eram simplesmente constituídos por várias prateleiras de madeira, sem portas, colocadas nos fundos da sala. Nas fotos mais recentes, há armários com portas de madeira, algumas até com chave.

O mobiliário do mestre consistia em mesa e cadeira para o professor. O autor Sarto comenta que este mobiliário era composto “*la mesa y el sillón, colocados directamente sobre el suelo*”⁴³ (SARTO, 1936, p. 2.138), deixando-se de lado o tablado de madeira. Nas figuras 32 e 33, veem-se uma mesa e uma cadeira para o professor. Detalhe da foto é a imagem do Coração de Jesus sobre a mesa do mestre. A foto foi tirada em 2010, na ala do Seminário SCJ,

⁴² Felizmente, tornaram-se comuns os armários com laterais de vidro, leves, baixos e pequenos. A transparência do vidro dificulta a falta de cuidado na limpeza, já que evidencia a sujeira, e o tamanho do móvel permite retirar seu conteúdo facilmente e verificar a limpeza de forma confortável. Os pés dos armários devem ser altos e finos, para favorecer a limpeza do piso (Tradução nossa).

⁴³ A mesa e a poltrona, colocadas diretamente no piso (Tradução nossa).

construída em 1952. Atualmente, o espaço é utilizado pelos seminaristas como sala de reunião. Vale registrar que até o momento desta pesquisa não havia sido encontrada nenhuma foto que apresentasse o modelo de quadro de giz utilizado desde 1932. Todas as fotos pesquisadas registram os alunos e os professores na perspectiva de um olhar frontal.



Figura 32 - No fundo quadro negro de giz. Na frente, a mesa e a cadeira do professor. Foto das dependências na ala atual do Seminário SCJ, mobiliado com os móveis antigos.

Fonte: Foto de Karina Santos Vieira Schlickmann.



Figura 33 - A mesa do professor. Foto tirada nas dependências na ala atual do Seminário SCJ, mas os móveis são antigos.

Fonte: Foto de Karina Santos Vieira Schlickmann.

No que se refere aos *materiais visuais*, foram encontrados alguns objetos escolares tais como: mapas; globo terrestre e quadros de insetos. Os mapas encontram-se “enrolados” e arquivados num armário da atual biblioteca do seminário. Trata-se de mapas: Mundi, do Brasil, da América do Sul, Grandes Mamíferos, do Corpo Humano, entre outros. Esta amostra de acervo caracteriza uma prescrição pedagógica na escola EASCI para uso do material escolar como apoio didático. A dificuldade está em descobrir em que ano cada mapa foi comprado e utilizado para o ensino, pois não se tem registro destas informações, existindo somente o objeto salvaguardado. Outro material de apoio pedagógico é o globo terrestre. O “Novo Globo Terrestre Commercial, do prof. dr. A. Krause” (figura 34), encontra-se sem a base de apoio e um pouco danificado pelo tempo. Foi localizado atrás da porta da antiga sala dos professores. A figura 35 mostra uma foto arquivada no Appal em que constam diversos materiais para o ensino de ciências. No verso da foto consta, a lápis, a informação que se trata da sala de ciências. Alguns destes materiais pertencem hoje ao acervo do MILG, inclusive o esqueleto em tamanho real, encontrado na sala de reserva técnica do museu.

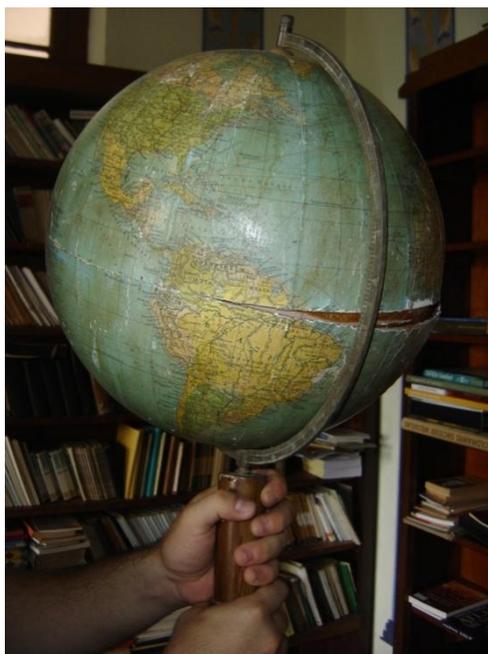


Figura 34 - Globo terrestre da EASCJ. “*Novo Globo Terrestre Commercial do Prof. Dr. A. Krause*”
Fonte: Foto de Karina Santos Vieira Schlickmann.



Figura 35 - Alguns materiais de ciências
Fonte: Acervo do Appal.

A capela interna do seminário (Figura 36) era usada pelos alunos seminaristas, pelos padres e irmãos religiosos. O altar-mor foi trazido de Itajaí, via Jaraguá do Sul, pelos padres da SCJ. Todos os detalhes remetem a uma ideologia e particularidades típicas desta instituição de ensino católico.



Figura 36 - Capela dos alunos, em 1932
Fonte: Acervo do Appal.

Um detalhe chamou a atenção durante a visita de mapeamento dos objetos escolares para este trabalho: o desenho da cruz de malta. Após a identificação, notamos que em cada coluna do refeitório (Anexo 5) existe uma cruz de malta⁴⁴ esculpida e pintada no alto da coluna. Este ambiente, atualmente, está desativado, mantendo as cores originais desde a fundação (Figura 37). Infelizmente, outra sala, atual sala de televisão dos seminaristas, foi pintada pelos próprios em cima da cor original (Figura 38).

⁴⁴ A cruz de Malta, ou cruz de São João, é identificada como o símbolo do guerreiro cristão. É uma cruz com oito pontas e tem a forma de quatro braços em V, que se juntam em suas bases. Seu desenho é baseado nas cruzes usadas desde a Primeira Cruzada. A força de seu significado vem de suas oito pontas, que expressam as forças centrípetas do espírito e a regeneração. Até hoje a Cruz de Malta é muito utilizada em condecorações militares. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Cruz_de_Malta. Acesso em: 2 dez 2010.



Figura 37 - Detalhe das colunas do refeitório.
A cruz de malta em cores originais.

Fonte: Foto de Karina Santos Vieira Schlickmann.



Figura 38 - Detalhe das colunas da atual sala de televisão dos seminaristas, pintado por eles.

Fonte: Foto de Karina Santos Vieira Schlickmann.

Outro objeto encontrado foi a máquina fotográfica que pertencia ao irmão Luiz Gartner. Naquele tempo não era nada fácil conseguir uma fotografia, pessoal ou da EASCI, ou até do seminário, para enviar a parentes e amigos. Mas o ir. Luiz Gartner apreciava e possuía uma máquina fotográfica, com a qual “fazia a alegria” dos seminaristas (KOCH, 2010). Ter um aparelho tecnológico deste nível, à época, era algo que poderia simbolizar alto poder aquisitivo e comprovava conhecimento dos lançamentos tecnológicos. O uso principal era precisamente tirar fotos do seminário e dos alunos para enviar aos pais e amigos, com a intenção de divulgar o ambiente em que os alunos residiam e estudavam, confirmando as ótimas instalações que ocupavam e em que viviam.



Figura 39 - Máquina fotográfica antiga do ir. Luiz. Anos 1930
Fonte: Acervo do Appal.

Outros aparelhos tecnológicos da década de 1920 eram os instrumentos musicais, como a vitrola, o gramofone e todos os instrumentos da banda de música do Collegio SCJ de Brusque, que, ao transferir a escola, também transferiu a banda para Corupá. O gosto pela música era pronunciado entre padres e alunos. Assim, em 1935, o ir. Luiz Gartner, SCJ, presentou-os com uma raridade: um gramofone que toca sem eletricidade, sem pilhas e sem disco (Figura 40). Tocou para os alunos a canção "La Paloma" (KOCH, 2010), gravada em cilindro. Por se apresentar neste formato, é chamado de "toca-cilindro", da marca "Edison".



Figura 40 - Toca-Cilindro que não trazia as gravações num disco, mas num cilindro
Fonte: Acervo Appal.



Figura 41 - Vitrola (toca-discos). Adquirida por empenho do ir. Luiz Gartner, SCJ, nos anos 30
Fonte: Acervo do Appal.

Um pouco mais tarde, irmão Luiz adquiriu para o seminário um toca-discos (Figura 41), ficando registrado na lembrança de um ex-aluno: “Aos sábados, no recreio da noite - era prazeroso ouvir músicas e canções que, vindas da sala de visitas, no 2º piso, se espalhavam benfazejas pelo pátio. Ainda me lembra, por exemplo, a canção "Wien und der Wein" (Viena e o Vinho)” (KOCH, 2010).



Figura 42 - Banda de Música da EASCJ em Corupá, 1932, com o seu maestro, pe. Paulo Kremer. Esta banda teve início no seminário de Brusque (talvez em 1928)
Fonte: Acervo do Appal.



Figura 43 - Banda de Música em Corupá, 1945
Fonte: Acervo do Appal.



Figura 44 - Orquestra do Seminário em Corupá, 1953⁴⁵
 Fonte: Acervo do Appal.



Figura 45 - Piano do Seminário de Corupá, marca MSchwartzmann
 Fonte: Foto de Karina Santos Vieira Schlickmann, 2010.

O material aqui apresentado e o que foi catalogado nas fichas (Apêndices de B a J) não representam toda a base material que deu forma à EASCI, mas uma parcela representativa dela. Nestes universos, cabem novos e variados investimentos.

Vale ressaltar que todo o material aqui apresentado só pôde ser registrado com a permissão, colaboração e socialização das informações fornecidas pelos padres do Sagrado

⁴⁵ Sessão lírico-musical, ocorrida nos festejos de bodas de ouro do pe. Guilherme Thoneick, SCI, em Corupá, 1953.

Coração de Jesus, tanto de Brusque quanto de Corupá. Sabe-se que o desenvolvimento da pesquisa é muito dificultado quando é restrito o acesso às informações. Esse tipo de problema ainda hoje assombra pesquisadores: a falta de acesso aos dados históricos, sejam estes guardados e mantidos a “sete chaves” pelas instituições, seja pela falta de registro. Felizmente, não sofremos nenhum destes inconvenientes em nosso trabalho. No caso da conservação de objetos de valor cultural, o problema é bastante complexo e delicado. Sabemos que se trata de uma atividade que envolve muitas disciplinas do conhecimento, assim como de outras áreas do saber fazer. Este é o mal que assombra o acervo da EASCIJ, ou seja, a falta de manutenção dos objetos escolares. Carteiras, mesas, armários, diversos mapas, instrumentos de música, os próprios livros da biblioteca, nada está sendo conservado. Se o fossem, dispensariam restaurações futuras ou até o descarte. Preocupação do historiador: *conservar para não restaurar*.

Já no caso do acervo de animais taxidemizados, do qual nos ocupamos mais detidamente no capítulo II deste trabalho, observamos que um número reduzido de peças passou por restauração. Todas foram higienizadas, permitindo-lhes alguma sobrevivência, o que consideramos útil para os estudos da história das ciências naturais e, de forma geral, da educação e cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS
MUSEU IRMAO LUIZ GARTNER:
DADOS A MAIS SOBRE ESSE MUSEU

Considerando-se a proporção do acervo, o presente estudo limitou-se a parte do acervo zoológico do Museu Irmão Luiz Gartner, propondo-se como objeto de análise apenas aves e mamíferos taxidermizados.

Muitos caminhos poderiam ter sido seguidos, mas a escolha pelos que se seguiram deveu-se a modelos teóricos e a metodologias hoje em uso, com os quais a autora, a orientadora e seu grupo de pesquisa se identificam.

Foram muitas surpresas durante o percurso. Deparamo-nos com excesso de dados empíricos; embora todos encantadores e sedutores, as escolhas se impuseram como caminho capaz de dar viabilidade à conclusão deste trabalho.

Objetivamos dar visibilidade ao acervo zoológico taxidermizado de aves e de mamíferos do MILG por seu significativo número de animais - quantidade, espécie e/ou pela raridade de espécies e suas semelhanças com outros museus já pesquisados, como por exemplo, o acervo francês *Museu Deyrolle*, que vendia animais taxidermizados e outros objetos escolares para escolas brasileiras.

Nem todas as questões norteadoras desta pesquisa foram respondidas por completo. A ausência de registro nas fichas de identificação dos animais taxidermizados tem dificultado a conclusão plena do trabalho. A origem dos animais que compõem teve como ponto crítico a ausência de registro. Não constam na ficha de identificação informações claras sobre a formação do acervo, se por aquisição, caça, doação ou proveniência do próprio seminário.

A outra questão era se o MILG tinha função pedagógica para a EASCI. Não obtivemos uma resposta definitiva a este respeito. Partimos de hipóteses e terminamos sem documentos que comprovassem os indícios. Um deles - o da função pedagógica desenvolvida no MILG - vai além da quantidade de avifauna apresentada. Situa-se na preocupação quanto à qualidade e sua biodiversidade. Um exemplo dessas coleções é que apresentam dois extremos de aves: a maior - a ema -, e a menor ave do mundo - o beija-flor. Este motivo explica, no acervo, o reduzido número de exemplares de aves decorrentes tanto do *Viveiro Paraíso das Aves*, quanto dos arredores do seminário, já que parece não haver critérios de prioridade, seja, quanto a variedades de espécies, seja quanto a suporte aos estudos das ciências naturais.

Mesmo assim, consideramos o objetivo geral alcançado. Realizamos um mapeamento de todas as aves e mamíferos taxidermizados do acervo, identificando espécie,

nome científico e popular. Desenvolvendo análises por espécies encontradas no acervo, identificamos origem e habitat e, principalmente, os animais considerados ameaçados de extinção presentes no acervo do MILG. Obtivemos, assim, um número muito significativo para o estudo das ciências naturais, ambientais e patrimonial.

Com relação ao número de aves, obtivemos os seguintes resultados: 370 aves taxidermizadas; cinco esqueletos; 13 unidades de ninhos; são, 151 exemplares de ovos, num total de 539 objetos. Infelizmente, o acervo de ovos não é identificado por família, ordem ou espécie, tornando-se difícil uma análise de sua procedência.

Salientamos que, dos números acima citados, o MILG possui 26 exemplares de aves ameaçadas de extinção. Por ordem alfabética:⁴⁶ arara-azul-grande (1), canindé (2), codorna (2), flamingo-chileno (1), gavião-penacho (3), gavião-pombo-branco (3), guaruba (1), jacutinga (3), jaó-do-sul (2), jacuaçu (2), macuco (1), mutum-cavalo (2) e o papagaio-de-peito-roxo (2), pica-pau-de-cara-amarela (1). É um dado relevante para os interesses de estudiosos e pesquisadores, que assim poderão ter conhecimento mais global das aves já inexistentes e também oportunizando o conhecimento da fauna que não pode ser mais observada.

A quantificação é menor quando se trata da coleção do acervo zoológico de mamíferos do MILG. Este é composto por 198 peças no total, dividindo-se em 137 animais taxidermizados e demais objetos (61 peças), que são: 40 crânios, um esqueleto completo de cachorro, duas peles de porco do mato, um pedaço de pele não identificada, duas vértebras, duas costelas, um úmero, um pedaço de barbatana de uma baleia, uma parte de uma face de golfinho, dentes de roedores e alguns chifres de caprinos e cervídeos.

Destes mamíferos, identificamos os seguintes animais considerados ameaçados de extinção⁴⁷: bugio (3), doninha-amazônica (1), gato-do-mato-pequeno (4), gato maracajá (4), Gato-do-mato (3), jaguatirica (3), Morcego (1), Macaco-prego (8) lobo-guará (1), lontra (6), onça-pintada (2), puma (1) e o tamanduá-bandeira (1). No total, existem 38 exemplares de animais ameaçados ou já considerados extintos.

Todo o acervo de aves e mamíferos passou por higienização, como já se comentou no capítulo II. Poucas peças foram restauradas e menos ainda foram descartadas. Referente ao acervo dos mamíferos, foram 11, ao total, as peças restauradas. Entre elas, a do bezerro xifópago, restaurada nas patas e nos focinhos. No acervo de aves, houve descarte de peças. Duas, pela impossibilidade de restauração - a alma-de-gato (*Piaya cayana*) e o caracará (*Polyborus plancus*). Passaram por algum tipo de manutenção, ao total, 79 aves do acervo. A

⁴⁶ O número entre parênteses é o número de exemplares que o acervo possui.

⁴⁷ O número entre parênteses é o número de exemplares que o acervo possui.

manutenção varia desde colar caudas, penas, unhas, refazer olhos, pés, até a injeção de inseticida, etc.

Com o passar dos anos, desde a sua fundação até os dias atuais, o MILG e o Seminário de Corupá passaram por mudanças e permanências. Uma das permanências é que o MILG continua situando-se no terreno do Seminário SCJ, especificamente um seminário com a sua vida própria, pois foi construído para ser autossustentável. O terreno tem mais de 680 mil metros quadrados, com 25 mil metros de área construída⁴⁸. Possui pastagens para gado de corte, criação de suínos e peixes, cultivo de hortaliças, frutas, plantas ornamentais, cana-de-açúcar, milho. Além de um local religioso, é considerado também ponto de referência turístico na região. O seminário tem um restaurante que serve almoço aos feriados e finais de semana e, uma vez por mês, promove café colonial, além de abrir aos visitantes as quadras esportivas, dois pavilhões com bar e ambiente para festas, bosque com parque infantil, mesas e churrasqueiras, assim como o teatro para seminários e encontros setoriais de instituições públicas ou privadas. O aluguel desses serviços ajudam a manter a estrutura da Sociedade Dehoniana Brasil Meridional.

Atualmente, vivem no Seminário de Corupá: 4 padres, 1 frater (= noviço)⁴⁹ e 7 postulantes⁵⁰, que há pouco saíram de Brusque, onde concluíram a graduação em Filosofia.

Em 2010, o atual diretor e formador, pe. Cícero Murara, SCJ, reabriu a antiga padaria. Esta passou a produzir pães, cucas e bolos para a merenda escolar, através do convênio com a prefeitura de Corupá, onde, em média, 2.300 alunos da rede pública do município são atendidos. Neste mesmo ano, a Congregação SCJ abriu, nas proximidades do Seminário, uma fábrica de velas, que funcionava em Jaraguá do Sul.

E mais, o MILG passou durante o segundo semestre de 2010 por grandes reformas. Entre elas, estão: a instalação de um elevador e o número de peças exibidas. Após sete anos de revisões no projeto, o Seminário Sagrado Coração de Jesus conseguiu recursos para investir no Museu Irmão Luiz Gartner.

⁴⁸ (<http://www1.an.com.br/na/jaragua/2002/set/15/index.htm>).

⁴⁹ Para a definição de "frater", recorreu-se ao livro de *Constituições SCJ* (no qual estão todas as normas da congregação); contudo, o conceito lá registrado não indicava a denominação "frater". Assim, recorreu-se, por e-mail, ao coordenador do curso de Filosofia da Faculdade São Luiz, membro da congregação, que assim se manifestou: Noviço é aquele que, tendo solicitado o ingresso na congregação, passa por uma iniciação à vida religiosa com duração de um ano. Terminado este período, se aceito, ele se torna religioso fazendo os três votos com validade de um ano. Renovará anualmente estes votos, por pelo menos três anos, podendo, depois disso, fazer os votos perpétuos. Entre os dehonianos brasileiros, convencionou-se que, se ele é religioso candidato ao sacerdócio, chamar-se-á "frater" (nome latino que significa irmão). Se ele é candidato somente à vida religiosa, chamar-se-á "irmão" (BERRI, Pe. Luiz Carlos. Informação [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <lcberri@gmail.com> em 18 de jun. 2010).

⁵⁰ Compreende-se por postulante o seminarista que terminou os estudos filosóficos (3 anos) e inicia mais dois anos de estudos dedicados à Congregação SCJ.

O convênio foi assinado com o Governo do Estado de Santa Catarina, no dia 27 de maio de 2010, e é resultado de um projeto de adequação e ampliação do MILG que pretendia captar recursos do governo federal, à espera desde 2003. Assim, foram repassados cerca de R\$ 217,8 mil destinados às mudanças a serem feitas na estrutura interna do museu e do prédio em geral.

As obras iniciaram em seguida à assinatura do convênio, e incluem a instalação de um elevador e a ampliação do espaço físico. Atualmente, o museu está instalado no andar térreo do prédio principal; após as mudanças, o espaço disponível será ampliado para mais dois andares. Apesar de o acervo do museu contar com cerca de 32 mil peças, apenas mil delas são atualmente exibidas em uma exposição permanente. Com a ampliação, a exposição será rotativa e o acervo completo será exibido periodicamente.

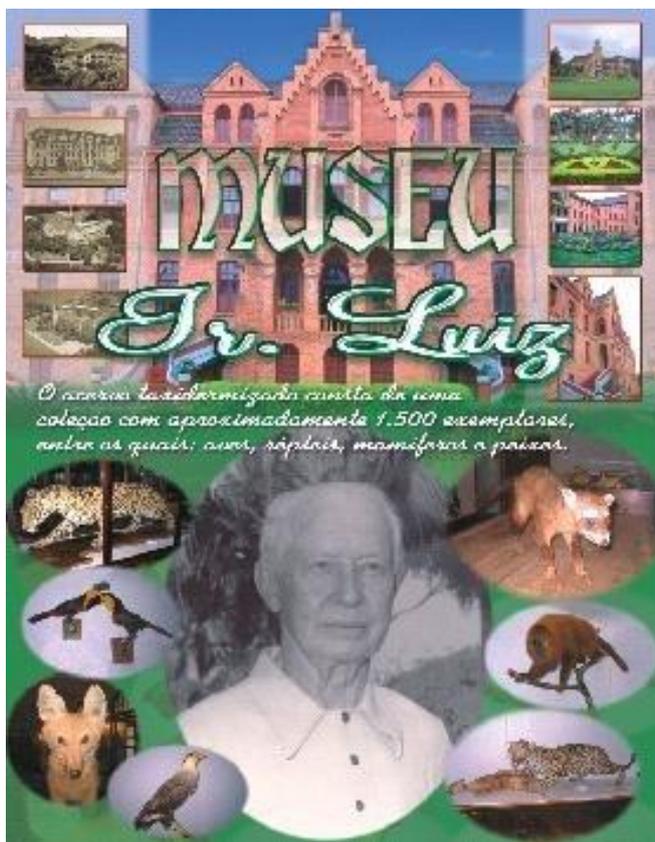


Figura 46 - Banner Museu Ir. Luiz Gartner
Fonte: Foto de Karina Santos Vieira Schlickmann, 2010.

Entre as novidades, está um espaço dedicado somente à arte sacra, com uma capela que exhibe a história do seminário. O acervo, que conta com objetos de arte indígena de todo o Brasil e uma grande coleção de moedas, ficará em uma sala de reserva técnica e passará a receber manutenção periódica.

Parte dos recursos será destinada a uma brinquedoteca para os visitantes. A ampliação inclui uma sala disponível para exposições temporárias. Padre Cícero Murara, um dos coordenadores do projeto, afirma que a intenção é melhorar o acesso, tanto ao acervo quanto à estrutura física do seminário, com vistas em particular aos deficientes físicos nos três andares do museu, com a colocação de um elevador.

Outra mudança será a do horário de visitação, que será ampliado. Inicialmente previa-se a reinauguração do espaço para março de 2011, contudo atrasos nas atividades induziram a prorrogação da data para 20 de maio de 2011.

Toda a campanha do governo federal em apoiar projetos culturais, seja a verba captada pela Lei Rouanet, através do incentivo fiscal ou pelo Fundo Municipal de Amparo Cultural, será aplicada, no seminário, em mudanças no MILG para preservação predial -, e em educação ambiental e cultural -, com preservação e socialização do patrimônio cultural (acervo existente).

Nestes últimos anos, os museus têm recebido atenção significativa. Deixaram de ser apenas depósitos de coisas velhas. Renovados, passaram a apresentar seus objetos e as respectivas mensagens ao público de forma dinâmica, lúdica e contextualizada, uma vez que papel do museu é contribuir para a disseminação do conhecimento, estabelecendo uma ponte estimulante entre o passado, o presente e o futuro. Daí a necessidade de preservar e socializar as pesquisas realizadas dentro e fora desse tipo de instituição.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- AURICCHIO, Paulo; GRANTSAU, Rolf. **Primatas do Brasil**. São Paulo: Terra Brasilis, 1995.
- BARCELLOS, Lauro. **Importância das coleções museológicas para a fauna e flora do Estado**. In: II Encontro Nacional – VI Estadual de Museus de Ciências Naturais, 1993, Passo Fundo -RS. Universidade de Passo Fundo. Museu Zoológico Augusto Ruschi.
- BENCONSTTA, Marcus Levy Albino. Desafios da arquitetura escolar: construção de uma temática em história da educação. In: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de (Org.). **Cinco estudos em história e historiografia da educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, pp. 111-125.
- BOPPRÉ, Maria Regina. **O Colégio Coração de Jesus na educação catarinense (1898-1988)**. Florianópolis: Lunardelli, 1989.
- BUFFA, Ester. Práticas e fontes de pesquisa em história da educação. In: GATTI JUNIOR, Décio; INÁCIO FILHO, Geraldo (Orgs.). **História da educação em perspectiva**. Ensino, pesquisa, produção e novas investigações. Campinas: Autores Associados, 2005, pp. 105-116.
- CICERO, Antonio. **Guardar: poemas escolhidos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- CIMARDI, Ana Verônica; BRETTAS, Eduardo Parentoni. **Maníferos de Santa Catarina**. Florianópolis: FATMA, 1996.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. No tom e no tempo: escritas ordinárias na perspectiva da cultura escolar (segunda metade do século XX). In: BENCOSTTA, Marcos Levy (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007, pp.79-99.
- DALLABRIDA, Norberto. **A fabricação escolar das elites: O Ginásio Catarinense na Primeira República**. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.
- ENGLERT, Sérgio Inácio. **Avicultura: tudo sobre raças, manejo e nutrição**. 7. ed. Guaíba: Agropecuária, 1998.
- ESCOLANO, Agustín. A arquitetura como programa. In: VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, pp. 26-46.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de. O espaço escolar como objeto da história da educação: algumas reflexões. **Revista da Faculdade de Educação**. São Paulo. v. 24, n.1. São Paulo, jan./jun. 1998, pp. 44-50.
- FONSECA, Gustavo A. B.; et al. **Lista anotada dos mamíferos do Brasil**. Washington: Conservation International. Occasional paper n. 4, 1996.

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX**. São Paulo: Hucitec, 1997.

KORMANN, José. **Hansa Humboldt ontem, hoje Corupá**. s/c: s/e, 1985.

LUZURIAGA, Lorenzo. **Diccionario de Pedagogía**. Buenos Aires: Losada, 1960.

MACHADO, Angelo B. M; DRUMMOND, Gláucia Moreira; PAGLIA, Adriano Pereira. **Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção**. v. I. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, 2008.

Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos da UDESC: tese, dissertação, monografia, trabalho de conclusão de curso e relatório de estágio. 2. ed. Florianópolis: UDESC, 2008.

MARANDINO, Martha. Museus de Ciências como espaços de educação. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (Orgs.). **Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna**. Belo Horizonte: Argumentvm, 2010, pp. 165-175.

MARTÍN, Ramón López. El utillaje escolar en la segunda mitad del siglo XX. In: ESCOLANO BENITO, Agustín (Dir.). **História Ilustrada de la Escuela en España: Dos siglos de perspectiva histórica**. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez (Colección Biblioteca del Livro), 2006, pp. 425-448.

MENESES, Ulpiano T.B. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Revista Estudos históricos**, n. 21. 1998, pp. 89-104.

MONTEIRO, Alberto Resende. **Guia prático de taxidermia (aves)**. Minas Gerais: Viçosa, 1993.

NÓBREGA, Paulo. **Orestes Guimarães e as questões educacionais de sua época: da Direção do Colégio Municipal de Joinville à Reforma do Ensino Catarinense de 1911**. 2001. Disponível em: www.anped.org.br/reuniões/24/po291926962769.doc. Acesso em: 16 fev. 2010.

NUNES, Lélia Pereira da Silva. **Zumblick uma história de vida e de arte**. Brasília: Senado Federal, 1993.

OLIVEIRA, Tadeu Gomes de; CASSARO, Katia. **Guia de identificação dos felinos brasileiros**. 2. ed. São Paulo: Sociedade de Zoológicos do Brasil, 1999.

PAPAVERO, Nelson (Org.). **Fundamentos práticos de taxonomia zoológica: coleções, bibliografia, nomenclatura**. 2. ed. São Paulo: UNESP/EDUSP, 1994.

PARIZZOTTO, Maria Helena. **Restauração do Acervo Zoológico de Aves do Museu Sagrado Coração de Jesus**, Corupá, SC. (Bacharel em Ciências Biológicas) Universidade Regional de Blumenau, 2001.

ROSÁRIO, Lenir Alda do; BRETTAS, Eduardo Parentoni. **As Aves em Santa Catarina: distribuição geográfica e meio ambiente**. Florianópolis: FATMA, 1996.

RUBIO, Ricardo. Notas de higiene escolar. In: **Boletín de la institución libre de enseñanza**. Ano XXXIV. Madrid, n. 598, 31 de enero de 1910.

RUSCHI, Augusto. **Aves do Brasil**. v. II. São Paulo: Rios, 1981.

RYLANDS, Anthony Brome; SCHNEIDER, H.; LANGGUTH, A.; MITTERMEIER, R. A.; GROVES, C. P. ; RÓDRIGUEZ-LUNA, E. **An assessment of the diversity of New World primates**. Neotropical Primates, Washington, DC, v. 8, n. 2, p. 61-93, 2000.

SARDAGNA, Adriana Ferreira. **Restauração do Acervo Zoológico de Mamíferos do Museu Sagrado Coração de Jesus**, Corupá – SC. (Bacharel em Ciências Biológicas) Universidade Regional de Blumenau, 2001.

SARTO, Luis Sánchez (Dir.). **Diccionario de Pedagogía**. Tomo Segundo: I – Z. Barcelona – Madrid – Buenos Aires – Rio de Janeiro: Editorial Labor, S. A., 1936.

SECRETARIA DA AGRICULTURA DE SÃO PAULO. **Manual de coleta e preparação de animais terrestres e de água doce**. São Paulo: Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, 1967.

SEMINÁRIO SCJ. **Irmão Luiz um mito da taxidermia (1905 – 2005)** Corupá. 2005. Folder comemorativo.

SICK, Helmut. **Ornitologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SICK, Helmut; TEIXEIRA, Dante Martins. **Notas sobre aves brasileiras raras ou ameaçadas de extinção**. Mossoro: Prefeitura Municipal, 1983. (Coleção Mossoroense. Série B, n.326).

SILVA, Flávio. **Mamíferos silvestres**: Rio Grande do Sul. 2. ed. Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, 1994. (Publicações avulsas FZB, n.7).

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ZOOLOGIA. **Manual de técnicas para a preparação de coleções zoológicas**. Campinas: Sociedade Brasileira de Zoologia, 1987.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Por uma teoria e uma História da Escola Primária no Brasil**: investigações comparadas sobre a Escola Graduada (1870-1950). Projeto Integrado de Pesquisa apresentado ao CNPq para solicitação de Auxílio à Pesquisa – Edital Universal MCT/CNPq n. 15/2007 (Processo n. 480462/2007-0). Araraquara, set. 2007.

_____. **Templos de Civilização**: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ. Coleta e preparação de material zoológico: peixes a mamíferos. Maringá: UEM, s/d. 14p. Apostila.

VALDEMARIN, Vera Teresa. **Lições de coisas: concepção científica e projeto modernizador para a sociedade**. Caderno CEDES, p. 74-87, vol.20, n.52, 2000.

VIDAL, Diana Gonçalves. A invenção da modernidade educativa: circulação internacional de modelos pedagógicos, sujeitos e objetos no oitocentos. In: CURY, Cláudia Engler;

MARIANO, Serioja Cordeiro (Orgs.). **Múltiplas visões**: cultura histórica no oitocentos. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, p. 37-54, 2009.

SITE E JORNAL

Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos. **Listas das aves do Brasil**. 9. ed., 18 out. 2010, Disponível em: <<http://www.cbro.org.br>>. Acesso em: 28 outr. 2010.

CRUZ DE MALTA. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Cruz_de_Malta. Acesso em 02 dez. 2010.

HISTÓRICO – REGIÃO BRASILEIRA MERIDIONAL. Disponível em: <http://scj.org.br/site/contato-com-os-coordenadores/historico>. Acesso em 20 fev. 2010.

MAPA DE CORUPÁ. Disponível em: <http://www.corupa.sc.gov.br/conteudo/?item=16744&fa=3001&cd=6804>. Acesso em: 12 ago 2010.

MUSEU DEYROLLE. Disponível em: www.maisondeyrolle.fr. Acesso em 10 jan. 2010.

MUSEU WALTER ZUMBLICK. Disponível em: <http://www.unisul.br/campus-tubarao/cultura-e-eventos/espaco-fisico-e-visitacoes.html#Museu%20Walter%20Zumblick>. Acesso em 27 ago. 2010.

SEMINÁRIO DE CORUPÁ. Jardim Temático. Disponível em: <http://www.seminariodecorupa.com.br/site/?jardins-tematicos&area=sumario&id=11>. Acesso em: 20 fev. 2010.

SEMINÁRIO DE CORUPÁ SE RENOVA AOS 70. Disponível em: <http://www1.an.com.br/najaragua/2002/set/15/index.htm>. Acesso em 10 fev 2010

ÚMERO. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%9Amero>. Acesso em 12 set. 2010.

ZOOLOGICO DE POMERODE. Disponível em: <http://www.pomerzoo.org.br/zoopomero.de.asp>. Acesso em: 05 jan. 2010.

JORNAL CORREIO DO POVO. **Irmão Luiz**: Cinquenta anos Dedicados ao Seminário de Corupá. 23/12/1981. Edição nº 3.168.

JORNAL DE JOINVILLE. **O seminário de Hansa**. Joinville, 09/09/1929. Anno XI.

SCHAUFFERT, Ana. **Para conhecer**: um lugar abençoado por Deus. Seminário de corupá quer explorar potencial turístico e preservar o passado. Jornal O Correio do Povo. 20 fev. 2008.

FONTES CONSULTADAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Dicionário escolar da língua portuguesa. 2. ed. São Paulo: Nacional, 2008.

BERAT, Irmã Rita. *[Carta]* 21 out. 1983, Angelina [para] Pe. Dorvalino Eloy Koch scj, Brusque. 2 p. Sobre a Fundação da Escola Apostólica Sagrado Coração de Jesus.

BERRI, Pe. Luiz Carlos. **Informação** [mensagem pessoal] Mensagem recebida por <lcberry@gmail.com> em 18 un. 2010.

CONGREGAÇÃO DOS PADRES DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. Revista Der Wegweiser. Das Wirken der Genossenschaft der Herz-Jesu-Priester in Suedbrasilien, Novembro de 1934. Tradução de pe. Eloy Dorvalino Koch.

_____. Estatuto da Sociedade Congregação dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus. 1928. Datilografado.

_____. Contas (alunos). 1924/1928. Manuscrito.

_____. Conta Corrente dos alunos. nº 2, Hansa 04/03/35. (Manuscrito).

DECKER, Pe Irineu. Irmão Luiz Gartner, scj. São José dos Campos. 20 mai 2004. Material Digitado.

ENCICLOPÉDIA BARSA. **Museu**. v. 11. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britanica do Brasil, 1987.

HOUAISS, Antônio. **Enciclopédia Mirador Internacional**: Museus. v. 15. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1989.

KOCH, Eloy Dorvalino. **Convento SCJ**: contribuição à história da província e de Brusque (SC). São Paulo: Santuário de Aparecida, 1993.

_____. **Irmão Luiz Gartner scj**: perfil biográfico em contexto brusquense e dehoniano. Blumenau: Odorizzi, 2010.

NUSS, pe. Marilton. Brusque, 10/07/2010. Nota de entrevista.

SCHMITT, Pe. Roque José. O que seu sobre o Irmão Luís. Brusque. 10 fev 2004. Material digitado.

SCHMITZ, Pe. Vicente, SCJ. **História do Seminário de Corupá e da Congregação** (1928-1943). Trad. Pe. Eloy Dorvalino Koch scj. Manuscrito, 1982.

SEHNEM, Pe. Francisco. **Vida e obra de um pioneiro**: Padre Jacó Gabriel Lux SCJ. Curitiba: s/e. 2008.

SEMINÁRIO SCJ. **Irmão Luiz Godofredo Gartner, SCJ**: 50 anos de vida religiosa SCJ. Corupá. 1 set 1979. Folheto comemorativo datilografado.

SEMINÁRIO SCJ. **Irmão Luiz um mito da taxidermia** (1905 – 2005) Corupá. 2005. Folder comemorativo.

ARQUIVOS CONSULTADOS

Arquivo Provincial Padre Lux – Appal

Arquivo da Escola Apostólica Sagrado Coração de Jesus

Museu Irmão Luiz Gartner - MILG

APÊNDICES

APÊNDICE A: TAXIDERMIZAÇÃO: MATERIAIS E PROCEDIMENTOS

Quando chegamos a qualquer museu de animais taxidermizados para realizar uma visita e nos deparamos com exemplares expostos, tão perfeitos a ponto de parecerem que estão vivos, não temos noção de todo o trabalho que é realizado anteriormente para que seja possível a exposição. Por isso, é interessante entendermos um pouco sobre a técnica de taxidermização e seus procedimentos para ter conhecimento da complexidade que é “empalhar” animais e deixá-los como se estivessem vivos. Com este objetivo é que apresentaremos, a seguir, a técnica baseada em duas publicações, uma do autor Alberto Resende Monteiro, e a outra, na apostila da Universidade Estadual de Maringá.

A taxidermia artística é a técnica de preservar animais e exibi-los tais como quando vivos. A palavra *taxidermia* provém de duas palavras gregas que significam arranjo e pele; *taxis* quer dizer classificar, arranjar, organização; *derme*: pele; ou seja, arte de empalhar os animais (MONTEIRO, 1993). Esta técnica consiste na preparação da pele de um animal para estudos científicos ou exposição. Tradicionalmente, mamíferos e aves são os animais utilizados para serem preservados em coleções científicas (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, s/d, p.7).

Objetos ou produtos resultantes das atividades dos animais, tais como ninhos e abrigos, excrementos, rastros e pegadas, galerias, galhos, entre outros, são frequentemente incorporados nas coleções taxonômicas, o que se dá pela reunião de espécimes mortos ou partes corporais desses espécimes devidamente preservados (PAPAVERO, 1994).

Segundo dados coletados no Seminário SCJ e no trabalho publicado da Universidade Estadual de Maringá, alguns materiais são necessários à prática da técnica da taxidermia artística:

- 1) agulhas e linhas: de vários tipos, grossas e finas, para fazer a sutura (pontos cirúrgicos) nas peças;
- 2) algodão ou manta acrílica: para preenchimento do animal;
- 3) alicate: para o caso de haver necessidade de quebrar algum osso ou ajudar no corte de arames;
- 4) alúmen: produto químico que impede a putrefação (decomposição) da pele;
- 5) arame: colocado para substituir os ossos, de várias espessuras, de acordo com o tamanho do animal;
- 6) balança: para saber o peso do animal;
- 7) barbante: para fixação do molde;

- 8) bisturi: para fazer incisões na pele ou a escalpelação (separação do osso da pele);
- 9) bórax: produto químico que protege contra o ataque de insetos e fungos;
- 10) cola: para fixação dos olhos (durepox);
- 11) escova: a fim de alisar e limpar pelos e penas;
- 12) esparadrapo: usado para fazer a união dos arames internamente;
- 13) fio urso: fio resistente utilizado para amarrar o rotex na pata do animal;
- 14) formol 10%: aplicado em regiões que não são retiradas, como: pés, asas, cabeça, etc.;
- 15) furadeira e brocas: para madeiras ou suportes para a fixação dos animais;
- 16) jornais ou papel-toalha: para facilitar a limpeza do local utilizado para o trabalho prático;
- 17) lima: para afinar a ponta de um arame ou dar acabamento a uma peça;
- 18) luvas descartáveis: material útil para evitar contato direto com o animal e com os produtos químicos;
- 19) martelo: para pregar as peças nos suportes.
- 20) máscara descartável: utilizada para aplicação de formol ou quando o animal exale odor desagradável;
- 21) olhos de vidro: diferentes cores e tamanhos;
- 22) paquímetro: para a medição dos animais;
- 23) pinça/pinça hemostática: para apanhar fragmentos de carnes em lugares inacessíveis;
- 24) pincéis: de vários tamanhos, para pintura e retoque das peças;
- 25) régua de metal: para medir o animal;
- 26) rotex: local onde é inserido o número de identificação do animal;
- 27) rotulador: objeto para preparo do rotex;
- 28) seringa com agulha: para os casos especiais em que as carnes não possam ser retiradas a fim de injetar formol (em patas, por exemplo);
- 29) serragem: para retirar a umidade e gordura;
- 30) tesoura: para incisão.

No início da taxidermização dos animais no seminário utilizava-se arsênico, sob a fórmula de trióxido de arsênio, sendo um produto muito tóxico, mas com grande poder de conservação; hoje, prefere-se o ácido bórico, o alúmen ou o formol.

A preparação de um exemplar consiste num conjunto de operações que permite que ele seja guardado indefinidamente em uma coleção, sem que se estrague e que mantenha o

máximo de características do animal quando vivo, para que possa ser utilizado para futuro estudo científico.

Há variações do procedimento conforme o animal que será preparado, contudo para todos é necessário, primeiramente, o taxidermista medir o animal morto, assim como obter seu peso.

Peles de animais muito grandes e pesados são curtidas antes da modelagem final, caso dos mamíferos, cuja pele é removida cuidadosamente (escalpelação) e preservada com produtos químicos que lhe dêem consistência e impeçam a putrefação (apodrecimento). Estes produtos são os alúmens (sulfatos duplos de alumínio e potássio). A pele deve também passar por um processo de envenenamento, a fim de proteger indefinidamente contra o ataque de insetos e fungos. A substância mais utilizada para isso é o arsênico (óxido arsenioso); devido à sua alta toxidez, pode ser substituído por bórax (biborato de sódio) (SECRETARIA DA AGRICULTURA DE SÃO PAULO, 1967).

Para o preenchimento, sustentação e modelagem da pele, utilizam-se a manta acrílica ou algodão e arames. Outros materiais como: olhos de vidro e línguas feitas de massa são acrescentados à pele depois da montagem. Depois de acoplados a um suporte, injeta-se formol a 10% nas partes moles, como focinho, bochechas, almofadas das patas e orelhas, para que ocorra a fixação das células, fazendo com que o formol penetre em todos os músculos. O processo de fixação estabiliza as proteínas constituintes dos tecidos do animal, de forma que estes permaneçam o mais próximo possível do estado em que se encontrava em vida. Durante alguns dias, a pele deve ficar guardada em uma sala livre de umidade e luminosidade (sala de climatização) para que o processo de desidratação, envenenamento e fixação da pele se dê por completo, pois somente assim o animal estará pronto para a exposição (SOCIEDADE BRASILEIRA DE ZOOLOGIA, 1987; SECRETARIA DA AGRICULTURA DE SÃO PAULO, 1967).

Para preparar um exemplar de aves com a técnica de taxidermia, alguns procedimentos são diferentes. Neste caso, procede-se de acordo com os passos propostos por Monteiro (1993): encostar a ave com o dorso na mesa; em seguida, com a ponta dos dedos, separam-se as penas do alto do peito até abaixo do abdômen e, cautelosamente, faz-se uma incisão não muito profunda, o suficiente para que consiga separar a pele da carne, sem que haja sangramento. Após ter-se definido bem o corte, continua-se a separar com os dedos e com a ajuda de pinças a pele do corpo, com o cuidado constante de não arrancar penas e de não sangrar. A serragem deverá estar por perto em caso de aparecer qualquer vestígio de sangue que possa sujar as penas e também para evitar umidade natural da pele. Continuando a soltar a pele, chega-se à região das articulações coxais. Então, na região das coxas, devem-se

quebrar os ossos um pouco abaixo do osso grande da parte interna da perna abaixo do joelho, utilizando um alicate de ponta fina (se possível podem ser soltos os tendões com o bisturi, não havendo necessidade do alicate). Em seguida, vira-se a perna pelo avesso e, puxando-a pela ponta do osso, retira-se toda a carne tanto da pele quanto do osso, raspando até que ambos fiquem bem limpos. Deve-se tomar cuidado para não furar a pele. Se isto acaso acontecer, pode-se costurar, com um ponto ou mais, com bastante cuidado, de forma que fique imperceptível. Feito isso, volta-se a pele da coxa aplicando bórax e alúmen nesta região.

O passo seguinte será soltar a pele do resto do corpo, separando a cauda do pássaro e a outra coxa. Continua-se a destacar o corpo da ave com o dedo ou bisturi até as articulações das asas. Separando a pele até o aparecimento dos músculos, destaca-se então o úmero⁵¹ do restante do corpo com tesoura ou bisturi. Em seguida, o osso deve ser raspado para retirar a carne e fazer a aplicação dos produtos químicos.

Normalmente não se remove o crânio. O processo de limpeza da região interior craniana é feito com uma pinça envolvida com algodão. O conteúdo cefálico é extraído sem maiores problemas; em seguida, introduzem-se bórax e alúmen.

Para remoção dos olhos, eles precisam ser antes perfurados para deles extrair o líquido interior. Com isso, através de uma pinça, o olho pode ser retirado, tomando o cuidado para não danificar a região das pálpebras. Para retirar a língua, que também pode ser removida com a pinça hemostática, simplesmente abre-se o bico.

Depois de retirada a carcaça do animal, faz-se a aplicação de bórax e de alúmen sobre toda a parte interna, deixando o produto agir alguns minutos antes do preenchimento. Toda a carcaça da ave pode ser usada para estudos mais aprofundados. Para isso, colocam-se os ossos em água ou areia, ou seja, em maceração. Neste processo, toda a carne se decompõe, restando somente os ossos.

Terminadas todas estas operações, passa-se à fase final ou acabamento, que consiste na feitura do corpo com algodão, ou manta, e a colocação do arame como suporte do corpo. São usados normalmente quatro arames: um para suporte do crânio, um par para as pernas e um inteiro que vai de uma asa à outra (para isso também se pode usar um par). Os arames devem ser medidos no animal e afiados em uma das extremidades para melhor penetração.

Com algodão ou manta vai-se preenchendo o corpo do animal sem excessos ou falta. Procura-se dar uma forma bastante aproximada do que era a ave quando viva. Na região dos

⁵¹ O **úmero** é um osso longo que compõe a porção esquelética do braço humano, ou as patas dianteiras de mamíferos quadrúpedes. O úmero guarda muitas semelhanças com o fêmur. (Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%9Amero>).

olhos, faz-se uma pequena bolinha de algodão para preencher o espaço. Em seguida, colocam-se os olhos artificiais.

Uma vez pronto o animal, aplica-se formol nos pés, ao redor dos olhos, orelhas e na região das asas. A ave deve ser envolvida com uma faixa, a fim de não ocorrer a deformação. O animal pode ser fixado em suportes de diversas formas, dependendo da criatividade do executor. Em seguida, deve-se colocar em uma sala climatizada, livre de umidade e luz. Para isto, a sala necessita de um desumidificador de ar.

As peças deverão passar por revisões periódicas, para conferir seu estado de conservação ou qualquer problema que possa pôr em risco seu estado de conservação ou sua existência por causas como fungos, insetos, umidade penetrando no ambiente de coleção, etc.

A seguir serão apresentados os quadros contendo os materiais mapeados durante esta pesquisa. Este registro segue a metodologia elaborada pelo Grupo Temático G2 - Cultura Material Escolar: investigações comparadas sobre a escola graduada (1870-1950), composto por: César Castro, Diana Vidal, Eliane Peres, Gizele de Souza e Vera Lucia Gaspar da Silva. O G2 está vinculado ao Projeto Nacional de Pesquisa *Por uma teoria e uma história da escola primária no Brasil: investigações comparadas sobre a escola graduada (1870-1950)*, coordenado pela professora dra. Rosa Fátima de Souza.

Apêndice B: Jogos e brinquedos

JOGOS E BRINQUEDOS									
ANO	N	MATERIAL	MARCA	Quant.	TIPO DE FONTE	TIPO DE ESCOLA	DESCRIÇÃO DO DOCUMENTO	REFERÊNCIA DA FONTE	OBS.
1962 ⁵²	01	Bolas de futebol n° 3		05	Nota Fiscal: 12140.	EASCJ ⁵³	01 folha	Nota Fiscal expedido por: Conferência dos Religiosos do Brasil (RJ), 17-12-1962, Para: CPSCJ	Valor unitário: CR\$ 700 00
1962	02	Bolas de futebol n° 4		03	Nota Fiscal: 12140.	EASCJ	01 folha	Nota Fiscal expedido por: Conferência dos Religiosos do Brasil (RJ), 17-12-1962, Para: CPSCJ	Valor unitário: CR\$ 850 00
1962	03	Bolas de futebol n° 05 DT		10	Nota Fiscal: 12140.	EASCJ	01 folha	Nota Fiscal expedido por:	Valor unitário:

⁵² Refere-se a data do documento encontrado contendo esta informação.

⁵³ Escola Apostólica Sagrado Coração de Jesus – EASCJ.

								Conferência dos Religiosos do Brasil (RJ), 17-12-1962, Para: CPSCJ	CR\$ 1200 00
1962	04	Bolas de basquete		06	Nota Fiscal: 12140.	EASCJ	01 folha	Nota Fiscal expedido por: Conferência dos Religiosos do Brasil (RJ), 17-12-1962, Para: CPSCJ	Valor unitário: CR\$ 155 000

Apêndice C: Livros e revistas escolares

LIVROS, REVISTAS E MANUAIS ESCOLARES									
ANO	N	MATERIAL/ TÍTULO	MARCA/ Editora	Quant.	TIPO DE FONTE	TIPO DE ESCOLA	DESCRIÇÃO DO DOCUMENTO	REFERÊNCIA DA FONTE	OBS.
1929	01	Xenophons Anabasis (A volta de Xenophonte)	Münster: Aschendorfs	01	Livro	EASCJ	Livro escolar		Arquivado no Appal. De Aschendorfs a coleção de textos clássicos Greco-latinos.
	02	Livros de canto chão			Resumo do Inventário	EASCJ			Arquivo de Corupá
	03	ARS LATINA, Tomo II	Petrópolis: Vozes	01	Manual		Manual Escolar		Arquivado no Appal
	04	CHOLLET, Marc. Tábuas de logarítmos: a cinco decimais	6.ed. Rio de Janeiro: Briguiet	01	Manual		Manual escolar para estudo de álgebra.		Arquivado no Appal
1943									
1942									
1952	05	CERISE, Irmão Savino. Problemas de Física com soluções completas para a terceira série colegial.	RJ; SP: Paulo de Azevedo; Francisco Alves	01	Manual		Manual escolar		Arquivado no Appal

Apêndice D: Materiais visuais, sonoros e táteis para o ensino

MATERIAIS VISUAIS, SONOROS E TÁTEIS PARA O ENSINO									
ANO	N	MATERIAL	MARCA	Quant.	TIPO DE FONTE	TIPO DE ESCOLA	DESCRIÇÃO DO DOCUMENTO	REFERÊNCIA DA FONTE	OBS.
1943	01	Gabinete de Física		01	Resumo do Inventário	EASCJ			Transferido para Brusque CSL em 2001
	02	Mapas		20					
1932	03	Trombone		02	Foto	EASCJ	Foto arquivada no Appal, em: Fotos Fichadas Grupal, cidade de Corupá - SC		Instrumento da Banda do Seminário SCJ de Corupá, transferida de Brusque para Corupá em 1932.
1932	04	Pistão		02	Foto	EASCJ	Foto arquivada no Appal, em: Fotos Fichadas Grupal, cidade de Corupá - SC		Instrumento da Banda do Seminário SCJ de Corupá, transferida de Brusque para Corupá em 1932.
1932	05	Caixa		01	Foto	EASCJ	Foto arquivada no Appal, em: Fotos Fichadas Grupal, cidade de Corupá - SC		Instrumento da Banda do Seminário SCJ de Corupá, transferida de Brusque para Corupá em 1932.
1932	06	Bumbo		01	Foto	EASCJ	Foto arquivada no Appal, em: Fotos Fichadas Grupal, cidade de Corupá - SC		Instrumento da Banda do Seminário SCJ de Corupá, transferida de Brusque para Corupá em 1932.
1932	07	Pratos			Foto	EASCJ	Foto arquivada no Appal, em: Fotos Fichadas Grupal, cidade de Corupá - SC		Instrumento da Banda do Seminário SCJ de Corupá, transferida de Brusque para Corupá em 1932.
1932	08	Clarinete		02	Foto	EASCJ	Foto arquivada no Appal, em: Fotos Fichadas Grupal, cidade de Corupá - SC		Instrumento da Banda do Seminário SCJ de Corupá, transferida de Brusque para Corupá em 1932.

1932	09	Baixo		01	Foto	EASCJ	Foto arquivada no Appal, em: Fotos Fichadas Grupal, cidade de Corupá - SC		Instrumento da Banda do Seminário SCJ de Corupá, transferida de Brusque para Corupá em 1932.
1948	10	Contra-baixo		01	Foto	EASCJ	Foto arquivada no Appal, em: Fotos Fichadas Grupal, cidade de Corupá - SC		Instrumento da Orquestra do Seminário SCJ de Corupá, Fundada pelo Pe. José Muehlhoff, entre 1948 e 1950.
1948	11	Flauta		06	Foto	EASCJ	Foto arquivada no Appal, em: Fotos Fichadas Grupal, cidade de Corupá - SC		Instrumento da Orquestra do Seminário SCJ de Corupá, Fundada pelo Pe. José Muehlhoff, entre 1948 e 1950.
1948	12	Bateria		01	Foto	EASCJ	Foto arquivada no Appal, em: Fotos Fichadas Grupal, cidade de Corupá - SC		Instrumento da Orquestra do Seminário SCJ de Corupá, Fundada pelo Pe. José Muehlhoff, entre 1948 e 1950.
1948	13	Violão celo		01	Foto	EASCJ	Foto arquivada no Appal, em: Fotos Fichadas Grupal, cidade de Corupá - SC		Instrumento da Orquestra do Seminário SCJ de Corupá, Fundada pelo Pe. José Muehlhoff, entre 1948 e 1950.
1948	14	Violino		08	Foto	EASCJ	Foto arquivada no Appal, em: Fotos Fichadas Grupal, cidade de Corupá - SC		Instrumento da Orquestra do Seminário SCJ de Corupá, Fundada pelo Pe. José Muehlhoff, entre 1948 e 1950.

Apêndice E: Material de Higiene

MATERIAL DE HIGIENE									
ANO	N	MATERIAL	MARCA	Quant.	TIPO DE FONTE	TIPO DE ESCOLA	DESCRIÇÃO DO DOCUMENTO	REFERÊNCIA DA FONTE	OBS.
1943	1	Urinoes		10	Administrativo: Resumo do Inventário	EASCJ	Dcto datilografado.	PIAZERA, Pe. Honorato scj. Resumo do Inventário da Casa de Hansa. 18 de julho de 1943. p. 3	Provavelmente este documento foi feito pelo padre diretor da época, Pe. Honorato Piazera (1940- 1946)
1943	2	Gabinete de dentista		01	Administrativo: Resumo do Inventário	EASCJ	Dcto datilografado.	PIAZERA, Pe. Honorato scj. Resumo do Inventário da Casa de Hansa. 18 de julho de 1943. p. 3	Provavelmente este documento foi feito pelo padre diretor da época, Pe. Honorato Piazera (1940- 1946)

Apêndice F: Material de Limpeza

MATERIAL DE LIMPEZA									
ANO	N	MATERIAL	MARCA	Quant.	TIPO DE FONTE	TIPO DE ESCOLA	DESCRIÇÃO DO DOCUMENTO	REFERÊNCIA DA FONTE	OBS.
1975	01	Baldes		20	Estatística do Equipamento e material permanente	EASCJ	01 folha	Diretor Augusto Cesar Pereira scj, 18-12-1975.	No documento afirma que está em bom estado

Apêndice G: Mobília

MOBÍLIA									
ANO	N	MATERIAL	MARCA	Quant.	TIPO DE FONTE	TIPO DE ESCOLA	DESCRIÇÃO DO DOCUMENTO	REFERÊNCIA DA FONTE	OBS.
1975	01	Armários		8	Administrativo: Estatística do Equipamento e material permanente	EASCJ	01 folha	Diretor Augusto Cesar Pereira scj, 18-12-1975.	No dcto diz q está em bom estado
1975	02	Carteiras individuais	Móveis Cimo ⁵⁴	200	Administrativo: Estatística do Equipamento e material permanente	EASCJ	01 folha	Diretor Augusto Cesar Pereira scj, 18-12-1975.	No dcto diz q está em bom estado
1975	03	Cadeiras		300	Administrativo: Estatística do Equipamento e material permanente	EASCJ	01 folha	Diretor Augusto Cesar Pereira scj, 18-12-1975.	No dcto diz q está em bom estado
1975	04	Bancos para professor		6	Administrativo: Estatística do Equipamento e material permanente	EASCJ	01 folha	Diretor Augusto Cesar Pereira scj, 18-12-1975.	No dcto diz q está em bom estado

⁵⁴ Móveis de Rio Negrinho fabricavam carteiras escolares, aproximadamente na década de 1960.

Apêndice H: Organização/ Escrituração

ORGANIZAÇÃO/ESCRITURAÇÃO DA ESCOLA									
ANO	N	MATERIAL	MARCA	Quant.	TIPO DE FONTE	TIPO DE ESCOLA	DESCRIÇÃO DO DOCUMENTO	REFERÊNCIA DA FONTE	OBS.
1962	05	Máquina Office	Ritter, nº EB 6 124 406 / 414/ 515	03	Nota Fiscal: 12140.	EASCJ	01 folha	Nota Fiscal expedido por: Conferência dos Religiosos do Brasil (RJ), 17-12-1962, Para: CPSCJ	Valor unitário: CR\$ 52000 00
1975	02	Mimeógrafo		1	Administrativo: Estatística do Equipamento e material permanente	EASCJ	01 folha	Diretor Augusto Cesar Pereira scj, 18-12-1975.	No dcto diz q está em bom estado
1975	03	Máquina de escrever		20	Administrativo: Estatística do Equipamento e material permanente	EASCJ	01 folha	Diretor Augusto Cesar Pereira scj, 18-12-1975.	No dcto diz q 5 máquinas estão em bom estadoe 15 estão em estado regular
1975	04	Grampeador		01	Administrativo: Estatística do Equipamento e material permanente	EASCJ	01 folha	Diretor Augusto Cesar Pereira scj, 18-12-1975.	No dcto diz q está em bom estado
1975	01	Relógio de parede		01	Administrativo: Estatística do Equipamento e material permanente	EASCJ	01 folha	Diretor Augusto Cesar Pereira scj, 18-12-1975.	No dcto diz q está em bom estado

Apêndice I: Ornamentos

ORNAMENTOS									
ANO	N	MATERIAL	MARCA	Quant.	TIPO DE FONTE	TIPO DE ESCOLA	DESCRIÇÃO DO DOCUMENTO	REFERÊNCIA DA FONTE	OBS.
1975	01	Bandeiras do Brasil e SC		04	Estatística do Equipamento e material permanente	EASCJ	01 folha	Diretor Augusto Cesar Pereira scj, 18-12-1975.	No dcto diz q está em bom estado
1975	02	Crucifixo		07	Estatística do Equipamento e material permanente	EASCJ	01 folha	Diretor Augusto Cesar Pereira scj, 18-12-1975.	No dcto diz q está em bom estado

Apêndice J: Prédios escolares

PRÉDIOS ESCOLARES									
ANO	N	MATERIAL	MARCA	Quant.	TIPO DE FONTE	TIPO DE ESCOLA	DESCRIÇÃO DO DOCUMENTO	REFERÊNCIA DA FONTE	OBS.
1943	01	Banheiros		02	Administrativo: Resumo do Inventário	EASCJ	Dcto datilografado.	PIAZERA, Pe. Honorato scj. Resumo do Inventário da Casa de Hansa. 18 de julho de 1943. p. 3	Provavelmente este documento foi feito pelo padre diretor da época, Pe. Honorato Piazero (1940-1946)
1943	02	Bibliotecas		02/03 (?)	Administrativo: Resumo do Inventário	EASCJ	Dcto datilografado.	PIAZERA, Pe. Honorato scj. Resumo do Inventário da Casa de Hansa. 18 de julho de 1943. p. 3	Neste mesmo documento existia duplicidade de ambiente. Provavelmente este documento foi feito pelo padre diretor da época, Pe. Honorato Piazero (1940-1946)
1943	03	Capelas		02	Administrativo: Resumo do Inventário	EASCJ	Dcto datilografado.	PIAZERA, Pe. Honorato scj. Resumo do Inventário da Casa de Hansa. 18 de julho de 1943. p. 3	Provavelmente este documento foi feito pelo padre diretor da época, Pe. Honorato Piazero (1940-1946)
1943	04	Corredores		04	Administrativo: Resumo do Inventário	EASCJ	Dcto datilografado.	PIAZERA, Pe. Honorato scj. Resumo do Inventário da Casa de Hansa. 18 de julho de 1943. p. 3	Provavelmente este documento foi feito pelo padre diretor da época, Pe. Honorato Piazero (1940-1946)

	05	Cozinha		01	Administrativo: Resumo do Inventário	EASCJ	Dcto datilografado.	PIAZERA, Pe. Honorato scj. Resumo do Inventário da Casa de Hansa. 18 de julho de 1943. p. 3	Provavelmente este documento foi feito pelo padre diretor da época, Pe. Honorato Piazero (1940-1946)
1943	06	Dormitórios		04	Administrativo: Resumo do Inventário	EASCJ	Dcto datilografado.	PIAZERA, Pe. Honorato scj. Resumo do Inventário da Casa de Hansa. 18 de julho de 1943. p. 3	Provavelmente este documento foi feito pelo padre diretor da época, Pe. Honorato Piazero (1940-1946)
1943	07	Enfermaria		02	Administrativo: Resumo do Inventário	EASCJ	Dcto datilografado.	PIAZERA, Pe. Honorato scj. Resumo do Inventário da Casa de Hansa. 18 de julho de 1943. p. 3	Provavelmente este documento foi feito pelo padre diretor da época, Pe. Honorato Piazero (1940-1946)
1943	08	Escadarias		03	Administrativo: Resumo do Inventário	EASCJ	Dcto datilografado.	PIAZERA, Pe. Honorato scj. Resumo do Inventário da Casa de Hansa. 18 de julho de 1943. p. 3	Provavelmente este documento foi feito pelo padre diretor da época, Pe. Honorato Piazero (1940-1946)
1943	09	Farmácia		01	Administrativo: Resumo do Inventário	EASCJ	Dcto datilografado.	PIAZERA, Pe. Honorato scj. Resumo do Inventário da Casa de Hansa. 18 de julho de 1943. p. 3	Provavelmente este documento foi feito pelo padre diretor da época, Pe. Honorato Piazero (1940-1946)
1943	10	Janelas com vidro		180	Administrativo: Resumo do Inventário	EASCJ	Dcto datilografado.	PIAZERA, Pe. Honorato scj. Resumo do Inventário da	Provavelmente este documento foi feito pelo padre diretor da época, Pe. Honorato Piazero

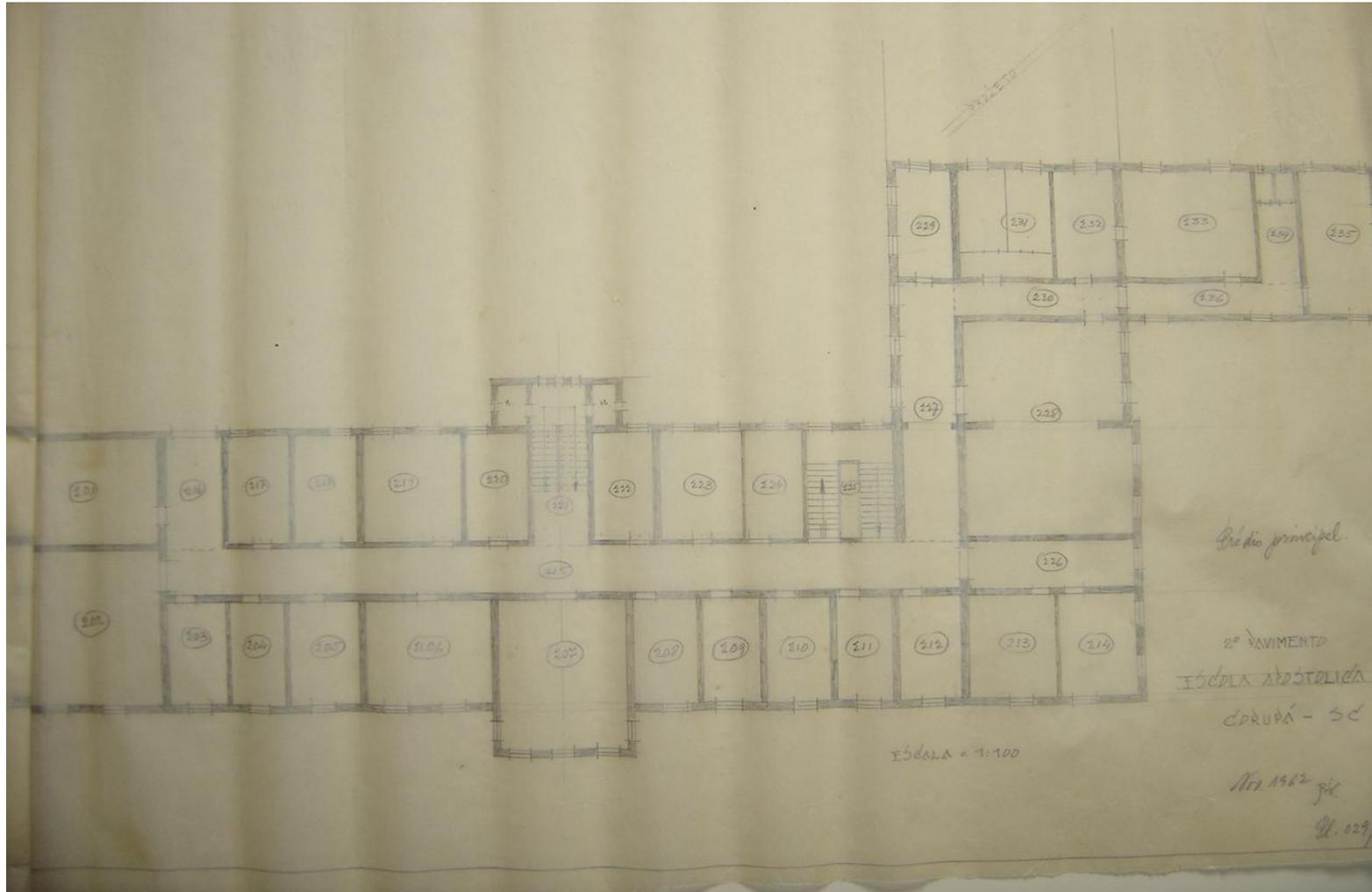
								Casa de Hansa. 18 de julho de 1943. p. 3	(1940-1946)
1943	11	Lavanderia		01	Administrativo: Resumo do Inventário	EASCJ	Dcto datilografado.	PIAZERA, Pe. Honorato scj. Resumo do Inventário da Casa de Hansa. 18 de julho de 1943. p. 3	Provavelmente este documento foi feito pelo padre diretor da época, Pe. Honorato Piazero (1940-1946)
1943	12	Lavatórios		35	Administrativo: Resumo do Inventário	EASCJ	Dcto datilografado.	PIAZERA, Pe. Honorato scj. Resumo do Inventário da Casa de Hansa. 18 de julho de 1943. p. 3	Provavelmente este documento foi feito pelo padre diretor da época, Pe. Honorato Piazero (1940-1946)
1943	13	Museu		01	Administrativo: Resumo do Inventário	EASCJ	Dcto datilografado.	PIAZERA, Pe. Honorato scj. Resumo do Inventário da Casa de Hansa. 18 de julho de 1943. p. 3	Provavelmente este documento foi feito pelo padre diretor da época, Pe. Honorato Piazero (1940-1946)
1943	14	Padaria		01	Administrativo: Resumo do Inventário	EASCJ	Dcto datilografado.	PIAZERA, Pe. Honorato scj. Resumo do Inventário da Casa de Hansa. 18 de julho de 1943. p. 3	Provavelmente este documento foi feito pelo padre diretor da época, Pe. Honorato Piazero (1940-1946)
1943	15	Quarto de ferramentas dos meninos		01	Administrativo: Resumo do Inventário	EASCJ	Dcto datilografado.	PIAZERA, Pe. Honorato scj. Resumo do Inventário da Casa de Hansa. 18 de julho de 1943. p. 3	Provavelmente este documento foi feito pelo padre diretor da época, Pe. Honorato Piazero (1940-1946)

1943	16	Quartos		20	Administrativo: Resumo do Inventário	EASCJ	Dcto datilografado.	PIAZERA, Pe. Honorato scj. Resumo do Inventário da Casa de Hansa. 18 de julho de 1943. p. 3	Provavelmente este documento foi feito pelo padre diretor da época, Pe. Honorato Piazero (1940-1946)
1943	17	Refeitórios		07	Administrativo: Resumo do Inventário	EASCJ	Dcto datilografado.	PIAZERA, Pe. Honorato scj. Resumo do Inventário da Casa de Hansa. 18 de julho de 1943. p. 3	Provavelmente este documento foi feito pelo padre diretor da época, Pe. Honorato Piazero (1940-1946)
1943	18	Rouparias		02	Administrativo: Resumo do Inventário	EASCJ	Dcto datilografado.	PIAZERA, Pe. Honorato scj. Resumo do Inventário da Casa de Hansa. 18 de julho de 1943. p. 3	Provavelmente este documento foi feito pelo padre diretor da época, Pe. Honorato Piazero (1940-1946)
1943	19	Sala de Objetos de Teatro		01	Administrativo: Resumo do Inventário	EASCJ	Dcto datilografado.	PIAZERA, Pe. Honorato scj. Resumo do Inventário da Casa de Hansa. 18 de julho de 1943. p. 3	Provavelmente este documento foi feito pelo padre diretor da época, Pe. Honorato Piazero (1940-1946)
1943	20	Salas		03	Administrativo: Resumo do Inventário	EASCJ	Dcto datilografado.	PIAZERA, Pe. Honorato scj. Resumo do Inventário da Casa de Hansa. 18 de julho de 1943. p. 3	Provavelmente este documento foi feito pelo padre diretor da época, Pe. Honorato Piazero (1940-1946)
1943	21	Salas de aula		07	Administrativo: Resumo do Inventário	EASCJ	Dcto datilografado.	PIAZERA, Pe. Honorato scj. Resumo do Inventário da	Provavelmente este documento foi feito pelo padre diretor da época, Pe. Honorato Piazero

								Casa de Hansa. 18 de julho de 1943. p. 3	(1940-1946)
1943	22	Sapataria		01	Administrativo: Resumo do Inventário	EASCJ	Dcto datilografado.	PIAZERA, Pe. Honorato scj. Resumo do Inventário da Casa de Hansa. 18 de julho de 1943. p. 3	Provavelmente este documento foi feito pelo padre diretor da época, Pe. Honorato Piazero (1940-1946)
1943	23	Sótão com depósito de malas			Administrativo: Resumo do Inventário	EASCJ	Dcto datilografado.	PIAZERA, Pe. Honorato scj. Resumo do Inventário da Casa de Hansa. 18 de julho de 1943. p. 3	Provavelmente este documento foi feito pelo padre diretor da época, Pe. Honorato Piazero (1940-1946)

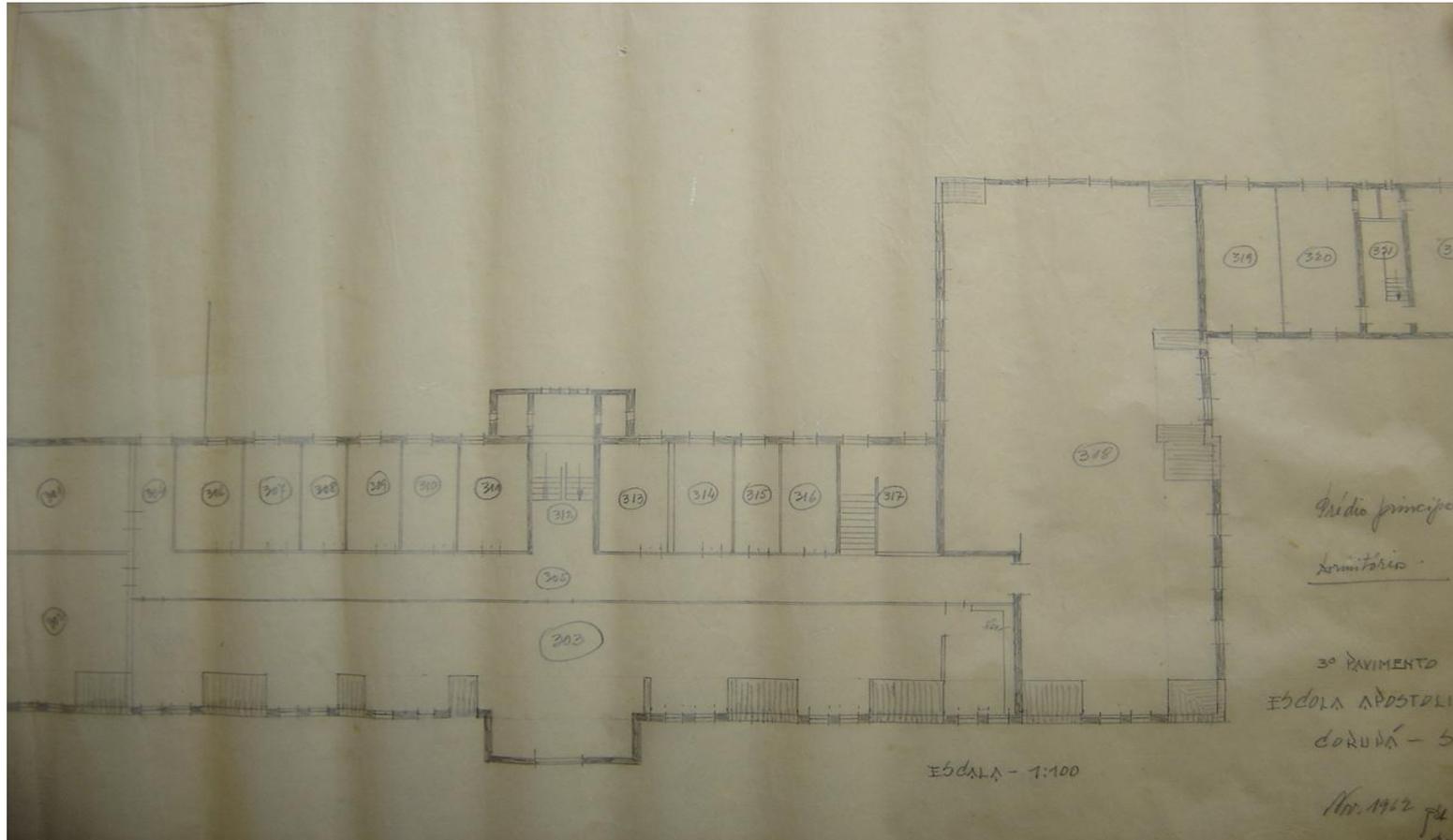
ANEXOS

Anexo 2: Planta segundo pavimento



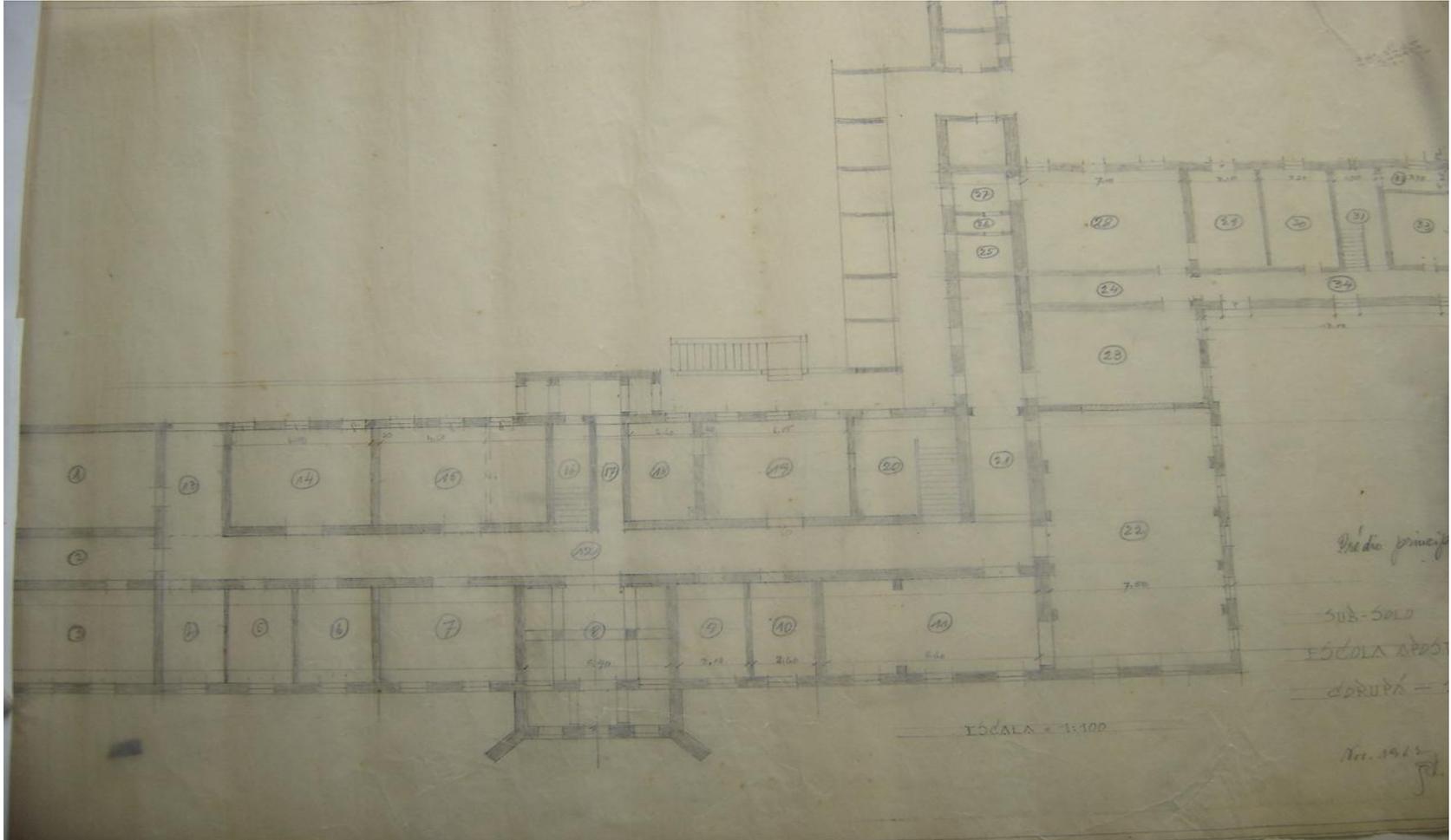
Fonte: Foto de Karina Santos Vieira Schlickmann.

Anexo 3: Planta terceiro pavimento



Fonte: Foto de Karina Santos Vieira Schlickmann.

Anexo 4: Planta do Subsolo



Fonte: Foto de Karina Santos Vieira Schlickmann.

Anexo 5: Refeitório do Seminário, em 1932



Fonte: Acervo do Appal (Coleção Pe. Fidélis 09)